

CELSO ANTÔNIO BACHESCHI

OS VALORES EXPRESSIVOS DOS AFIOS NA NORMA URBANA CULTA DE
SÃO PAULO

Mestrado em Língua Portuguesa

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP

São Paulo

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CELSO ANTÔNIO BACHESCHI

OS VALORES EXPRESSIVOS DOS AFIOS NA NORMA URBANA CULTA DE
SÃO PAULO

Mestrado em Língua Portuguesa

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título
de MESTRE em Língua Portuguesa, sob
orientação do Prof. Dr. Dino Preti.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP

São Paulo

2006

Comissão Julgadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Dino Preti, aos Professores Ana Rosa Ferreira Dias, Jeni da Silva Turazza, João Hilton, Leonor Lopes Fávero, Maria Teresa Strôngoli e Neusa Bastos. Agradeço também a todos os colegas do curso, à minha família e a todos que, de alguma forma, me apoiaram e incentivaram na realização deste trabalho, entre os quais, gostaria de citar Sérgio Smirnov e Maria Angélica Beloto Batista.

RESUMO

Este trabalho tem como *corpus* as gravações realizadas pelo Projeto NURC/SP, contidas nos três volumes da série *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. Nele, analisam-se os valores expressivos dos afixos.

Grande parte do trabalho é dedicada ao sufixo *-inho*, uma vez que é o elemento expressivo mais comum nas gravações.

Ao lado do sentido de diminutivo, *-inho* foi adquirindo outros especialmente expressivos, entre os quais se identificam os de afetividade, intensificação, atenuação, exatidão, ausência de dúvida, pejoração, semelhança, eufemismo, exigüidade e ironia. Inicialmente ocorrendo como forma presa a substantivos, o sufixo *-inho* passa a ligar-se a palavras de outras classes como os adjetivos, advérbios, numerais, pronomes, verbos e interjeições.

Na análise do *corpus*, observa-se que o valor que o sufixo confere à palavra pode variar de acordo com o contexto.

Observa-se também que o sufixo *-inho* é mais freqüente quando os falantes tratam de temas como animais, crianças e alimentos. Nota-se também que os valores do sufixo variam em conformidade com o tipo de inquérito.

Outros sufixos analisados são *-ento*, *-eco*, *-ice*, *-eiro*, *-ado*, *-ão*, *-aço*, *-esco*, *-imo* e *-eria* (*-aria*). Entre eles, observamos, principalmente, valores pejorativos, intensificadores e coletivos. Os prefixos expressivos são de valor intensificador.

A presença desses elementos expressivos é utilizada para se medir o grau de formalidade dos inquéritos.

Como referencial teórico, foram utilizados conceitos de Estilística, Sociolingüística e Análise da Conversação.

Palavras-chave: Língua oral; Estilística; Sociolingüística; Morfologia.

ABSTRACT

The *corpus* of this work are recordings made by the NURC/SP Project, contained in three volumes of *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. The expressive values of the affixes are analyzed in it.

Most of the work is dedicated to the *-inho* suffix, because this is the most common expressive element of the recordings.

In addition to the diminutive sense, *-inho* has acquired specially expressive others, among them values of intensification, attenuation, exactness, lack of doubt, depreciation, similarity, euphemism, exiguity and irony are identified. Initially, occurring as a form linked to nouns, the *-inho* suffix begins to bind itself to other class words like adjectives, adverbs, numbers, pronouns, verbs, interjections.

In the analysis of the *corpus*, it is observed that the value that the suffix gives to the word can change according to the context.

It is observed too that the *-inho* suffix occurs more often when the speakers are talking about matters as animals, children and food. It is noticed too that the suffix values change according to the type of inquiry.

Other suffixes analyzed are *-ento*, *-eco*, *-ice*, *-eiro*, *-ado*, *-ão*, *-aço*, *-esco*, *-imo* and *-eria* (*-aria*). Among them, we observe mainly pejorative, intensifying and collective values. The expressive prefixes have intensifying value.

The presence of those expressive elements is used to measure the degree of formality of the inquiries.

As theoretical referential, concepts of Stylistics, Sociolinguistics and Conversation Analysis were utilized.

Key-words: Oral language; Stylistics; Sociolinguistics; Morphology.

SUMÁRIO

Introdução	8
1. <i>Corpus</i>	11
1. 1. Histórico do Projeto NURC	11
1. 2. Inquéritos que compõem o <i>corpus</i> deste trabalho	21
2. Referencial teórico	28
2. 1. A Estilística	28
2. 2. A Sociolinguística	35
2. 3. Análise da Conversação	50
3. Os valores expressivos dos afixos na norma urbana culta de São Paulo	55
3. 1. Sufixos	55
3. 2. Prefixos	56
4. O Sufixo <i>-inho</i>	57
4. 1. O sufixo <i>-inho</i> nas elocuições formais	60
4. 2. O sufixo <i>-inho</i> nos diálogos	72
4. 3. O sufixo <i>-inho</i> nas entrevistas	89
4. 2. Outros sufixos	108
4. 2. 1. O sufixo <i>-ento</i>	109
4. 2. 2. O sufixo <i>-eco</i>	110
4. 2. 3. O sufixo <i>-ice</i>	111
4. 2. 4. O sufixo <i>-eiro</i>	112
4. 2. 5. O sufixo <i>-ado</i>	115
4. 2. 6. O sufixo <i>-ão</i>	117
4. 2. 7. O sufixo <i>-aço</i>	119
4. 2. 8. O sufixo <i>-esco</i>	120
4. 2. 9. O sufixo <i>-imo</i>	121
4. 2. 10. O sufixo <i>-eria (-aria)</i>	124
4. 3. Prefixos	127
4. 3. 1. Intensificadores	127
4. 3. 2. Pseudoprefixos	130
Considerações finais	133
Referências bibliográficas	136

INTRODUÇÃO

Vários são os elementos expressivos presentes na linguagem oral. Alguns deles, na verdade, nem são elementos lingüísticos, como os gestos e as expressões faciais, mas todos os elementos que fazem parte do processo de comunicação têm um potencial expressivo.

Ao examinar as transcrições dos inquéritos do Projeto NURC/SP, chamou-nos a atenção a profusão de efeitos expressivos alcançados por meio do emprego dos afixos (sobretudo os sufixos), dos quais os falantes se serviam em diferentes situações de comunicação. Essa constatação levou-nos a estabelecer como objetivo deste trabalho a análise da grande variedade de possibilidades de expressão posta à disposição do falante ao se utilizar desses elementos mórficos, com intuito de fazer um levantamento das finalidades lingüísticas atingidas pelos falantes. Feita essa delimitação, estabelecemos como justificativa para este trabalho a necessidade de se aprofundar o conhecimento dos elementos expressivos da linguagem falada.

Assentamos como o problema a ser abordado neste trabalho a forte presença dos recursos expressivos citados na linguagem dos falantes cultos, os diferentes modos como esses recursos são utilizados e a relação entre essa utilização e a situação de comunicação. Propomos-nos a responder às seguintes perguntas: quais os efeitos expressivos produzidos pelo emprego dos sufixos? A presença dos sufixos expressivos é um dos elementos que permitem medir o grau de formalidade do discurso?

Por meio da análise a que procederemos, relacionaremos, dentro dos limites que estabelecemos, os recursos expressivos utilizados pelos falantes cultos, o que nos permitirá atestar que esses não são exclusivos da linguagem dos falantes cultos, mas podem ser comuns também aos falantes de menor grau de escolaridade. Será possível demonstrar, também, que por intermédio de comparações entre os diferentes tipos de inquérito, podemos medir o grau de formalidade da linguagem com base na maior ou menor incidência desses

recursos expressivos. Dessa forma, podemos afirmar que o emprego dos afixos expressivos varia em conformidade com o tipo dos inquéritos. Essa constatação não se baseia exclusivamente em dados estatísticos, mas também em critérios qualitativos. Tratando especificamente do sufixo *-inho*, o seu grande número de ocorrências nos inquéritos – bastante superior aos demais – permite-nos relacionar os tipos de ocorrências com os diferentes tipos de inquéritos. Na análise dos inquéritos, utilizaremos princípios de Sociolinguística, Análise da Conversação e Estilística.

No capítulo que trata do *corpus* deste trabalho, faremos uma breve exposição acerca da história do Projeto NURC/SP, dando atenção especial ao núcleo de São Paulo. Em seguida, expomos as normas de transcrição dos inquéritos do Projeto e as informações sobre os inquéritos que compõem o *corpus* deste trabalho.

Logo após esse capítulo, tratamos, em poucas palavras, do referencial teórico no qual nos baseamos. Nesse capítulo, definimos a questão da estilística da língua escrita e falada, definimos o conceito de falante culto de acordo com os critérios do Projeto e expomos brevemente os conceitos de Análise da Conversação de que nos utilizaremos.

Em seguida, passamos à análise dos exemplos, em que tratamos do sufixo *-inho*, dividindo as ocorrências pelos tipos de inquérito, uma vez que, como se verá, há certos usos que ocorrem mais freqüentemente em determinados tipos de inquéritos. Após uma análise das propriedades morfológicas do sufixo, os exemplos de ocorrências são divididos segundo o valor expressivo, em que destacamos o “valor neutro” (mais comum nas elocuições formais¹), o valor

1. Nos exemplos retirados do Projeto NURC/SP, utilizam-se, para designar os diferentes tipos de inquérito, as siglas EF (elocuições formais), D2 (diálogos entre dois informantes) e DID (diálogo entre informante e documentador).

intensificador, o “valor afetivo”² (mais comum nos diálogos), o valor de exatidão, o valor depreciativo, o valor irônico, o valor de exigüidade e o “valor cognitivo” (mais comum nas entrevistas).

Na análise dos exemplos dos demais sufixos, focalizamos os sufixos *-ento*, *-eco* e *-ice*, com valores depreciativos, o sufixo *-eiro*, o sufixo *-ado*, com valor coletivo-depreciativo e expressando idéia de resultado de ação, os sufixos *-ão* e *-esco*, com valor depreciativo, o sufixo *-imo*, com valor intensificador e o sufixo *-eria* (*-aria*), com valor coletivo e durativo. Em seguida, analisam-se os prefixos *super-* e *ultra-*, de valor intensificador e os pseudoprefixos, que são radicais degradados ao nível dos sufixos.

2. Advertimos, também, que o termo “afetividade” (assim como “afetivo”) será empregado com o sentido assentado por Câmara Júnior (2004), ou seja, de capacidade “a) de exprimir o falante na linguagem os sentimentos de simpatia, entusiasmo ou repulsa que lhe despertam as idéias enunciadas, bem como – b) de despertar nos ouvintes análogos sentimentos”. Em contrapartida, para nos referirmos a termos evocativos de sentimentos de afeto, apego, carinho, ternura, simpatia etc., empregaremos “afetuosidade” e “afetuoso”.

1. CORPUS

Tendo este trabalho como *corpus* gravações do Projeto NURC/SP, apresentamos, a seguir um histórico do Projeto, que vai de sua concepção aos dias atuais, em que citamos as principais publicações ensejadas pelo núcleo de São Paulo. Acrescentamos que a análise que se seguirá compreende todos os inquéritos presentes nos três volumes de *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: Materiais para seu Estudo*, os quais foram selecionados pelos autores, tendo como critério o tema e o eventual grau de interesse para pesquisa.

1. 1. Histórico do Projeto NURC

A Dialectologia do século XIX e início do século XX foi uma disciplina ligada diretamente à Lingüística Histórica, uma vez que seus interesses voltavam-se para a identificação de traços regionais, nos quais, mediante a identificação de resquícios lingüísticos, podiam-se estabelecer conexões entre formas contemporâneas e arcaicas. Na segunda metade do século XX, surge uma nova orientação no estudo das variações lingüísticas, cujo foco se vai guinar dos rincões para os grandes centros urbanos. É a “Dialectologia Urbana” (Castilho & Preti, 1986).

Paralelamente, cresce o interesse pelo estudo da norma culta, que, no Brasil, carecia de uma abordagem sistemática, a ponto de se alargar a distância entre o que as gramáticas consideravam norma culta vigente e a norma literária efetivamente praticada.

A oportunidade de realizar uma descrição metódica do português padrão do Brasil surgiu a partir da proposta de Juan M. Lope Blanch, o “Proyecto de Estudio del Habla Culta de las Principales Ciudades de Hispanoamérica”, que foi apresentada, em 1964, à Comissão de Lingüística e Dialectologia Ibero-americana do “Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Idiomas” (PILEI), por ocasião do II Simpósio da entidade, realizado em Bloomington, Estados Unidos. A

proposta trazia, desde seu início, a idéia de compreender em si o mundo de língua portuguesa. Lope Blanch obteve a adesão ao projeto de lingüistas de Montevideu, Buenos Aires, Santiago do Chile, Bogotá, Lima, Caracas, Havana, México, San Juan de Porto Rico e Madri (op. cit.).

O projeto consistia na gravação da fala urbana culta de 600 informantes¹ de nível universitário, nativos das cidades sob estudo, filhos de falantes do espanhol, totalizando um arquivo sonoro de 400 horas de gravação (em cada cidade). Os informantes seriam divididos em três faixas etárias: de 25 a 35 anos (30%), de 36 a 55 anos (45%) e de mais de 56 anos (25%). Esse arquivo consistiria em gravações secretas de diálogos espontâneos (10%), diálogos entre dois informantes (40%), diálogos entre informante e documentador (40%) e elocuições em atitude formal (10%) sobre temas pré-estabelecidos.

O Professor Néelson Rossi, da Universidade Federal da Bahia, convidado a participar do projeto, apresentou um relatório no IV Congresso do PILEI em que propõe a participação de cinco cidades brasileiras com um mínimo de um milhão de habitantes: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre e Salvador. Aprovado o relatório, o Professor Néelson Rossi foi encarregado de indicar os coordenadores do Projeto em cada cidade, que foram o Professor José Brasileiro Vilanova, da Universidade Federal de Pernambuco (Recife); o Professor Néelson Rossi, da Universidade Federal da Bahia (Salvador); o Professor Celso F. da Cunha, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro); os professores Isaac Nicolau Salum, da Universidade de São Paulo, e Ataliba T. de Castilho, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (São Paulo) e o Professor Albino de Bem Veiga, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre).

Foram estabelecidos, na IV Reunião Nacional do Projeto, realizada em Porto Alegre, em 1973, os seguintes objetivos:

1. Advertimos que os termos "informante", "locutor", "interlocutor" e "falante", assim como "entrevistador" e "documentador", serão empregados indiferentemente.

1. coletar material que possibilite o estudo da modalidade oral culta da língua portuguesa, em seus aspectos fonético, fonológico, morfossintático, sintático, lexical e estilístico;
2. ajustar o ensino da língua portuguesa a uma realidade lingüística concreta, evitando a imposição indiscriminada de uma só norma histórico-literária, por meio de um tratamento menos prescritivo e mais ajustado às diferenças lingüísticas e culturais do país;
3. superar o empirismo na aprendizagem da língua-padrão pelo estabelecimento da norma culta real;
4. basear o ensino em princípios metodológicos apoiados em dados lingüísticos cientificamente estabelecidos;
5. conhecer as normas tradicionais que estão vivas e quais as superadas, a fim de não sobrecarregar o ensino com fatos lingüísticos inoperantes;
6. corrigir distorções do esquema tradicional da educação brasileira, entravado por uma orientação acadêmica e beletrista (Silva, 1996: 85-86).

Inicialmente, as gravações seriam divididas em 40 horas de gravações secretas (10%), 160 horas de diálogos entre dois informantes (40%), 160 horas de diálogos entre informante e documentador (40%) e 40 horas de elocuições formais (10%).

Os Coordenadores estabeleceram as equipes de trabalho de cada cidade, que passaram a reunir-se periodicamente, tendo tomado, entre outras, as decisões de excluir as gravações secretas, adaptar para o português o Guia-Questionário do “Proyecto” e estabelecer uma ficha de informantes, que reproduzimos a seguir.

Para o Guia-Questionário, foram escolhidos os seguintes temas: corpo humano, alimentação, vestuário, casa, família, vida social; cidade, transportes e viagens; meios de comunicação e difusão, cinema, televisão, rádio, teatro; comércio exterior e política nacional; sindicatos e cooperativas; profissões e

ofícios; dinheiro e finanças; instituições (ensino, igreja); meteorologia, tempo cronológico; terra, vegetais e agricultura, animais (op. cit.).

Finalizada a fase de gravações, o Projeto contava, no Brasil, com um acervo gravado composto de:

Recife:

363 entrevistas, 461 informantes, 307 horas e 20 minutos de gravação;

Salvador:

357 entrevistas, 456 informantes 304 horas de gravação;

Rio de Janeiro:

394 entrevistas, 493 informantes, 328 horas e 40 minutos de gravação;

São Paulo:

381 entrevistas, 474 informantes, 316 horas de gravação;

Porto Alegre:

375 entrevistas, 472 informantes, 413 horas e 40 minutos de gravação.

A partir daí, o Projeto seguiu em direção às duas fases posteriores: a transcrição e a análise do *corpus*.

Em São Paulo, o Projeto NURC contou, desde o início dos trabalhos, com o apoio financeiro da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Em 1983, o Professor Isaac Nicolau Salum, por ocasião de sua aposentadoria, foi substituído, a seu pedido, pelo Prof. Dino Preti. O Prof Ataliba T. de Castilho transferiu-se para a Universidade Estadual de Campinas em 1975; e, com a inclusão do Professor Enzo Del Carratore, da Universidade Paulista Júlio de Mesquita, em 1980, as três universidades públicas paulistas passaram a integrar o projeto.

Para explicitar a diversidade de fenômenos lingüísticos da linguagem oral que são apagados na escrita convencional, foram estabelecidas normas de transcrição das gravações, que reproduzimos a seguir, e cujas convenções foram

revistas em seminário realizado na Unicamp em 1984, sob orientação do Professor Luís Antônio Marcuschi (Castilho & Preti, 1986).

Em 1984, o material do Projeto NURC/SP ocupava uma sala do CRUSP (Conjunto Residencial da USP), uma vez que os estudantes dele haviam sido retirados. Nessa ocasião, o Conjunto foi retomado pelos estudantes; e o material do Projeto foi salvo graças à atuação do Professor Dino Preti.

Amostras das entrevistas do Projeto foram publicadas, também com apoio da FAPESP, em três volumes; os dois primeiros organizados pelos professores Ataliba Teixeira de Castilho e Dino Preti; o terceiro, pelos professores Dino Preti e Hudinílson Urbano:

- *A Língua Falada Culta na Cidade e São Paulo: Materiais para seu Estudo.* São Paulo: T. A. Queirós/ Fapesp, 1986, v. I, Elocuções Formais (EF).
- *A Língua Falada Culta na Cidade e São Paulo: Materiais para seu Estudo.* São Paulo: T. A. Queirós/ Fapesp, 1987, v. II, Diálogo entre dois Informantes (D2).
- *A Língua Falada Culta na Cidade e São Paulo: Materiais para seu Estudo.* São Paulo: T. A. Queirós/ Fapesp, 1988, v. III, Diálogo entre Informante e Documentador (DID).

Estes três volumes foram digitalizados e reunidos em CD-ROM sob o título *Documentação Eletrônica Organizada pelo Projeto NURC/SP – Núcleo USP* (Preti; Leite; Urbano, 2002). O material, organizado pelos Profs. Dino Preti, Marli Quadros Leite e Hudinílson Urbano, foi lançado em outubro de 2002, para ser distribuído gratuitamente a pesquisadores da área.

Resulta também do Projeto NURC/SP um quarto volume, também organizado pelos professores Dino Preti e Hudinílson Urbano, composto de ensaios que tiveram como base o material do Projeto:

- *A Língua Falada Culta na Cidade e São Paulo* – vol. IV Estudos. São Paulo: T. A. Queirós/ Fapesp, 1990.

Uma nova série do Projeto NURC/SP, organizada pelo Professor Dino Preti e com a participação de grandes pesquisadores, começou a ser publicada a partir de 1993, sob a denominação de “Projetos Paralelos”, da qual fazem parte:

- *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: Humanitas, 1993.
- *O Discurso Oral Culto*. São Paulo: Humanitas, 1997.
- *Estudos de Língua Falada: Variações e Confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- *Fala e Escrita em Questão*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- *Interação na Fala e na Escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- *Léxico na Língua Oral e na Escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.
- *Diálogos na Fala e na Escrita*. São Paulo: Humanitas, 2005.

Além desses trabalhos, as entrevistas do Projeto compuseram também parte do *corpus* da pesquisa que, em 1991, deu à luz uma obra do Professor Dino Preti sobre a interação na linguagem dos “idosos velhos” (acima de 80 anos):

A Linguagem dos Idosos: Um estudo de Análise da Conversação. São Paulo: Contexto, 1991.

As amostras das entrevistas do Projeto NURC/SP, divididas por faixa etária e sexo dos informantes, têm servido de *corpus* para inúmeras análises lingüísticas, inclusive o presente trabalho. A seguir, relacionamos algumas obras dentre a extensa bibliografia gerada pelo Projeto NURC:

CALLOU, Dinah M. Isensee. *variação e Distribuição da Vibrante na Fala Urbana Culta do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Fac. de Letras – UFRJ, 1987.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A descrição do português culto. . Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, 23.3.1969, reproduzido em *Letras de Hoje* 3: 1969, p. 117-123.

_____ (org.). *Projeto de Estudo da Norma Lingüística Culta.* Marília: Conselho Municipal de Cultura, 1970.

_____ . O estudo da norma culta do português do Brasil. *Vozes* 67 (8): out. 1973, p. 621-626.

CUNHA, Celso. Dialetoлогия horizontal e dialetoлогия vertical. In *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira.* 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970, p. 50-66.

_____ . O Projeto NURC e a questão da norma culta brasileira. *Actas do Congresso sobre a Situação da Língua Portuguesa no Mundo.* Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. vol I, 1985, p. 140-173.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Pronomes anafóricos no diálogo. *Estudos Lingüísticos* 15, 1987, p. 177-184.

_____. A coesão lexical no diálogo. *Estudos Lingüísticos* 16, 1988, p. 140-148.

PRETI, Dino. Quem fala bem? *Leitura* 4. jun. 1985 (Suplemento do *Diário Oficial do Estado de São Paulo*).

_____. A língua oral: a sobreposição de vozes como um elemento da sintaxe de interação do ato conversacional. *Estudos Lingüísticos* 16, 1988, p. 229-236.

REZENDE, Mônica de Barros. O pretérito perfeito composto e o pretérito mais-que-perfeito simples e composto na norma lingüística culta de São Paulo. *estudos Lingüísticos* 2, 1978, p. 165-173.

ROSSI, Nélon. El Proyecto de Estudio del Habla Culta y su ejecución en el dominio de la lengua portuguesa. *El Simposio de México*. México, UNAM, 1969, p. 248-254.

_____. Norma lingüística culta. *A Tarde*. Salvador, 12.8.1972.

URBANO, Hudinílson. A ordem do sujeito no português falado. *estudos Lingüísticos* 14, 1987, p. 41-56.

_____. O corte de palavras na língua falada: um estudo exploratório na norma culta de São Paulo. *Estudos Lingüísticos* 15, 1987, p. 459-471.

SALUM, Isaac Nicolau. Pesquisa da fala culta. *O Estado de São Paulo*, 28.11.1971.

SILVA, Luís Antônio da. Marcadores conversacionais: sinais do ouvinte. *Estudos Lingüísticos* 15, 1987, p. 177-184.

_____. Marcadores conversacionais: sinais de interação. *Estudos Lingüísticos* 16, 1988, p. 259-266.

VEIGA, Albino de Bem. Projeto norma urbana culta. *Letras de Hoje* 5, 1973.

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	no nível de renda...() nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúsculas	porque as pessoas reTEM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ... o dinheiro
Silabação	–	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	- - -	... a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando as linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram LÁ... [B. cozinharam lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá? você está brava?*)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (*alongamento e pausa*).

8. Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido na *Introdução*.

1. 2. INQUÉRITOS QUE COMPÕEM O *CORPUS* DESTE TRABALHO

Eloquções formais

INQUÉRITO Nº 377 – BOBINA Nº 123 – INF. Nº 416

Tipo de entrevista: elocução formal (EF). Duração: 32 minutos.

Data do registro: 8/10/76.

Tema: Os instrumentos da vida intelectual (aula universitária).

Informante: mulher de 32 anos, solteira, professora universitária, paulistana, pai nascido em Santos (SP) e mãe em São Paulo (SP). 1ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 338 – BOBINA Nº 141 – INF. Nº 488

Tipo de entrevista: elocução formal (EF). Duração: 45 minutos.

Data do registro: 26/10/76.

Tema: A demanda de moeda (aula universitária).

Informante: homem de 31 anos, casado, professor universitário, paulistano, pai nascido em São João da Boa Vista (SP), mãe nascida em São Paulo (SP). 1ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 405 – BOBINA Nº 141 – INF. Nº 489

Tipo de entrevista: elocução formal (EF). Duração: 35 minutos.

Data do registro: 2/5/77.

Tema: A arte pré-histórica: o paleolítico (aula de curso secundário).

Informante: mulher de 36 anos, desquitada, professora secundária, paulistana, filha de pais brasileiros. 2ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 124 – BOBINA Nº 43 – INF. Nº 150

Tipo de entrevista: elocução formal (EF). Duração: 45 minutos.

Data do registro: 28/11/72.

Tema: Influência da língua na personalidade do indivíduo (aula universitária).

Informante: homem de 51 anos, casado, professor universitário, paulistano, filho de pais paulistanos. 2ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 156 – BOBINA Nº 54 – INF. Nº 182

Tipo de entrevista: elocução formal (EF). Duração: 43 minutos.

Data do registro: 21/2/73.

Tema: Estética no Brasil, na década de 30 (conferência).

Informante: mulher de 56 anos, casada, professora universitária, paulistana, pai nascido em São Paulo (SP), mãe nascida em Santos (SP). 3ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 153 – BOBINA Nº 52 – INF. Nº 179

Tipo de entrevista: elocução formal (EF) Duração: 80 minutos.

Data do registro: 16/2/73.

Tema: O cinema brasileiro na década de trinta (conferência).

Informante: homem de 56 anos, casado, professor universitário, paulistano, pai nascido em Tatuí (SP), mãe nascida em Jacareí (SP). 3ª faixa etária.

Diálogos entre dois informantes

INQUÉRITO Nº 343 – BOBINA Nº 130 – INFS. Nº 441 e 442

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 80 minutos

Data do registro: 15/03/76

Tema: A cidade, o comércio.

Locutor 1: Homem, 26 anos, solteiro, engenheiro, paulistano, pais paulistanos, 1ª faixa etária. (Inf. nº 442)

Locutor 2: Mulher, 25 anos, solteira, psicóloga, paulistana, pais paulistanos, 1ª faixa etária. (Inf. nº 441)

INQUÉRITO Nº 62 – BOBINA Nº 20 – 1NFS. Nº 69 E 70

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 87 minutos

Data do registro: 05/08/72.

Tema: Tempo cronológico, instituições, ensino; profissões

Locutor 1: Homem, 26 anos, solteiro, vendedor, paulistano, pais paulistanos, 1ª faixa etária. (Inf. Nº 70)

Locutor 2: Homem, 26 anos, solteiro, estatístico, paulistano, pais paulistanos, 1ª faixa etária. (Inf. nº 69)

INQUÉRITO Nº 255 – BOBINA Nº 95 – INFS. Nº 303 e 304

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 82 minutos

Data do registro: 19/11/74.

Tema: Transportes e viagens, cinema, televisão, rádio e teatro, os meios de comunicação e difusão, a cidade e o comércio

Locutor 1: Homem, 37 anos, casado, professor, paulistano, pais paulistanos, 2ª faixa etária. (Inf. nº 303)

Locutor 2: Homem, 40 anos, casado, advogado e professor, paulistano, pais cariocas. 2ª faixa etária. (Inf. nº 304)

INQUÉRITO Nº 360 – BOBINA Nº 137 – INFS. Nº 472 E 473

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 66 minutos

Data do registro: 23/08/76.

Tema: Tempo cronológico, profissões e ofícios.

Locutor 1: Mulher, 37 anos, casada, pedagoga, paulistana, pais paulistas, 2ª faixa etária. (Inf. nº 473)

Locutor 2: Mulher, 36 anos, casada, advogada, paulistana, pais paulistas, 2ª faixa etária. (Inf. nº 472)

INQUÉRITO Nº 396 – BOBINA Nº 145 – INFS. Nº 502 E 503.

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 75 minutos

Data do registro: 19/11/76.

Tema: Vestuário e diversões

Locutor 1: Homem, 81 anos, viúvo, dentista, natural de Jundiaí – SP (veio para São Paulo com 3 anos), pai paulista, mãe paulistana, 3ª faixa etária. (inf. nº: 502)

Locutor 2: Mulher, 85 anos, viúva, professora, natural de Sorocaba – SP (veio para São Paulo com 5 anos), pai paulista e mãe paulistana, 3ª faixa etária. (Inf. nº 503)

INQUÉRITO Nº 333 – BOBINA Nº 124 – INFS. Nº 419 e 420

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 57 minutos

Data do registro: 07/04/76.

Tema: Cinema, TV, rádio e teatro.

Locutor 1: Mulher, 60 anos, viúva, jornalista, paulistana, pais paulistanos, 3ª faixa etária. (Inf, nº 419)

Locutor 2: Mulher, 60 anos, viúva, escritora, paulistana, pais paulistanos, 3ª faixa etária. (Inf. nº 420)

Diálogos entre informante e documentador

INQUÉRITO Nº 18 – BOBINA Nº 07 – INF. Nº 23

Tipo de Inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 45 minutos

Datado registro: 01/12/71.

Tema: A casa, o terreno, vegetais, agricultura, animais, gado

Informante: Homem, 31 anos, solteiro, advogado, natural de São Paulo, pais paulistanos, 1ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 161 – BOBINA Nº 56 – INF. Nº 186

Tipo de inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 65 minutos

Data do Registro: 05/01/74.

Tema: Teatro, televisão, rádio, cinema, vestuário

Informante: Homem, 25 anos, solteiro, publicitário, natural de São Paulo, pais paulistanos 1ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 251 – BOBINA Nº 90 – INF. Nº 288

Tipo de inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 08/11/74.

Tema: Profissão e ofícios.

Informante: Mulher, 34 anos, solteira, professora primária, paulistana, pai nascido em Boa Esperança (SP), mãe nascida em São Paulo (SP), 1ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 137 – BOBINA Nº 47 – INF. Nº 160

Tipo de Inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 18/12/72.

Tema: A cidade, o comércio

Informante: Homem, 41 anos, casado, advogado, natural de São Paulo, pais paulistanos, 2ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 208 – BOBINA Nº 79 – INF. Nº 252

Tipo de Inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 21/09/74.

Tema: Família, saúde.

Informante: Homem, 46 anos, casado, economista, natural de São Paulo, pai paulista e mãe paulistana, 2ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 234 – BOBINA Nº 88 – INF. Nº 281

Tipo de inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 18/10/1974.

Tema: Cinema, televisão, rádio, teatro

Informante: Mulher, 44 anos, desquitada, nutricionista, natural de São Paulo, pai nascido em Itu (SP) e mãe nascida em São Paulo, 2ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 235 – BOBINA Nº 88 – INF. Nº 282

Tipo de inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 21/10/74.

Tema: Alimentação.

Informante: Mulher, 38 anos, solteira, professora primária, natural de São Paulo, pais paulistas, 2ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 250 – BOBINA Nº 90 – INF. Nº 287

Tipo de inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 08/11/74.

Tema: Dinheiro, banco, finanças, bolsa.

Informante: Homem, 69 anos, casado, professor universitário, natural de São Paulo, pais paulistanos, 3ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 242 – BOBINA Nº 92 – INF. Nº 295

Tipo de inquérito: Diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 18/10/74.

Tema: Instituições: o ensino, a igreja

Informante: Mulher, 60 anos, solteira, bibliotecária, natural de São Paulo, pais nascidos em Itu (SP), 3ª faixa etária.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2. 1. A Estilística

A Estilística é uma disciplina que surge no século XX, criada por Charles Bally, para ocupar os espaços rejeitados pela Lingüística saussuriana. Enquanto Saussure se interessou apenas pelos aspectos coletivos e intelectivos da língua, Bally delimitou, em princípio, como objeto da Estilística, os seus componentes emocionais, substituindo-os, em seguida, pelos fatores expressivos da linguagem. A pesquisa estilística, desde então, tem-se ocupado de certos usos lingüísticos, que, “mais do que destinados simplesmente à pura informação, se caracterizaram por uma intenção expressiva, carregando-se de valores afetivos e evocativos” (Monteiro, 2005: 9).

O interesse por tais estudos, no entanto, remontam, no Ocidente, à Grécia antiga e já se observavam mesmo antes do surgimento da *Ilíada*, tendo em Platão e Aristóteles duas figuras de grande destaque. Aquele, um dos primeiros a dedicar-se a questões lingüísticas em suas considerações sobre a motivação ou arbitrariedade do signo lingüístico; este, autor da *Retórica* e da *Poética*, demonstrou maior preocupação com o valor estético das palavras e influenciou autores romanos posteriores como Cícero, autor de *De Oratore* e *Orator* e Horácio, autor da *Ars Poetica*. Quintiliano, autor de *De Institutione Oratoria*, concebeu a existência de três estilos básicos: o grave (ou sublime), o médio (ou temperado) e o simples, que, posteriormente, serão representados pelos pensadores da Idade Média na *roda de Virgílio*, associados à *Eneida*, às *Geórgicas* e às *Bucólicas* respectivamente (op. cit.: 13).

Como observa Delas (1971: 11), “a retórica é a primeira tomada de consciência da linguagem”. Em princípio, uma arte da persuasão, baseada em técnicas de busca (*inventio*), organização (*dispositio*) e exposição (*elocutio*) de argumentos, a Retórica concentra-se na fixação dos gêneros do discurso e das regras de composição próprias de cada gênero, que incluem vocabulário, sintaxe,

figuras e ornamentos. Os ornamentos eram formados pelas figuras, que se dividiam em figuras de dicção, figuras de construção, figuras de palavras (tropos) e figuras de pensamento.

A exaustiva compilação de gêneros e figuras, formando um grande conjunto de preceitos de bem escrever entra em decadência perante os valores do século XIX e do Romantismo. Somente na segunda metade do século XX, novos estudos vêm a resgatar, sob nova forma, os antigos conceitos da Retórica clássica (Monteiro, 2005: 28).

Guiraud (1970: 53) adverte para o fato de que, após a decadência da Retórica, nada aparece para substituí-la. Foi com Bally, no entanto, que as observações que se faziam a respeito do estilo deixaram de constituir uma simples complementação da Gramática e passaram a constituir uma disciplina independente. Bally propõe motivações afetivas como geradoras do fenômeno da expressividade, cabendo à Estilística investigar “a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade” (*apud* Monteiro, 2005: 16), estabelecendo as bases da Estilística da expressão (ou descritiva) em seu “*Traité de Stylistique Française*”, de 1902. Enquanto a Estilística da expressão elege como objeto o conteúdo afetivo (como uma Estilística geral da língua), outra corrente, concebida por Leo Spitzer, a Estilística individual (também genética ou idealista), ocupa-se da crítica da expressão com fins literários.

Percebendo que a Lingüística saussuriana concebia a língua apenas do ponto de vista intelectual, Bally dedicou-se a complementar o trabalho de Saussure, considerando o aspecto afetivo da linguagem. Em seu método, procura identificar os fatos da expressão e estudar seus valores afetivos, dividindo-os em *efeitos naturais* e *efeitos por evocação*. Os *efeitos naturais* seriam propriedades de certas palavras. Tomando o exemplo de Guiraud (1970: 77), “‘sombre’ (sombrio, escuro, triste, lóbrego), por exemplo, é uma palavra naturalmente própria a expressar a idéia de escuridão”. Os *efeitos por evocação* advêm de associações.

Como observa o mesmo autor, “uma expressão é *vulgar* porque foi criada ou adotada por gente vulgar”. Os valores evocativos relacionam-se ao tom, que, de modo geral, reduzimos ao três tons dos antigos: o simples ou baixo, próprio da linguagem do cotidiano, o médio ou medíocre, próprio das relações sociais, e o grave ou sublime, próprio das ocasiões solenes. Também os arcaísmos têm o poder de evocar a época à qual pertencem. Há palavras que evocam determinados grupos sociais, regiões, faixas etárias etc.

Saussure, ao estabelecer a dicotomia língua e fala (*langue/parole*), admite a existência de uma Lingüística da fala, que opõe à “Lingüística propriamente dita”, que se deve ocupar da língua (cf. Saussure, s/d: 28). É na “*parole*”, ou seja, na realização individual da “*langue*” que Bally vai focalizar seus estudos.

Ao contrário da maioria dos estilicistas, que se concentra na língua literária, Bally concentra-se na língua oral, por considerá-la mais espontânea, uma vez que não decorre de um esforço consciente pela busca da expressividade. Muitos dos que priorizam a língua literária justificam essa opção exatamente com base nesse mesmo argumento.

Entre os autores que voltam seu foco para a obra literária, está Spitzer, criador da Estilística idealista. Seu objetivo é extrair da obra literária os traços individuais do autor. A análise deve ser imanente à obra, que deve ser vista em sua totalidade, desconsiderando-se qualquer aspecto exterior. Seu ponto de partida é intuitivo, porém a justeza da intuição deve ser comprovada pela observação. Chegando-se ao centro da obra, obtém-se uma visão geral que permite relacioná-lo aos pormenores, formando uma espécie de rede. Spitzer valoriza todos os desvios capazes de revelar os traços individuais do autor.

Câmara Júnior (1975: 136) comenta que

a solução para introduzir os elementos emocionais no sistema intelectual da língua é que está na base do estilo, em última análise. Assim compreendido, podemos definir o

estilo como – um conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

Acrescenta o mesmo autor que o estilo não é puramente individual, mas nele há sempre um aspecto coletivo. Assim sendo, conclui o autor que o estilo deve ser caracterizado não pela oposição entre o individual e o coletivo, mas entre emocional e intelectual.

Não sendo o estilo a expressão do que é puramente individual, este se caracteriza por um “desvio da norma lingüística assente” (op. cit.: 140), ou seja, para se expressar um conteúdo afetivo por meio de um código intelectual, é preciso “deformar” os fatos gramaticais. Essa deformação ocorre, por exemplo, quando se acrescenta um sufixo nominal a um verbo, ou quando se suprime o termo determinado de uma expressão como “ele ficou *na dele*”. Da mesma forma, há desvio no emprego de vocábulos com significação ocasional, como quando se emprega “galho” por “problema” e “zebra” por “surpresa”, “resultado inesperado ou adverso”. Quando falamos em norma, tratamos da norma culta, embora, como registra Câmara Júnior (op. cit.: 138), o estilo se manifeste tanto numa quanto noutra norma. É importante ressaltar, no entanto, que nem todo desvio tem valor estilístico. Quando um falante emprega um termo como “comparamento” por “comparação” ou “simpatização” por “simpatia”, pode fazê-lo exclusivamente devido ao desconhecimento da norma, utilizando um processo analógico, uma vez que essas formações são possíveis no sistema. Nesse caso, embora o desvio seja revelador em relação ao falante, não tem finalidade expressiva ou, nas palavras de Câmara Júnior, é “a deformação que não conduz a nada” (op. cit.: 141).

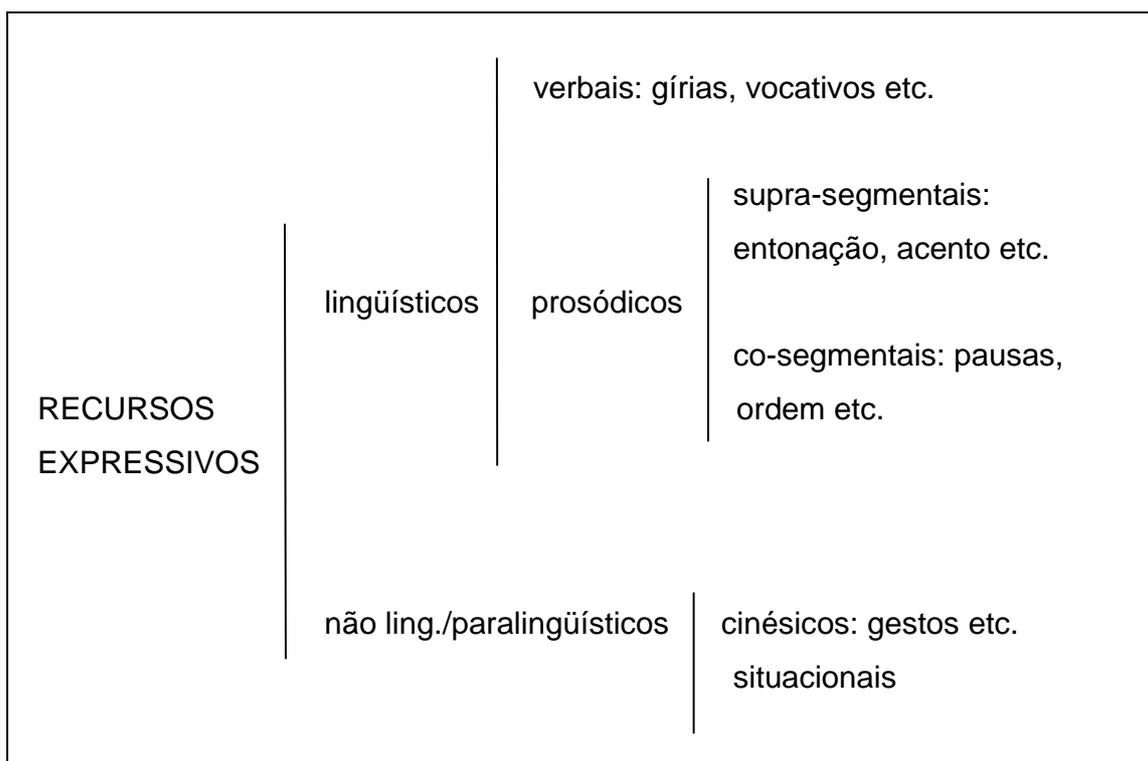
Embora a utilização de dados estatísticos possa ser contestada, sua importância é defendida por Guiraud (1970: 159), que registra que “é o emprego mais ou menos generalizado de uma expressão por tal ou qual categoria que *cria* seu valor estilístico” e se determinado vocábulo é poético é “porque é empregado com *freqüência* pelos poetas, mais *freqüentemente* pelos poetas do que pelos prosadores” (op. cit.).

Segundo Câmara Júnior (2004: 114), a expressividade é “a capacidade de fixar e atrair a atenção alheia em referência ao que se fala ou escreve, constituindo objetivo essencial do esforço estilístico”. Devemos observar que a expressividade se dá de maneiras bastante diferentes na língua escrita e na língua falada. Ao transcrevermos um trecho qualquer de um diálogo, podemos notar que grande parte dos recursos expressivos (a acentuação, o ritmo, a elevação e o declínio de tom) se perde, porque o sistema ortográfico padrão nos fornece escassos instrumentos para registrar tais recursos. Esse fato levou alguns escritores, sobretudo modernistas, a recorrer a formas de escrita não-padrão, para tentar reproduzir, em diálogos, muitas características da fala espontânea, chegando, às vezes, a comprometer o próprio entendimento (cf. Preti, 2003: 172). Se tomarmos uma frase qualquer, notamos que, ao dizê-la, podemos utilizar diferentes entonações, alcançando variados efeitos expressivos para os quais não existem, no sistema ortográfico padrão, formas especiais de registro, respeitando a entonação. Em virtude disso, em transcrições de materiais para o estudo da língua oral, como o Projeto NURC, adotam-se normas específicas de transcrição. Além desse fato, pode-se acrescentar que, na interação face a face, há recursos não-verbais, como os gestos e as expressões faciais, que fazem parte do processo de comunicação, mas inexistem na escrita.

Parece-nos desnecessário insistir em que a língua escrita está longe de ser uma reprodução da língua falada, mas consideramos importante sublinhar o quanto a manifestação da expressividade ocorre de modo diferente numa e noutra modalidade, em consequência dos seus diferentes modos de produção. É na língua escrita que realmente ocorre o “esforço estilístico” a que se refere Câmara Júnior, uma vez que nela é possível se planejar detalhadamente a construção do texto; e o autor, de acordo com a sua criatividade e o seu domínio do idioma, pode cotejar as várias opções que se lhe apresentam quanto ao léxico e à sintaxe, explorando a sonoridade das palavras, selecionando os meios de que se vai utilizar para exprimir-se.

Na língua oral, ao contrário, o planejamento e a produção do texto são praticamente simultâneos, inviabilizando uma elaboração mais refletida, um “esforço estilístico” mais ponderado. Daí que a expressividade na língua falada se dá não por meio dos mesmos recursos utilizados na escrita; mas sim por meio da utilização, mais ou menos original e criativa, de meios pertencentes a um “celeiro comum”. Da mesma forma que se emprega um provérbio que se amolda a uma determinada situação, o falante vai entremeando em seu discurso recursos padronizados cujos efeitos de sentido são reconhecíveis pelo interlocutor, atingindo assim determinados resultados expressivos.

Urbano (1997: 96) utiliza o seguinte quadro para representar os recursos expressivos na linguagem falada:



Todos os elementos que compõem o processo de comunicação têm potencial expressivo. Assim, os elementos são divididos em dois grupos principais: os lingüísticos e os não lingüísticos.

Entre os não lingüísticos ou paralingüísticos, temos os cinésicos, como os gestos e as expressões faciais, assim como as características da voz que permitem a identificação de aspectos de falante, como irritação, entusiasmo, cansaço, desânimo etc.

Entre os elementos lingüísticos, são destacados os prosódicos, que são parte integrante da linguagem falada e dividem-se em supra-segmentais, como a entonação, que tem influência decisiva sobre a mensagem transmitida, e elementos como o acento de insistência e prosódicos co-segmentais, como as pausas e a ordem.

Ainda entre os elementos lingüísticos, estão incluídos os vocativos, as gírias, os coloquialismos, as interjeições, as palavras e frases exclamativas, as onomatopéias, as repetições, as formações prefixais e sufixais de valor afetivo etc. propomo-nos a delimitar o objetivo da análise que se seguirá, limitando-o aos elementos verbais. Acerca desses elementos, acrescentamos que, entre os prosódicos, apenas alguns aspectos serão considerados, como o acento de insistência e os alongamentos de fonemas vocálicos, apenas como fatores auxiliares da análise, desde que coocorram com outros elementos que ocuparão posição central. Dada a forma como se manifesta a expressividade na língua oral, a que acima nos referimos, propomo-nos a analisar os vocábulos, cujas propriedades estilísticas serão consideradas sob o aspecto morfológico, considerando seus elementos constitutivos (prefixos e sufixos). Para se reconhecer o emprego de usos específicos, no entanto, a análise não se dará exclusivamente no nível morfológico, uma vez que, para se fixar a significação ocasional de um vocábulo, é necessário que se proceda a um exame sensível ao contexto.

Como o estilo é decorrente dos desvios da norma, parece-nos lógica a importância da utilização de dados estatísticos nos estudos estilísticos, por ser a Estatística exatamente a ciência dos desvios, com que se procura identificá-los e quantificá-los.

Entre os elementos estilísticos que serão analisados, incluímos os sufixos devido a seu grande potencial expressivo. Lapa (1975: 105) constata que

é curioso que, de todos os derivados de *livro*, mencionados pelos dicionários usuais, só dois não têm significado afetivo. São eles: *livrete* = livro pequeno, caderneta, e *livreiro* = o que trata com livros. Todos os outros têm, mais ou menos, valor sentimental.

Câmara Júnior (1978: 61) via os sufixos como “poderosos centros de carga afetiva”, cujo significado “quase só nisso se resume”. Monteiro (2005: 69) e Martins (1989: 114) também abordam os sufixos, esta, ressaltando seu valor como elemento avaliativo. Entre os sufixos, destacamos *-inho* por sua multiplicidade de valores e sua alta frequência no *corpus*.

Acrescentamos que, na seleção dos elementos estilísticos a serem analisados neste trabalho, foi levada em consideração a questão da frequência, de maneira que se priorizaram os elementos mais freqüentes, por fornecerem melhores condições de tipificação e comparação do número de ocorrências por tipo de inquérito.

2. 2. A Sociolingüística

A Sociolingüística “procura, basicamente, verificar de que modo fatores de natureza lingüística e extralingüística estão correlacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua – a fonética, a morfologia e a sintaxe – e também no seu léxico” (Beline, 2003: 125). Além de estudar as relações entre língua e sociedade, a Sociolingüística propõe-se a explicar a heterogeneidade da língua e estabelecer regras que determinam as variações. O estudo dessas variações teve grande impulso nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960. Segundo Lyons (1970: 28), no início do século XX, “a lingüística nos Estados Unidos da América viu-se fortemente influenciada pela necessidade de

descrever tantas quantas possível dentre as centenas de línguas existentes naquele país e ainda não catalogadas”.

Linguistas norte-americanos como Franz Boas, Edward Sapir (estes também antropólogos) e Leonard Bloomfield relacionaram a língua dos povos à sua cultura, a exemplo das idéias defendidas por Wilhelm von Humboldt e são considerados os “precursores das teorias sociológicas da linguagem nos Estados Unidos” (Preti, 2003: 13).

O desenvolvimento da Sociolingüística norte-americana conduziu a diversos caminhos no estudo dos *dialetos sociais*. William Bright situa o escopo da Sociolingüística no estudo da diversidade lingüística, cujas dimensões seriam, basicamente, três: a dimensão do emissor, a dimensão do receptor e a dimensão da situação. As dimensões do emissor e do ouvinte ligam-se à identidade social destes e ao posicionamento de cada um em relação ao outro, que pode ser de simetria ou assimetria. A terceira envolve todas as demais variantes, que constituem fatores extralingüísticos.

Os fatores extralingüísticos que influem na atitude do falante, segundo a Sociolingüística francesa, são as *variações geográficas*, ou seja, regionais, as *variações sociológicas*, decorrentes da idade, sexo, profissão, raça, posição social, nível de escolaridade do falante e as *variações contextuais*, determinadas por influências alheias ao falante como o interlocutor, o assunto e o local da interação (op. cit.: 17).

Vários fatores que se sobrepõem na formação do falante influenciam sua fala. Além de fatores inatos (sexo, raça, origem), outros podem distinguir significativamente os falantes de acordo com sua história de vida e os grupos sociais a que pertencem, ou tenham pertencido. Isso implica que, mesmo dentro de uma mesma comunidade, não haverá dois falantes que se expressem exatamente da mesma forma, ainda que sejam falantes nativos de uma mesma faixa etária, sexo e raça.

Ainda que não se possa fazer uma delimitação clara entre os *dialetos sociais*, pode-se postular a existência de, pelo menos, duas variedades presentes dentro de uma mesma comunidade: a *norma padrão* ou *culta* e a *norma subpadrão* ou *popular*. A primeira é própria das situações formais e tem maior prestígio social; e a segunda, de menor prestígio, é própria das situações de menor formalidade. A *norma culta* é mais adequada a conferências, aulas universitárias, atos de correspondência oficial e comercial, discursos etc.; a *norma popular*, a conversas entre iguais, novelas de TV, músicas populares, programas de TV sobre esportes e amenidades etc. Aléong (1983), que utiliza o termo *norma explícita*, afirma que essa norma

compreende aquele conjunto de formas lingüísticas fazendo parte de uma tradição de elaboração, de codificação e de prescrição. [...] Codificada e consagrada num sistema de referência, esta norma é socialmente dominante na medida em que ela se impõe como o ideal a respeitar, nas circunstâncias que admitem um uso consciente ou controlado da língua, isto é, nos usos oficiais, na imprensa escrita e audiovisual, no sistema de ensino e na administração pública.

Quanto à *norma implícita*, afirma o mesmo autor que se trata das “formas que por serem escassamente objeto de uma reflexão consciente ou de um esforço de codificação, não representam senão os usos concretos pelos quais o indivíduo se apresenta em sua sociedade restrita.” E acrescenta: “trata-se sobretudo da língua oral e dos fatos e tipos de normas que não têm a rigidez de um código escrito” (op. cit.).

Esses registros, no entanto, não são rígidos; e, em várias situações, pode haver alternância entre as normas.

Preti (2003: 31-32) relaciona, quanto à morfossintaxe, as seguintes características de cada uma das normas:

Norma culta:

- indicação precisa das marcas de gênero, número e pessoa;
- uso de todas as pessoas gramaticais do verbo, com exceção, talvez, da 2ª do plural, relegada, praticamente, à linguagem dos discursos e sermões;
- emprego de todos os modos e tempos verbais;
- correlação entre tempos e modos;
- coordenação e subordinação; riqueza de construção sintática;
- maior utilização da voz passiva;
- largo emprego de preposições nas regências;
- organização gramatical cuidada da frase;
- variedade da construção da frase.

Norma popular:

- economia nas marcas de gênero, número e pessoa (Ex.: “Essas pessoa não tem jeito”);
- redução das pessoas gramaticais do verbo. Mistura da 2ª pessoa com a 3ª no singular. Uso intenso da expressão de tratamento *a gente*, em lugar de *eu* e *nós* (Ex.: “A gente já te disse que você está errado”);
- redução dos tempos da conjugação verbal e de certas pessoas, como, por exemplo, a perda quase total do futuro do presente e do pretérito, do mais-que-perfeito, no indicativo; do presente do subjuntivo; do infinitivo pessoal;
- falta de correlação verbal entre os tempos (Ex.: “Se eu encontrasse ela agora, contava tudo”);
- redução do processo subordinativo em benefício da frase simples e da coordenação (Ex.: “Já disse pra você, não disse? Quando eu acabei o curso não tinha mais dinheiro. Aí então, fui trabalhar” em lugar de “Não sei se já lhe disse que, quando terminei o curso, fui trabalhar, porque não tinha mais dinheiro”);
- maior emprego da voz ativa, em lugar da passiva (Ex.: “Um carro pegou ele”, em lugar de “Foi atropelado por um carro”);
- predomínio das regências diretas nos verbos (Ex.: “Você já assistiu o filme?”, em lugar de “Você já assistiu ao filme?”);

- simplificação gramatical da frase, emprego de “bordões” do tipo “então”, “ai” etc.;
- emprego dos pronomes pessoais retos como objetos (Ex.: “Vi ele, encontrei ela” etc.).

No nível fonológico, embora se possam apontar pontos comuns às duas normas, encontram-se diferenças como, a redução de ditongos a vogais simples, como em “bejo” (popular) por “beijo” (culto), a transformação de encontros consonantais em sílabas, como em “impreguina” (guí – popular) por “impregna” (pré – culto), formação de ditongos como “treis”, “nóis” (popular) por “três”, “nós” (culto), substituição de ditongos por vogais abertas, como em “róba”, “aléja” (popular) por “rouba”, “aleija” (culto), metátese, como em “largato” (popular) por “lagarto” (culto), substituição de vogais orais por nasais, como em “mortandela”, “sombancelha” (popular) por “mortadela”, “sobancelha” (culto) etc.

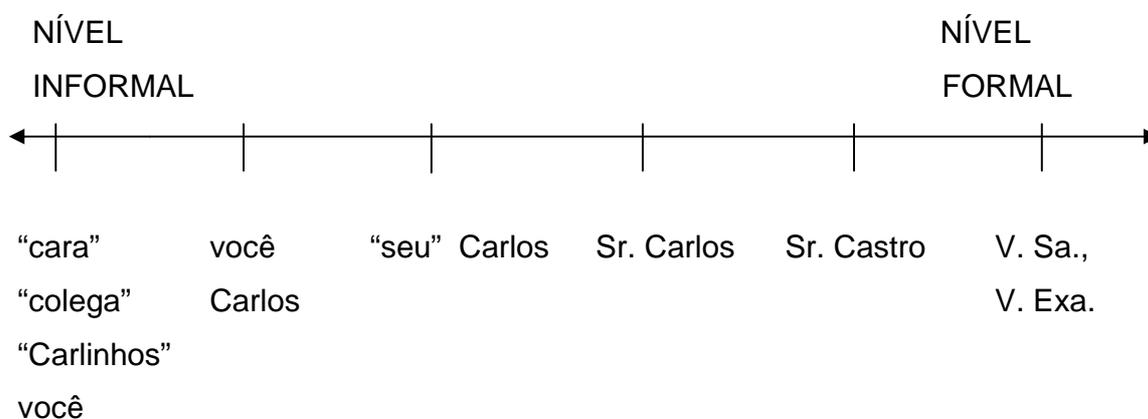
Em relação ao léxico, pode-se dizer, em linhas gerais, que, na *norma culta*, há maior variedade, com presença de vocábulos técnicos. Na *norma popular*, o léxico é mais restrito, com emprego de vocábulos de significação mais ampla, como as palavras-ônibus, de gírias e expressões coloquiais. Ainda assim, não se pode fazer uma delimitação clara, pois, se há vocábulos que são próprios da *norma culta*, como os diminutivos eruditos, por exemplo, “corpúsculo”, que corresponde, na *norma popular*, a “corpinho”, o vocábulo primitivo, no entanto, “corpo”, está presente em ambos os dialetos sociais. Isso permite a postulação de uma norma intermediária, hipotética, que se pode definir como *linguagem comum* (op. cit.: 33).

Além dessas variações observáveis de falante para falante, há ainda variações dentro da linguagem de um mesmo falante em consequência de fatores extralingüísticos, entre eles a ocasião, o local e o tempo em que se dá a enunciação. São, portanto, variações situacionais. Outro fator que também influencia essa variação é o grau de intimidade entre os falantes.

Podem-se diferir dois *níveis de fala* ou *registros*, ligados a diferentes situações de interação: o *formal* e o *coloquial* (ou informal). No primeiro, próprio de situações de maior formalidade, predomina a norma culta; o comportamento lingüístico é mais tenso e refletido. No segundo, próprio de situações informais, predomina a *norma popular*, e o comportamento lingüístico é distenso.

Outras subdivisões são possíveis, como de um *nível coloquial tenso* e outro *distenso*; mas, quanto mais subdivisões se fizerem, mais difícil se tornará o estabelecimento de fronteiras entre um e outro nível.

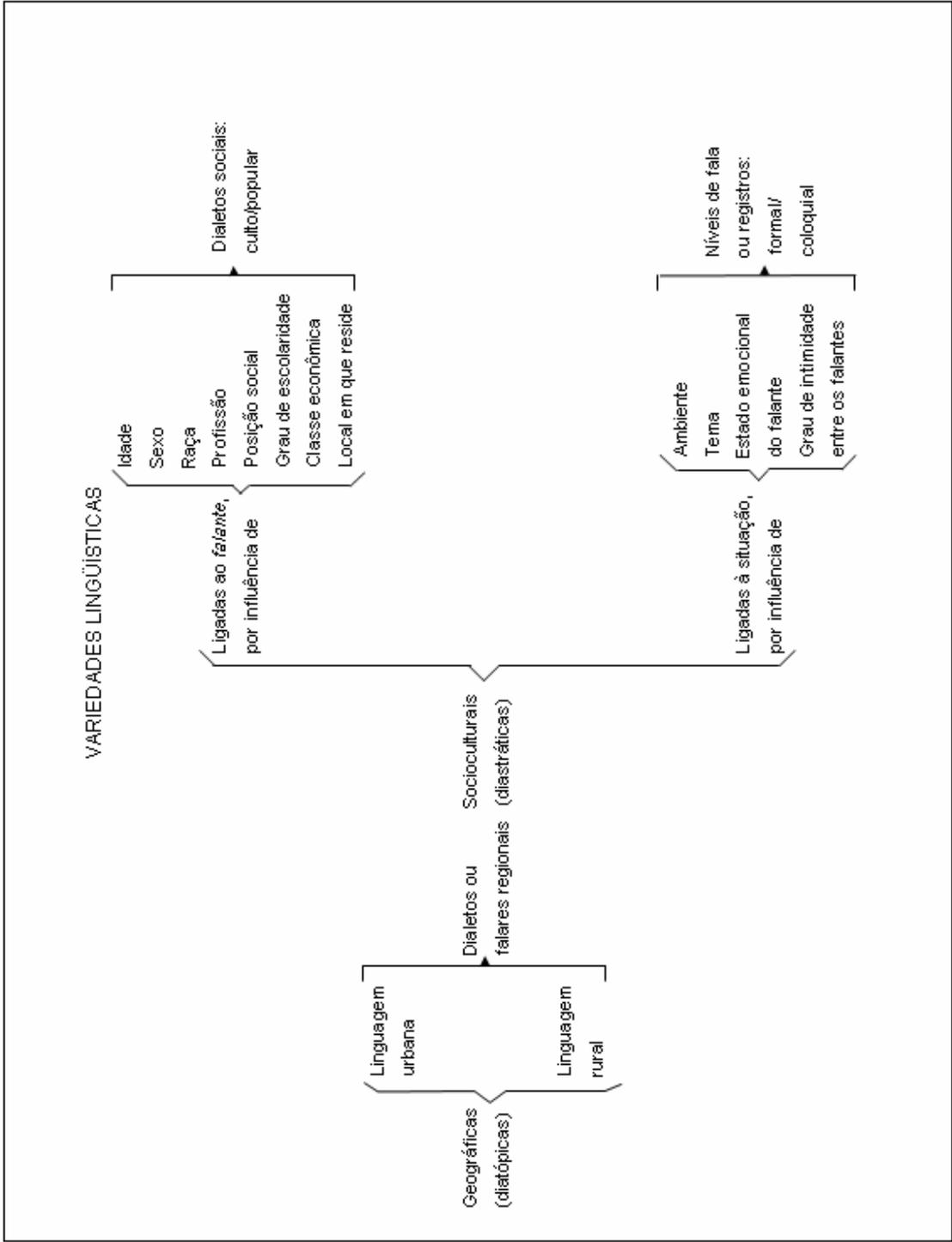
Convém lembrar que as situações de comunicação não podem ser simplesmente divididas em formais e informais. Há diferentes níveis de formalidade, em que diferentes formas de tratamento são implicitamente acordadas entre os falantes. Por exemplo, o uso de expressões de tratamento como “cara”, “irmão”, “maninho” etc. ou de apelido (como nome de batismo + *-inho* ou *-inha*) revela mais intimidade entre os falantes que o uso de *você* (embora possam coocorrer) ou do nome de batismo. O uso de formas como “seu” + nome de batismo (“seu” Carlos) é menos formal do que o uso de *senhor* + nome de batismo (*senhor* Carlos), e este é menos formal que *senhor* + sobrenome (*senhor* Castro), que é menos formal que *Vossa Senhoria*, *Vossa Excelência* etc., de modo que podemos formar um quadro que resume num *continuum* os diferentes graus de formalidade quanto ao tratamento:



Preti (2003: 39) acrescenta que

a variação de *uso* da linguagem pelo mesmo falante, ou seja, a dos *níveis de fala* ou *registros*, poderia também ser chamada de variedade estilística, no sentido de que o usuário *escolhe*, de acordo com a *situação*, um estilo que julga conveniente para transmitir seu pensamento, em certas circunstâncias. Poderíamos, então, falar em um *estilo formal* e um *estilo coloquial* ou *informal*, e, nesse sentido, talvez seja mais fácil entender o conceito que estamos explicando de *registro* ou *nível de fala*.

A seguir, reproduzimos um quadro das variações lingüísticas, em que Preti (op. cit.: 41) resume o que apresentamos até aqui:



Tanto em relação à língua oral quanto à língua escrita, é comum a aceitação de que há duas normas: uma *culta* ou *padrão*, própria dos falantes que têm maior grau de escolaridade; outra *popular* ou *subpadrão*, própria dos falantes de menor grau de escolaridade. Sabemos que essa divisão é precária, pois a linha divisória entre as normas é, por vezes, difícil de se identificar.

Na sociedade contemporânea, um mesmo falante desempenha vários papéis sociais e está em contato com falantes de grupos sociais diferentes do seu, podendo, dessa forma, incorporar elementos lingüísticos próprios desses grupos e utilizá-los de acordo com a situação de comunicação. Nas palavras de Câmara Júnior (2005:16), “a norma não pode ser uniforme e rígida. Ela é elástica e contingente, de acordo com cada situação social específica”. As pessoas procuram, quase instintivamente, adequar o seu nível de linguagem à expectativa do seu interlocutor, o que resulta na necessidade de se “modular” o nível de fala de um registro para outro. Como assinala Preti (2004e:14), “são os falantes cultos, por certo, os que possuem maior consciência da necessidade de variarem sua linguagem, em função das *situações de interação* diversas”.

Com isso, queremos dizer não só que os falantes cultos, apesar de terem maior conhecimento lingüístico, não empregam uma linguagem tensa, formal e em conformidade com as normas gramaticais todo o tempo, mas também que eles se valem de elementos próprios da linguagem coloquial como uma forma consciente de alcançarem maior expressividade em sua linguagem. Assim, os falantes cultos dispõem de sensibilidade para “dosar”, sempre de acordo com a situação de interação, o emprego mais pródigo ou mais parcimonioso de coloquialismos, de gírias, de sufixos de valor afetivo, de repetições expressivas etc.; e esses recursos podem ser utilizados para medir o nível de formalidade do discurso. Como observa o mesmo autor, “nada impede, também, que [o falante culto] seja sensível ao *uso lingüístico* dos grupos menos cultos, aos coloquialismos sintáticos e vocabulares (à própria gíria), que lhe permitam, nas interações mais familiares, ganhar importantes recursos expressivos” (op. cit.: 14).

Leite (1998) assinala que “um falante culto que tem conhecimento da prescrição lingüística, naturalmente alinhará sua linguagem o quanto possível a ela, a depender da situação de comunicação”. É possível, no entanto, demonstrar que a linguagem do falante culto não se opõe à linguagem coloquial. Como indica Preti (1997),

o que o *corpus* do Projeto NURC/SP tem-nos mostrado (e isso já na década de 70) é que os falantes cultos, por influência das transformações sociais contemporâneas a que aludimos antes (fundamentalmente, o processo de democratização da cultura urbana), o uso lingüístico comum (principalmente, a ação da norma empregada pela mídia), além de problemas tipicamente interacionais, utilizam praticamente o mesmo discurso dos falantes urbanos comuns, de escolaridade média, até em gravações conscientes, e, portanto, de menor espontaneidade.

Na verdade, a linguagem dos falantes cultos encerra variados níveis, entre os quais se pode notar a incorporação de elementos considerados típicos da linguagem coloquial. O falante culto tem, portanto, uma linguagem abrangente, que engloba tanto os “cultismos” quanto os “coloquialismos”, e o que vai determinar o emprego de certos recursos é a situação de interação, assim como a expectativa do ouvinte.

Se considerarmos que a presença de recursos expressivos será maior, tanto quanto for mais espontânea a situação de interação entre os falantes, devemos levar em conta que as gravações do Projeto NURC/SP não são o *corpus* ideal para esse tipo de análise. Outros fatores a serem considerados, ao se trabalhar com um *corpus* como o do Projeto, como evidencia Urbano (1988: 3), são as oposições entre *formalidade/informalidade* e *naturalidade/artificialidade*, que não devem ser confundidas. Vale lembrar que todas as gravações feitas pelo Projeto foram feitas com o conhecimento e o consentimento prévio dos informantes, e essa consciência de que o que se está falando ficará registrado e será utilizado para análises lingüísticas posteriores contribui para a artificialidade do discurso, como se faz patente no seguinte trecho:

Exemplo 1

a gente quer saber agora... quais as razões que faz...
que fazem com que... ah... -- (estou) meio
preocupado (com o gravador) ((risos)) -- éh... faz
fazem... éh:::... ah quais razões que levam as
pessoas a... demandarem moeda a procurarem moeda
(EF/338, linhas 10-14).

A preocupação do informante com o fato de seu discurso estar sendo gravado leva-o a uma atitude lingüística incomum; e, diante do impasse entre qual seria a forma verbal adequada segundo a norma culta, a solução de que se lança mão é a reformulação do enunciado, utilizando outro verbo.

Não obstante tais considerações, as gravações do Projeto NURC/SP fornecem-nos um *corpus* que, ainda que não seja o ideal, mostra-se, como se verá na análise, suficientemente rico em relação aos elementos expressivos de que se pretende tratar. Aduzimos também que o fato que se registrou na EF/338, que acima reproduzimos, ocorreu no início da gravação, momento de maior tensão, em que a consciência do fato de que sua fala está sendo gravada está mais presente na mente do falante. Com o decorrer do tempo de gravação, notamos que esse tipo de preocupação se vai esvaindo; e a fala vai-se tornando mais espontânea.

Quanto ao Projeto NURC, o critério adotado para se considerar o falante culto foi a formação em nível superior, ou seja, das várias formas como se pode definir um falante culto, adotou-se a escolaridade como marca de cultura.

Em relação à linguagem, nota-se, nas gravações do Projeto, a presença de infrações à gramática normativa. Esses “erros” constituem, na verdade, uma variação de *registro*, pois o “que nos permite identificar o falante culto real não é o seu conhecimento maior ou menor das regras da gramática tradicional, conhecimento de que se utilizaria muito mais na língua escrita” (Preti: 2004e).

Ainda que, como observa Barros (1999: 49), as infrações às normas gramaticais sejam pouco comuns nas gravações do Projeto NURC/SP, e a presença de correções indique o conhecimento das normas e a preocupação com a sua aplicação, podemos afirmar, com Preti (1997: 25), que

muitas de suas formas expressivas [da linguagem popular], embora em desacordo com a tradição gramatical, se incorporaram definitivamente à linguagem oral urbana comum, incluindo-se também na fala das pessoas cultas e nas suas expectativas com referência aos interlocutores, durante uma interação.

Isso ocorre, segundo o autor, devido a mudanças sociais como o processo de democratização do País e à influência da mídia, cuja linguagem vem aproximando-se da *linguagem comum* em muitos aspectos como no caso dos clíticos e, no léxico, da gíria.

Ainda que não possamos tomar as regras da gramática tradicional nem o padrão culto da escrita para identificar o falante culto, é possível fazê-lo observando as “marcas de linguagem culta”, identificadas por Preti (1997: 25), que revelam um nível alto de escolaridade do falante, a par das marcas da linguagem popular. É o que se observa, por exemplo, no seguinte trecho:

Exemplo 2

é assim para ficar junto com o pessoal... mas não é...
diário... entende? é assim quando a gente sabe hoje vai
ter um filme bom... vai passar um filme que... às vezes
até filme que eu já assisti há dez anos atrás e que é uma
re/ uma re/ é uma reapresentação então eu até aviso
o pessoal “olha vamos ter hoje esse filme” então a gente
fica junto **assiste a esse filme**... mas em termos assim de
... de assistir habitualmente não existe isso...
(D2/255, linhas 493-500).

Note-se que, ao lado do emprego de “a gente” e de uma construção redundante condenada pela gramática (há dez anos atrás), há o emprego do verbo *assistir* segundo a regência culta. Outras marcas que podem ser observadas são o emprego do verbo *haver* no sentido de *existir*, a correlação de tempos verbais, o emprego de certos tempos verbais e o léxico mais amplo:

Exemplo 3

L1 as minhas experiências:: marítimas:: são extremamente limitadas... eu... ahn **digamos** assim... como passeios:: para COnheciMENto da linha náutica...o/ oferta assim ... do Ministério da Marinha algumas vezes... eu tive a oportunidade de fazer... ahn a... uma **incursão** pelo mar... muito pequena... o... transporte urbano e mesmo o transporte suburbano e às vezes até interestadual... do ônibus... muitas vezes acabei **me valendo** também... nessas **circunstâncias**... ahn... e acredito até que grande parte de minhas viagens pelo estado de São Paulo (idem, linhas 133-142),

Exemplo 4

uhn o tipo de transporte gostoso... eu por mim... se **pudesse** escolher num determinado momento eu... **escolheria** o trem... por algumas razões... uma por exemplo é que... no trem... eu acho que **há** o repouso assim **integral**... porque o trem não tem... a **mobilidade** de um ônibus por exemplo que às vezes dificulta a leitura et cetera... quer dizer o trem é mais esTÁvel... (idem, linhas 240-246).

Uma marca clara da linguagem culta que se pode observar nas gravações do Projeto é a presença de autocorreções, as quais revelam não só o

conhecimento da *norma culta*, como também a preocupação do falante em não as transgredir:

Exemplo 5

aconteceu... houve a::... a inVASÃO:: de São Paulo...
(por)... por por pessoas::... não só de fora...
principalmente de fora... cresceu muito depois da
guerra... imigração... e::... e do Norte sobretudo
do Norte... então aí **mudou mudaram**-se os hábitos
(D2/396, linhas 621-625),

Exemplo 6

Inf. (...) ahn:: o tema que éh me foi dado é da estética
na década de TRINta... eu vou desde o início...
declarar que eu vou fugir um pouco ao meu tema...
e talvez no decorrer da palestra **fique esclarecido**...
fique esclarecida a minha opção... éh:: em todo
caso aviso já desde o início porque éh:: escolhi
essa orientação... a década de trinta é uma década
muito rica de manifestações estéticas mas muitas das
manifestações que poderiam me interessar aqui já
foram... eu creio... tratados por out/ tratadas
por outras pessoas não irão ser tratadas...
(EF/156, linhas 1-11).

Outra marca da linguagem culta que ocorre quanto ao léxico é a substituição de um vocábulo. Por meio desse artifício, o falante substitui um vocábulo de uso mais geral por outro mais específico ou de menor freqüência, ou substitui um vocábulo mais técnico por outro de uso mais comum. Essa possibilidade de “modular” o vocabulário, adequando-o à situação caracteriza,

segundo Barros (1997: 51), o falante culto. Os exemplos a seguir foram colhidos da autora citada:

Exemplo 7

Inf. (...) e **comé/** e **reinicia** o... ciclo... (...)
(EF/338, linha 94),

Exemplo 8

Inf. (...) ... na **década** no no de/ no **decênio** de trinta... (...)
(EF/156, linha 33-34),

Exemplo 9

Inf. (...) ... o filme brasileiro foi considerado... um::... um **penetra**... um::
inTRUso... (...)
(Ef/153, linhas 6-8),

Exemplo 10

Inf. (...) ... de tal forma que ela sempre tenha uma **reserva algum dinheiro** no bolso... (...)
(EF/338, linhas 56-57),

Exemplo 11

Inf. (...) é:: se aplicar assim uma **bateria** de testes... uma **porção** de testes (...)
(EF/377, linhas 99-100),

Exemplo 12

Inf. (...) e as outras tarefas vão se tornando mais:: complexas mais difí::ceis...
(EF/377, linhas 99-100).

2. 3. Análise da Conversação

Embora este trabalho seja voltado eminentemente para os aspectos estilísticos da linguagem, pelo fato de o *corpus* ser constituído de transcrições de conversações, fez-se necessário utilizar alguns conceitos de Análise da Conversação no exame do material gravado. Por esse motivo, segue uma breve exposição acerca dessa disciplina.

A Análise da Conversação é uma disciplina essencialmente empírica. Nas palavras de Marcuschi (2003: 7), “não existem modelos *a priori*”, uma vez que as observações dessa área partem de situações reais. Segundo o mesmo autor, a Análise da Conversação

iniciou-se na década de 60 na linha da Etnometodologia e da Antropologia Cognitiva e preocupou-se, até meados dos anos 70 sobretudo, com a descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos organizadores (op. cit.: 6).

Atualmente, outros aspectos estão envolvidos nas investigações; e os estudos voltam-se para todos os aspectos que contribuem para que a conversação seja bem sucedida. Marcuschi destaca que a Análise da Conversação é uma tentativa de encontrar respostas a questões como:

como é que as pessoas se entendem ao conversar? Como sabem que estão se entendendo? Como sabem que estão agindo coordenada e cooperativamente? Como usam seus conhecimentos lingüísticos e outros para criar condições adequadas à compreensão mútua? Como criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais?
(op. cit.: 7)

Visto que a Análise da Conversação não considera apenas os elementos verbais da linguagem, mas também outros como os supra-segmentais e os paralingüísticos, é necessário que se adotem formas de transcrição que ressaltem esses constituintes que compõem o processo interacional. Diferentes formas de transcrição são possíveis, baseadas sempre no sistema ortográfico padrão, mas com critérios especiais para o emprego de letras capitulares, translineação, pausas etc. Podem-se utilizar convenções para indicar a cadência da frase, a entonação ascendente e a descendente, a duração das pausas e outros aspectos que não são marcados no sistema ortográfico padrão, mas que são significativos para a análise lingüística (ver normas de transcrição no final do capítulo 1).

Para que um evento lingüístico possa ser considerado uma conversação, algumas características devem estar presentes. São elas a participação de dois ou mais falantes, uma ou mais trocas de falantes, a ocorrência de uma seqüência de ações coordenadas dentro de uma identidade temporal e o envolvimento numa “interação centrada”. A realização de um falante durante o tempo em que ele detém a palavra denomina-se *turno*, e este pode ser constituído de um ou mais *atos de fala*. Dessarte, podemos tomar a conversação como “uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum” (op. cit.: 15).

A conversação pode ser *simétrica* ou *assimétrica* de acordo com certas regras que regem a participação dos falantes na interação. Assim, é *simétrica* uma interação em que os falantes têm liberdade para determinar o tópico ou tópicos, tomar a palavra a qualquer momento e manter seu turno durante o tempo que julgar necessário. Isso ocorre normalmente nas interações cotidianas entre iguais. Em algumas interações, no entanto, apenas um dos falantes pode estar em posição de escolher os temas de que se vai tratar, de determinar os momentos de troca de turno e de atribuir ou não a palavra ao interlocutor e o tempo de que este dispõe para manter seu turno, assim como de iniciar e encerrar a interação. Nesse caso, trata-se de uma conversação *assimétrica*, como ocorre, por exemplo, nas

entrevistas, nas interações em sala de aula e em debates conduzidos por mediadores.

Numa conversação natural, ou seja, que ocorre espontaneamente no dia-a-dia, algumas regras básicas podem ser observadas como o princípio de que os falantes procuram falar cada um a seu tempo, evitando falas simultâneas. Essas interações podem-se dar em forma de *pares conversacionais* como pergunta-resposta, convite-aceitação, convite-recusa etc. A regra das seqüências de turno, muitas vezes, é quebrada, levando os falantes a recorrer a formas de reorganizar a conversação, o que pode ser feito por intermédio de *marcadores conversacionais* como “espera um pouco”, “deixa eu terminar” etc. Podem-se diferenciar as falas simultâneas das *sobreposições de vozes*, que ocorrem, muitas vezes, de modo cooperativo e contribuem para a fluência da conversação. Em geral, nas *sobreposições*, observam-se marcadores como “hã”, “ahã”, “isso”, “sei” etc. As sobreposições de vozes e falas simultâneas, como veremos, são mais comuns nos diálogos do Projeto NURC/SP, uma vez que esse tipo de inquérito é o que mais se aproxima da conversação natural. Entre as elocuições formais, pode-se dizer que as conferências, a rigor, não constituem conversações, embora haja momentos em que ocorram interações verbais entre o conferencista e algum locutor eventual.

Os *marcadores conversacionais* são recursos que, nas conversações, servem para tomar a palavra, retomá-la, retorquir, atribuir a palavra a outro falante, finalizar um turno etc. Os *marcadores* podem ser divididos em *verbais*, *não-verbais* e *supra-segmentais*.

Os *marcadores verbais* são palavras ou expressões estereotipadas e sem função sintática que são utilizados para se iniciar um turno, mudar de tópico, retomar um tópico anteriormente abandonado, ligar diferentes partes do discurso, preencher momentos de hesitação etc. Podem ser divididos entre os lexicalizados como “então”, “aí”, “daí”, “afinal” etc. e os não-lexicalizados como algumas interjeições (“ahã”, “éh” etc.) (cf. Marcuschi, op. cit: 62).

Os *marcadores não-verbais* são gestos, olhares, expressões faciais que têm influência sobre o discurso, podendo expressar aprovação, discordância, surpresa etc.

Os *marcadores supra-segmentais* são “de natureza lingüística, mas de caráter não-verbal”. Entre eles, temos as pausas e o tom de voz (op. cit.; 63).

Freqüentemente, nos diálogos, há coocorrências de marcadores de diferentes classes, que reforçam uns aos outros, de modo a levar o falante a atingir um objetivo comunicativo.

Ao contrário do texto escrito, que pode ser reformulado, deixando para o leitor apenas a versão final, na conversação, em que o planejamento coincide com a produção, é muito comum a presença de recursos de correção. “Corrigimos a nós mesmos ou aos parceiros, fazendo reparos sintáticos, lexicais, fonéticos, semânticos ou pragmáticos” (op. cit.: 28). Fávero (2003: 213) observa que, na correção, “tem-se um enunciado (enunciado-reformulador = ER) que reformula um anterior (enunciado-fonte = EF) considerado ‘errado’ a um dos interlocutores”. De acordo com Schegloff, Jefferson e Sacks (*apud* Marcuschi, 2003: 29), são os seguintes os tipos de correção:

- (a) *autocorreção auto-iniciada*: é a correção feita pelo falante logo após a falha;
- (b) *autocorreção iniciada pelo outro*: é a correção feita pelo falante, mas estimulada pelo seu parceiro ou por outro;
- (c) *correção pelo outro e auto-iniciada*: o falante inicia a correção, mas quem a faz é o parceiro;
- (d) *correção pelo outro e iniciada pelo outro*: o falante comete a falha e quem a corrige é o parceiro.

Fávero, Andrade e Aquino (1996) encontraram, ao examinar diferentes tipos de inquéritos do Projeto NURC/SP, os três primeiros tipos de correção.

Acrescentamos que, por tratar de fatos dinâmicos, a Análise da Conversação não trabalha com modelos fixos e invariáveis que podem ser

aplicados a qualquer situação. Suas formulações não são normas que se cumprem rigorosamente, mas procedimentos analíticos que têm limitações e, por vezes, podem ser insuficientes para a descrição dos fenômenos.

3. OS VALORES EXPRESSIVOS DOS AFIXOS NA NORMA URBANA CULTA DE SÃO PAULO

Os afixos são elementos mórficos (morfemas aditivos) que se prendem a um radical (lexema) ao qual acrescentam um significado. Os afixos dividem-se em *prefixos*, que se antepõem ao radical, *sufixos*, que se pospõem ao radical e *infixos*, que se intercalam ao radical. A Língua Portuguesa desconhece a existência de infixos. Por não constituírem enunciados quando isolados, os afixos estão, dentro da doutrina do lingüista norte-americano Leonard Bloomfield, entre as chamadas *formas presas* (cf. Kehdi, 2003: 26). Ao contrário de outros elementos mórficos, os afixos são constituídos por um inventário fechado. “Em português, por exemplo, são pouco mais de cinqüenta prefixos e aproximadamente cento e quarenta sufixos” (Petter, 2003: 71). “Os sufixos também apresentam significação léxica, mas é mais comum terem um valor geral e abstrato” (op. cit.). Há, também, os sufixos flexionais, como os formadores de feminino *-esa*, *-essa*, *-isa*. Alguns autores, como Câmara Jr. (1978: 97), incluem as desinências verbais entre os sufixos flexionais.

3. 1. Sufixos

Morfologicamente, as derivações sufixais resultam em alterações mais profundas que as prefixais, uma vez que os sufixos podem alterar a classe da palavra. Alguns sufixos, aliás, como *-izar*, *-ção*, *-ez*, *-eza*, *-mente*, têm apenas essa função. Ainda assim, esses sufixos podem ter valores expressivos dentro de certos contextos¹. Dessa forma, muitas vezes, é o contexto que vai determinar se um sufixo tem valor puramente intelectual, ou se possui um valor afetivo.

Em português, há um número relativamente pequeno de sufixos para

1. A esse respeito, note-se a exploração das possibilidades expressivas do sufixo verbal *-ficar* em recente campanha publicitária da companhia Telefônica, em que se criam neologismos como “poderosificar”.

expressar um número praticamente ilimitado de significações. Daí o fato de muitos sufixos serem polissêmicos. Comparem-se os valores do sufixo *-ada*, por exemplo, em “pedrada”, “feijoada”, “bicharada” e “mesada”. Evidentemente, há sufixos que têm significação puramente intelectual, como *-ema* (de origem grega), empregado com o sentido de unidade mínima (fonema, grafema, semantema etc.). Mesmo esses sufixos ainda estão sujeitos a empregos expressivos. Assim sufixos que normalmente compõem vocábulos da linguagem científica, como *-ite* (também de origem grega), que, em Medicina, tem sentido de “inflamação” (apendicite, gengivite, rinite etc.), podem, na linguagem coloquial, gerar, por analogia, vocábulos de significação pejorativa, como “frescurite”, “paixonite” etc. Dessa forma, os sufixos são morfemas que possuem alto poder evocativo, pois carregam traços semânticos dos elementos a que geralmente se prendem.

3. 2. Prefixos

Os prefixos, ao contrário, têm significação basicamente intelectual; e são raros os que têm valor expressivo. Esses, como veremos, estão praticamente restritos aos intensificadores, que podem ser formas alternativas de superlativação, como em “superbacana”, “ultracansado”, “hiper-rápido” etc. Raros são os prefixos polissêmicos; e a polissemia, quando ocorre entre os sufixos, se dá, em geral, em virtude de equívocos de raciocínio, como em “seminovo”, em que o sufixo *semi-* (meio), assume sentido de “quase”. Há, no entanto, os pseudoprefixos, que são radicais cujo sentido é degradado, gerando grande número de formas, como “autopeça”, “auto-escola” etc., em que *auto-* perde a significação original passando a valer por “automóvel”.

4. O SUFIXO *-INHO*

O sufixo *-inho* (< latim *-īnu*) é de uso muito difundido no português do Brasil. Segundo a tradição gramatical, *-inho* é um sufixo nominal formador de diminutivos e, embora figure no idioma a par de vários outros sufixos com essa função, parece-nos muito clara sua predominância sobre todos os outros; e a grande maioria, senão a totalidade dos falantes de português do Brasil, prefere naturalmente *rapazinho* a *rapazola*, *homenzinho* a *homúnculo*, *aldeiazinha* a *aldeola* etc. (cf. Martins, 1989: 114)

Ao lado do sentido de diminutivo, *-inho* foi adquirindo outros especialmente expressivos, manifestando idéia de pejoração, ironia, intensidade; mas, particularmente, no Brasil, de afetuosidade, como já ressaltava o historiador Sérgio Buarque de Holanda (1984: 108):

No domínio da lingüística, para citar um exemplo, esse modo de ser parece refletir-se em nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação “inho”, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-las do coração. Sabemos como é freqüente, entre portugueses, o zombarem de certos abusos desse nosso apego aos diminutivos, abusos tão ridículos para eles quanto o é para nós, muitas vezes, a pieguice lusitana, lacrimosa e amarga.

É exatamente esse emprego com valor afetuoso que encontraremos, muito freqüentemente, na análise da norma culta falada de São Paulo que faremos adiante, em consonância com a seguinte afirmação:

O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar idéias ou reflexões, resultantes da profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona – quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. (Skorge, 1958: 50-51 *apud* Cunha; Cintra, 1985: 192)

Somente nessa perspectiva é que nos é possível compreender o que se quer exprimir quando alguém pede “um minutinho” a outrem, uma vez que uma unidade exata não comporta idéia de diminuição. Note-se ainda que “minuto”, cognato de “miúdo”, já contém, em si, a idéia de “pequeno”; “minutinho”, porém, opõe-se a “minuto”, pois não encerra a idéia de tempo preciso, mas sim de “um breve espaço de tempo”, ou seja, carrega consigo um comentário, uma valoração. Como observa Martins (1989: 80), “o *elemento avaliativo* pode ser *acrescentado* a um lexema *por um sufixo ou prefixo*”. O mesmo ocorre quando alguém nos diz: “Posso te pedir uma *coisinha?*”, ou seja, uma coisa *de pequena importância* ou que não demanda esforço.

O valor que o sufixo confere à palavra pode variar de acordo com o contexto de modo que “mulherzinha” pode expressar tanto carinho como desprezo (Martins, op. cit.: 115). Lapa (1975: 106) afirma que um “livrinho” certamente carrega consigo idéia de estima; mas pode, em alguns enunciados, ter valor contrário, aproximando-se de “livreco”: “Escreveu alguns *livrinhos* e já se considera um literato”.

É abundante – como poderemos notar no inquérito DID/235 – o emprego de *-inho* em referência a alimentos ou bebidas como “salgadinho”, “coxinha”, “empadinha”, “ensopadinho”, “picadinho”, “batatinha”, “torradinha”, “dobradinha”, “bolinho”, “salsinha”, “cafezinho”, “chazinho”, “cervejinha” e designando ocupações como “lanterninha”, “flanelinha”, “bandeirinha”, “coroinha” etc. O largo emprego de *-inho* tem dado origem, também, a formas neológicas como “branquinho” (em São Paulo, corretor para textos manuscritos), ainda não dicionarizado com esse sentido. Além desses empregos, o sufixo *-inho* é particularmente prolífico em hipocorísticos como “paizinho”, “mãezinha”, “filhinho”, “caçulinha”, “Luisinho”, “Zezinho” etc.

Inicialmente ocorrendo como forma presa a substantivos, o sufixo *-inho* passa a ligar-se a palavras de outras classes como os adjetivos; ora lhes conferindo valor superlativo como em “magrinho”, “miudinho”; ora com valor

pejorativo como em “espertinho”; ora eufemístico como em “alegrinho” (no sentido de *embriagado*), ou atenuando o sentido de adjetivos que expressam características negativas como em “chatinho”, “ranhetinha”; ora exprimindo sarcasmo como em “nervosinho”, “estouradinho”; ora expressando precisão, exatidão como em “escritinho”, ora ausência de dúvida como em “mortinho”. Tais formas freqüentemente vêm acompanhadas de intensificador: “que bonitinho”. Nos advérbios, o sufixo *-inho* ocorre fundamentalmente com valor superlativo como em “cedinho” e “pertinho” ou enfático como em “nunquinha”; mas pode manifestar rigor, exatidão como em “agorinha”, “assinzinho”. Entre os pronomes, há formas enfáticas como “tudinho” e “nadinha” e afetuosas como “euzinho”, “minzinho”, “vocezinho”; entre os numerais, acrescentando principalmente idéia de exigüidade como em “unzinho”, “doisinho” e, entre interjeições, exprimindo delicadeza como em “adeusinho” e “tchauzinho”. Embora normalmente o verbo não aceite o acréscimo de morfemas que, em geral, se prendem a nomes (cf. Khedi, 2003: 45), exceto em caso de mudança de classe (*comportar + -mento*), “chuviscandinho” curiosamente apresenta o sufixo *-inho* ao lado do sufixo *-isco*, também de valor diminutivo. Tais formações são raras, como no seguinte passo, colhido em crônica de Carlos Drummond de Andrade: “Ah, disse a moça, você ficou zangado comigo, ficouzinho? bobo, te chamo de bobo como te chamo meu bem, fica nervosinho não (...)” (Andrade, 1989). Monteiro (2005) assinala a presença de desvio estilístico “quando se agrega um morfema a uma base que em tese o rejeitaria”.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss, 2001) registra seiscentos e sessenta e quatro vocábulos terminados em *-inho* e seiscentos e setenta e três em *-inha*. Excluídos os vocábulos em que não ocorre derivação sufixal como “caminho”, “galinha” e de origem duvidosa, controversa e obscura, são quinhentos e cinco vocábulos terminados em *-inho* e quinhentos e vinte e um em *-inha*. Isso revela não só a proliferação desse sufixo, mas o fato de vários desses vocábulos aparecerem sob as rubricas “uso informal”, “pejorativo” e “ironia” demonstra o potencial expressivo do sufixo.

4. 1. O sufixo *-inho* nas elocuições formais

As elocuições formais aqui analisadas são gravações realizadas pelo Projeto NURC/SP, contidas no primeiro volume da série *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo* (Castilho; Preti, 1986), e consistem em três aulas universitárias, uma aula secundária e duas conferências, totalizando duzentos e oitenta minutos de gravação.

Em princípio, a linguagem tensa e formal desse tipo de inquérito não comportaria o emprego da linguagem afetiva; mas, como observa Urbano (1988), “as chamadas elocuições formais, recolhidas pelo Projeto, não são tão formais, nem os diálogos, tão informais”. O mesmo autor acrescenta que há diferentes graus de formalidade, e as conferências são mais formais do que as aulas. Travaglia (2002: 57), a esse respeito, relaciona quatro níveis diferentes de formalidade na realização de uma conferência, indo do “oratório” (grau máximo de formalidade) ao “casual” (grau mínimo de formalidade, próximo da linguagem da conversação face a face). Dessa forma, pode-se entender a presença, ainda que reduzida, da linguagem afetiva nas elocuições formais. Ainda assim, a elocução formal seria, teoricamente, o tipo de inquérito em que a linguagem é mais tensa, seguida da entrevista e do diálogo entre dois informantes.

Se utilizarmos a ocorrência do sufixo *-inho* para pôr à prova a afirmação de que, nas elocuições formais, a linguagem é mais tensa que nos demais tipos de inquérito, poderemos confirmá-la, uma vez que a ocorrência desse recurso por minuto de gravação é consentânea com o grau de formalidade que se esperaria de cada um dos tipos de inquérito (ver quadro 2 no final deste capítulo). É importante lembrar que o emprego de certos recursos expressivos tidos como típicos da linguagem informal tem diferentes valores em contextos diferentes.

Quando um falante trata seu interlocutor pelo nome de batismo + *-inho*¹,

1. Sobre a questão do uso dos nomes de batismo no português do Brasil, assinala Holanda (1984: 109): “À mesma ordem de manifestação (a dificuldade em que se sentem, geralmente, os

estabelece, em geral, uma situação de informalidade. O mesmo, no entanto, não ocorre, quando se faz menção, por exemplo, a um líder sindical conhecido publicamente por “Vicentinho” ou “Paulinho”, de modo que o hipocorístico, que, no primeiro caso, revela intimidade entre os falantes, tem “valor neutro” no segundo. Isso se dá, por exemplo, quando um hipocorístico deixa de ser utilizado apenas entre falantes que têm certo grau de intimidade, como no caso das figuras públicas citadas, que podem ser tratadas por nome de batismo + *-inho* mesmo em situações formais, neutralizando o valor inicial do hipocorístico. Em se tratando de figuras políticas, a manutenção desses nomes pode também ter objetivos estratégicos de aproximá-los dos eleitores ou liderados. A ocorrência do sufixo *-inho* como marca de informalidade não deve, portanto, ser considerada apenas do ponto de vista estatístico, pois, nas elocuições formais, é muito mais comum esse emprego de *-inho* com “valor neutro” que nos diálogos entre dois informantes, em que geralmente há, de fato, valor afetivo. Em termos estatísticos, observamos vinte e quatro ocorrências do sufixo *-inho* com “valor neutro” nos diálogos entre dois informantes (14,11% do total de ocorrências nesse tipo de inquérito), apenas cinco ocorrências nos diálogos entre informante e documentador (3,88% do total de ocorrências nesse tipo de inquérito) e quatorze ocorrências nas elocuições formais (28% do total de ocorrências nesse tipo de inquérito). A isso acrescentamos que mais da metade das ocorrências dos diálogos entre dois informantes (treze delas) se deram no inquérito D2/255, que, como veremos, é o de maior grau de formalidade, aproximando-se, por isso, das elocuições formais (ver quadros 6 e 7 no final desta seção).

brasileiros, de uma reverência prolongada ante um superior) pertence certamente a tendência para a omissão do nome de família no tratamento social. Em regra, é o nome individual, de batismo, que prevalece. Essa tendência, que entre portugueses resulta de uma tradição com velhas raízes – como se sabe, os nomes de família só entram a predominar na Europa cristã e medieval a partir do século XII – acentuou-se estranhamente entre nós. Seria talvez plausível relacionar tal fato à sugestão de que o uso do simples prenome importa em abolir psicologicamente as barreiras determinadas pelo fato de existirem famílias diferentes e independentes umas das outras”.

Seguem exemplos do emprego de *-inho* com “valor neutro”:

Exemplo 13

(...) Oduvaldo Viana realiza **Bonequinha de seda**... um filme musical... uhn mas com enredo *não é um enredo romântico*... no gênero que os americanos... estavam fazendo muito sucesso... (EF/153, linhas 742-745),

Exemplo 14

((risos)) o ator principal era **Mesquitinha**... Grande Otelo estava surgindo... eles logo formarão uma dupla... nasce assim... o gênero cinematográfico (EF/153, linhas 802-804),

Exemplo 15

atraído pelas notícias... corre até a notícia em São Paulo... de que **Amadorzinho** da Cunha Bueno... da sociedade paulista vai se dedicar ao cinema (EF/153, linhas 557-559),

Exemplo 16

então numa vida deste tipo... a preocupação PRINCIPalmente está centrada na sobrevivência... não dá tempo assim para minhocar coisas muito exóticas... de ficar pensando no sentido da vida... se o *rock* é melhor que o **chori::nho:: se:::**... meu Deus (EF/405, linhas 86-90),

Exemplo 17

ela se manifestou... a partir... da:: de:: de:: de
algumas afirmações de Mário sobre a **modinha**...
éh :: ... Mário ah:: estudando a **modinha**... já no na
introdução que ti/ ti/ tinha feito a **Modinhas**
imperiais... e... através de todos os estudos que ele
estava fazendo sobre o folCLO/ adotava uma
posição muito ROMÂNTica em face da arte
(EF/156, linhas 702-708),

Exemplo 18

Aleijadinho... um barroco que pegou um material
NA::da barroco como é... a pedra e transformou
num material barroco... como fez... o **Aleijadinho**...
(EF/156, linhas 567-569).

Evidentemente, o emprego de “aleijadinho” por “aleijado” tem um valor expressivo, que pode comunicar da idéia de desprezo à de atenuação; no entanto, uma vez que a alcunha se fixou, passa a ter “valor neutro”, pois, em casos como o exemplo 18, o falante não buscou um desses efeitos expressivos.

O vocábulo “cafezinho”, por exemplo, pode ter “valor neutro” em certos contextos e expressivo em outros. É com o primeiro valor, aliás, que o vocábulo está dicionarizado: “café (2) servido em pequenas xícaras; café pequeno” (Ferreira, 1999), “café que se serve em xícaras pequenas; café pequeno” (Houaiss, 2001). Ocorre, porém, que seu uso expressivo (não dicionarizado) se dá com maior frequência, como no seguinte passo:

Exemplo 19

no primeiro dia então ele tem mil e duzentos no
bolso... ao fim do primeiro dia... ele gastou quarenta

cruzeiros certo? **cafezinho** transporte alimentos...
(EF/338, linhas 80-82).

Nesse inquérito (aula universitária sobre economia), o informante faz uso reiteradamente de “cafezinho” com o sentido de “pequenas despesas”, “coisas de pouco valor”, “gastos do dia-a-dia”.

Analisando-se as elocuições formais, nota-se que a maior parte das ocorrências do sufixo *-inho* revelam valor intensificador. A esse respeito, aponta Lapa (1975: 111): “as manifestações de ternura caracterizam-se por sua intensidade e natural exagero. Era pois inevitável que também se apegasse ao sufixo um efeito superlativante”. Esse emprego, em adjetivos e advérbios, vem notoriamente suplantando o emprego de *-imo*; e naturalmente é mais comum, no português do Brasil, que o falante prefira dizer que saiu “cedinho” a dizer que saiu “cedíssimo”. Além disso, as formações adjetivo + *-inho*, advérbio + *-inho* também admitem – o que, aliás, é bastante comum – outros graus de intensificação, como um segundo intensificador: “bem cedinho”, “bem novinho”, ao contrário da formação com *-imo*: *muito cedíssimo², *bastante novíssimo. Segue exemplo desse emprego do sufixo:

Exemplo 20

especialmente pela Arqueologia que a gente
interpreta... de um determinada forma... mas com...
iMENsos... buracos em branco... então... não é uma...
história **ligadinha** com todos os elos que a gente
possa dizer olha... se desenvolveu NESTe sentido...
(EF/405, linhas 32-36).

Outro exemplo de grande expressividade é o vocábulo “inteirinha” no trecho que segue:

2. O asterisco é usado antes de forma hipotética, inaceitável ou inexistente na língua.

Exemplo 21

lembram-se daquela frase que eu disse não
é? o... meu amigo Sabago... onde está ele ele esteve
procurando o senhor por toda parte... se deveria
traduzir... o... estão procurando DEle... pelo senhor
... está em toda parte... quer dizer a frase
inteirinha eram duas palavras só em caraíba...
(EF/124, linhas 375-380).

Nesse exemplo, o informante vinha falando sobre línguas polissintéticas aglutinantes, em que há palavras formadas por um grande número de morfemas, de modo que uma palavra pode conter o significado de todo um período. A admiração e o estranhamento do informante são manifestados pelo emprego intensificador do sufixo *-inho*.

A maioria das ocorrências de *-inho* como intensificador se dá no vocábulo “pouquinho” (também já dicionarizado, dada a profusão de sua utilização) e na expressão “um pouquinho”. Nota-se também, no último caso, exemplo de dupla intensificação, uma vez que “um pouco” já tem esse valor. Sendo “um pouco” um intensificador cuja função é de atenuar, o acréscimo do sufixo intensifica essa um pouco mais essa noção em relação ao adjetivo ou advérbio que acompanha, como no seguinte exemplo:

Exemplo 22

o nível cinco por exemplo... né? indivíduos... de::
dez anos conseguem realizar tarefas... até o nível
cinco o nível seis já se torna um **pouquinho** difícil...
(EF/377, linhas 195-197).

O sufixo *-inho* pode, por si só, transmitir idéia atenuadora à palavra à qual se prende, como no trecho que segue:

Exemplo 23

né? então esses padrões (têm sua
ação) Diretamente... e:: comprometem os
instrumentos né? isto já é um **fatorzi::nho::** negati::vo...
(EF/377, linhas 233-235).

Note-se que esse “valor atenuador” aparece realçado por meio do alongamento da vogal tônica (ver normas para transcrição no final do capítulo 1). Efeito expressivo semelhante pode ser percebido no seguinte trecho:

Exemplo 24

ahn se eu digo a uma criança **mauzinha**... por
exemplo... não é a mesma coisa que o italiano que diz
a uma criança *cativo*... *cativo* significa mau...
(EF/124, linhas 494-496).

No trecho, o informante utiliza a função metalingüística para explicar a dificuldade de se manter o sentido do discurso original numa tradução. Pode-se afirmar que a dificuldade, no caso, não ocorreria, ou seria menor, se se tratasse de traduzir “mau” ou “má”, porém a nuance de significado incorporado à palavra pelo acréscimo do sufixo é o que torna a versão mais difícil devido à complexidade de se encontrar um recurso expressivo equivalente em outro idioma. O informante destaca que “*cativo* significa mau”, porém não encerra o valor eufemístico de “mauzinha”. Note-se também que a formação, apesar de, a rigor, ser imprópria (forma masculina *mau* + forma feminina *-inha*, cf. *boazinha*), parece mais expressiva que a formação “mazinha”. Na verdade, o adjetivo parece ter sido tomado por invariável, como na forma “mauzona” (cf. Houaiss, 2001).

Já o emprego com “valor afetivo” do sufixo mostra-se menos recorrente nas elocuções formais. Pode-se afirmar que o caráter mais objetivo desse tipo de inquérito, em que o referente está acima do “eu”, não favorece esse tipo de

emprego. Observamos, porém, que ele pode ocorrer, por exemplo, em momentos em que há elevação do envolvimento do falante com o assunto, como o que segue:

Exemplo 25

com *Cru e Cozido* - - ... ((tosse)) a preocupação de Lévi-Strauss pela pintura é uma pro/preocupação... que percorre a sua vida... ela se manifesta sobretudo num **livrinho** precioso... que é... *Entrevistas...* com Claude Charbonnier (EF/156, linhas 149-153).

A expressividade do trecho ajusta-se perfeitamente ao comentário de Lapa (1975: 106) acerca do valor afetivo que os sufixos emprestam ao termo *livro*:

No primeiro exemplo [livrinho], o sufixo *-inho* deu à palavra não tanto um significado de pequenez, como mais ainda de ternura. *Livrinho* pode não ser um livro pequeno, pode ser um livro com as dimensões vulgares; mas é certamente coisa querida e apreciada.

No exemplo 25, o valor afetivo de *livrinho* é ainda acentuado pela presença do adjetivo *precioso*. Advirta-se que o trecho foi retirado de uma conferência, a qual, entre todos os inquéritos do primeiro volume do Projeto NURC/SP, é o que apresenta maior grau de formalidade. O mesmo valor afetivo ocorre nos seguintes exemplos:

Exemplo 26

uma uma:: atuação jornalística ele escreve sobre a literatura... sobre tantas tan/ escreve sobre as coisas mais **pequeninhas** sobre o cartaz:: sobre (EF/156, linhas 483-485),

Exemplo 27

Valdério?... como é quando você pede para desenhar uma mesa:: como é que a criança desenha?... ((vozes))... ah:: então é muito **pequeninho** Valdério seu irmão... irmão ou irmã? ... ((vozes))... desenha uma mesa?... ((risos))... como ela desenha?... (EF/405, linhas 340-344).

Nos exemplos 26 e 27, observa-se uma formação curiosamente expressiva, em que há dois sufixos de valor diminutivo e intensificador: o erudito *-ino* e seu “primo” vulgar *-inho* (pequeno + *-ino* + *-inho*). Sobre esse fato, já lembrava Bueno (1964: 111) que “muitas vezes, em busca de efeitos estilísticos, reúnem-se dois ou mais sufixos, sobretudo, quando o significado comum da palavra já se apresenta enfraquecido, gasto pelo uso”. Intensificando ainda mais a expressão, utilizam-se os advérbios *mais* e *muito*. Deve-se atentar ao fato de que, no último trecho, ocorre uma interrupção do “monólogo” habitual, sucedendo-se uma “ilha” de diálogo, como nos diálogos entre dois informantes. Ao tratar dos demais tipos de inquéritos, veremos quão numerosos são os empregos do sufixo *-inho* em referência a crianças.

Outro efeito expressivo obtido por meio do sufixo *-inho* é o de precisão ou exatidão, que se observa no trecho seguinte, em que o informante vem falando da retenção de moeda, ou seja, das razões pelas quais as pessoas mantêm algum dinheiro consigo ao invés de investir todo o seu dinheiro.

Exemplo 28

aqui evidentemente é mais para efeito didático a gente fez uma coisa assim todo mundo sabe que a gente não vai gastar... quarenta cruzeiros todo dia... **bonitinho**... certo?... ahn coisa deve ser mais ou menos... no primeiro dia só com aluguel com essas

coisas já deve acontecer um negócio assim não é?...
(EF 338, linhas 185-190).

No exemplo 28, o informante utiliza uma situação hipotética de uma pessoa que recebe um salário de mil e duzentos cruzeiros por mês e conserva consigo algum dinheiro para arcar com as despesas mensais; esclarecendo, porém, que essas despesas não são as mesmas todos os dias do mês, portanto essa pessoa não gasta *exatamente* quarenta cruzeiros por dia. O efeito de sentido que obtivemos por intermédio do advérbio *exatamente* ocorreu, no exemplo, com o emprego do vocábulo “bonitinho”, cuja expressividade certamente não se concretizaria sem a presença do sufixo *-inho*.

O mesmo ocorre no trecho seguinte, cujo tema é o cinema brasileiro da década de 30.

Exemplo 29

filme brasileiro... foi TRADICIONALmente
considerado pelo comércio cinematográfico
... pelos exibidores... pelos donos de filmes... o filme
brasileiro foi considerado... um:::... um penetra...
um:: inTRUso... alguma coisa que aparecia... pra::
atrapalhar... algo que funciona::va **direiti::nho**...
(EF/153, linhas 4-9).

Neste último exemplo, porém, o advérbio já contém em si a idéia de precisão, exatidão, que é apenas acentuada pela presença do sufixo e pelo alongamento da vogal tônica, ao contrário do exemplo 28, em que essa noção é devida exclusivamente à presença do sufixo.

Efeito semelhante de intensificação/exatidão é obtido no emprego do termo “nadinha” no trecho a seguir:

Exemplo 30

se eu (fizer) este gato e deixasse durante doze mil anos... ele vai continuar sendo um gato sem valor... não tem:: nenhuma... um valor artístico esta representação mesmo porque:: é usada por todas as crianças acho que quase que do mundo inteiro para desenhar gatos... então não estou colocando **nadinha** de novo (no tema)... nada de original certo?... (EF/405, linhas 282-288).

O morfema *-inha* assume, nessa formação, valor adverbial enfatizador, estabelecendo equivalência entre “nadinha” e “absolutamente nada”.

Outro valor expressivo do sufixo *-inho*, que, como vimos, está sujeito ao contexto, é o valor depreciativo. Lapa (1975: 106), acerca disso, nos ensina:

Como somos, porém, gente apaixonada, e facilmente vamos de um extremo a outro, não é de surpreender que o mesmo sufixo evoque em nós sentimentos depreciativos.

No seguinte trecho, em que o informante trata do cinema brasileiro do início do século XX, nota-se claramente o emprego depreciativo dos termos “cineminha” e “filmezinhas”.

Exemplo 31

mas DESde que o cinema virou realmente inDÚStria... nos países adianTados... naturalmente que esse nosso **cineminha** artesanal... foi liquidado... o Brasil era um país que importava tudo... e vocês sabem que o Brasil importava ahn?... não fabricava... o Brasil importava paLlto no começo do século ahn?... e se importava essas coisas... então é evidente... que começou... a

importar também divertimento... e começou também a importar filmes... e os nossos **filmezinhos** feitos aqui foram postos... inteiramente... de lado... mas continuou a existir... e isso isso é que é que é milagroso... o cinema brasileiro... nunca... nunca morreu... houve sempre uma continuidade (EF/153, linhas 26-40).

Na primeira ocorrência do sufixo, o informante constrói uma antítese entre “cinema” e “cineminha”, opondo os filmes importados aos brasileiros. Os elementos utilizados para se chegar a esse antagonismo são diversos. Para se enfatizar a proeminência do cinema importado, lança-se mão do valor expressivo de recursos supra-segmentais, que são os acentos de insistência em “indústria” e “adiantados” (ver normas para transcrição no final do capítulo 1). Esse acento, que, como demonstra Bechara (2003: 88), ocorre freqüentemente “para ressaltar uma distinção”, engrandece o valor do cinema importado, reforçando sua superioridade sobre o nacional, cuja inferioridade, decorrente do fato de ser um produto “artesanal”, é acentuada pelo valor depreciativo do sufixo. Já na segunda ocorrência, o informante expõe a consequência dessa superioridade do produto “industrializado” estrangeiro, pois, uma vez que o Brasil importava todos os tipos de produtos industrializados, seria natural que também importasse filmes. Neste trecho, por intermédio do emprego do morfema *-inho*, estabelece-se a oposição entre os “filmes” importados e os “filmezinhos” feitos no Brasil. Atente-se à presença da consoante de ligação *z*, que assume papel intensificador do valor depreciativo do vocábulo. Pode-se empregar “filminho” em referência a um filme de curta duração (equivalente a *filmete*); “filmezinho”, no entanto, aproxima-se mais de “filmeço”, em que o morfema *-eco* acrescenta inequivocamente a noção de depreciação. Esta última formação parece ter sido preterida não só pela natural preferência dos falantes brasileiros pelo sufixo *-inho*, mas também para que se mantivesse o paralelismo “cinema”/“cineminha”, “filme”/“filmezinho”.

O mesmo valor depreciativo pode ser observado no vocábulo “continhas”, que é usado para exprimir “contas simples”, “contas cuja efetuação não causa dificuldade”.

Exemplo 32

com ou::tro por exemplo... e vocês:: FOram (comigo eu já distribuí) testes... se vocês tiverem que realizar... umas fazer umas **continhas** né? e::... se... vai comparar... a realização de vocês... dentro daquele TEMpo::... que vocês tiveram... para fazer aquelas **conTinhas**... em relação àquela escala de ansiedade (EF/377, linhas 66-71).

4. 2. O sufixo *-inho* nos diálogos

O *corpus* utilizado nesta parte encontra-se no volume II de *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo* (Castilho; Preti, 1987), que consiste de transcrições de diálogos entre dois informantes realizados na presença de um documentador. A natureza desse tipo de inquérito difere essencialmente das elocuições formais anteriormente analisadas. Na perspectiva da Análise da Conversação, observam-se elementos como a troca de turnos, a sobreposição de vozes, os marcadores conversacionais, que “servem de elo de ligação entre unidades comunicativas, de orientadores dos falantes entre si” (Marcuschi, 2003), a disputa pela posse e manutenção do turno, a presença de repetições e anacolutos, que são recursos que não ocorrem, ou ocorrem apenas em casos excepcionais nas aulas e conferências que fazem parte do volume I da coleção citada. Do ponto de vista lexical, notam-se também elementos inéditos ou mais freqüentes como a presença de expressões e vocábulos próprios do *registro* coloquial e gírios. Isso se dá, segundo Preti (1987: 3), devido à interação social entre falantes cultos e falantes incultos (segundo o critério adotado no Projeto NURC/SP), bem como a variações de “níveis de linguagem, ou registros, que servem aos diferentes graus de formalidade exigidos pelas situações de

comunicação”, uma vez que “são os falantes cultos, por certo, que possuem maior consciência da variação lingüística” (Preti, op. cit.). Nesse aspecto, pode-se incluir o emprego do sufixo *-inho* tanto quantitativa (ver quadro 2 no final deste capítulo) quanto qualitativamente.

Nos diálogos gravados pelo Projeto, os informantes conversam sobre temas preestabelecidos; e ocorrem basicamente dois tipos de conversação. Em alguns casos, o documentador propõe um tema; e os informantes passam a interagir livremente, o que resulta em digressões e segmentos narrativos que se encadeiam, afastando-se da proposição inicial. Quando o documentador percebe que um tópico se está exaurindo, insere um novo tópico ou subtópico, e o processo reinicia-se. Em outros, os informantes se atêm mais disciplinadamente ao tópico proposto, exigindo maior número de intervenções do documentador.

A linguagem, nesse tipo de inquérito, não é homogênea; e para isso contribui o fator situacional. No diálogo D2/343, por exemplo, nota-se que a conversação é bastante espontânea, devido, em parte, ao grau de intimidade entre os falantes, que pode ser aferido, levando-se em conta seu conhecimento compartilhado. Essa espontaneidade se reflete, no nível lexical, não só no largo emprego de recursos expressivos, coloquialismos e gírias, como também, no nível sintático, em certas “infrações” à norma culta. No diálogo D2/255, ao contrário, devido à pequena intimidade entre os falantes, ao fato de serem hierarquicamente desiguais e ao próprio ambiente da entrevista (local de trabalho dos informantes) (Preti, op. cit.), a linguagem se torna mais formal do que a própria linguagem das elocuções formais, o que gera uma espécie de dupla entrevista, em que o documentador faz uma pergunta, um dos informantes responde à pergunta, passa o turno ao outro informante, que dá sua resposta e devolve a palavra ao documentador, que reinicia o “diálogo” com nova pergunta. Tal ordenamento conversacional, que aproxima o diálogo de um debate político com regras predeterminadas, implica, além da ausência de disputa pelo turno, de raríssimas sobreposições de vozes e de estruturas sintáticas mais complexas, uma rejeição

ao emprego afetivo do sufixo *-inho*, o qual, excetuando-se as intervenções do documentador, se apresenta exclusivamente com “valor neutro”.

A utilização de recursos expressivos também está relacionada diretamente ao tema de que se está tratando, de forma que o emprego afetivo do sufixo *-inho* é muito freqüente, por exemplo, quando se fala sobre crianças³. Além da natural associação entre infância e pequenez, esta “anda ligada geralmente em nosso espírito à idéia de ternura, simpatia, graciosidade” (Lapa, 1975: 106); e aquela, em geral, é vista, de maneira idealizada, como uma fase de pureza, inocência e bondade.

No seguinte exemplo, L2 (locutor 2) vinha falando que, em tribos do Xingu, o cacique obtém posição de liderança em função do trabalho, quando L1 introduz uma pergunta:

.Exemplo 33

L1 E os **filhinhos** dele... são considerados superiores ou não?
(D2/343, linha 749).

Nos diálogos do Projeto, os informantes fazem largo emprego dos vocábulos afetivos ao se referirem aos próprios filhos como no seguinte exemplo:

Exemplo 34

L1 e:: depois volto para casa mas chego já apronto o outro
para ir para a escola... o **menorzinho**... e fico na::quelas

3. A relação entre o léxico e o tema, já a conheciam os Antigos. Na antiga Retórica, já se distinguiam três estilos elementares, representados na *roda de Virgílio* (70-19 a.C.): o simples, o médio e o grave, estabelecidos com base nas três obras-primas do poeta latino: as *Bucólicas*, as *Geórgicas* e a *Eneida*. Nos anéis da roda, relaciona-se cada estilo ao léxico apropriado (nomes de animais, pessoas, instrumentos, habitações, plantas etc.) (cf. Guiraud, 1970: 26-27).

lides domésticas
(D2/360, linhas 157-159).

No trecho a seguir, a locutora, tratando das dificuldades da criação dos filhos nos primeiros anos da infância, faz uso, em referência aos filhos, do sufixo *-ino*, que, como vimos, é conexo com *-inho* e também tem valor afetivo:

Exemplo 35

L1 agora... já é mais fácil...
mas quando **pequeninos** ()
[
L2 é dão menos trabalho
L1 ah:: pois é
L2 é... cria menos problema...
(D2/147, linhas 448-452).

Nos trechos que seguem, a mesma locutora se refere ora a uma das filhas, ora a um dos filhos:

Exemplo 36

eu hesito em pôr no balé mas eu vou ter que pôr sabe?...
éh não quis pô-la até agora mas ela é MUlto::...
quebradi::nha ela:: faz os trejeitos e::
[
L2 ahn ahn
L1 vira pirueta e faz... parece de borracha
(D2/360, linhas 1396-1400),

Exemplo 37

L1 agora quando ele viu que os irmãos aprendiam francês

(LIV 80) (Preti, op. cit.).

No inquérito D2/396, observamos nada menos de setenta e oito vocábulos em *-inho* (sem contar repetições) em setenta e cinco minutos de gravação, superando em muito todos os demais inquéritos do volume. Essa discrepância é mais significativa se levamos em consideração a seguinte afirmação de Preti (1991: 44):

O inquérito 396-D2, embora com 2074 linhas de transcrição, na verdade, contém um número bem menor de palavras do que outros inquéritos gravados pelo NURC/SP com falantes de outras faixas etárias mais jovens e com a mesma duração. A razão é que existe um grande número de frases truncadas, espaços em branco decorrentes de hesitações e pausas, as quais alongam um conteúdo que poderia, quem sabe, ser desenvolvido em metade do tempo gasto.

A par dos intensificadores, de que trataremos a seguir, o emprego dos afetivos, também no D2/396, acentua-se sobretudo quando o tema são crianças e, em especial, os filhos. Para demonstrar esse fato, valer-nos-emos de dois exemplos, um dos quais mais extenso:

Exemplo 38

L2 mas nós n/ nós não gostávamos:... tinha uma uma:...
 umas primas que vovó criou desde **pequeninhas**
 ficou sem mãe... (são duas) ((barulho de trânsito)) aí
 vovó comprava para elas... nós já íamos na rua
 Direi::ta... na ru::a Santa Ifigê::nia... que
 comprávamos lá...

[

L1 ()

L2 lá nós escolhíamos as roupas... porque tinha uma
 PARte... que vovó criou desde **pequeninha**... duas...
 e tinha outras que vieram de Jundiá com mamãe que
 veio para cá também...
 (D2-396, linhas 763-773),

Exemplo 39

- isso foi (o meu irmão)... então comprou um:: motor
elétrico... aí nós aproveitamos eu e mamãe passávamos
as férias fazendo roupa porque... eram DEZ...
- L1 as **menininhas** de saia e blusa...
- L2 éh
- L1 ()
- [
- L2 e andavam de **sandalinhas**...
- [
- ()
- L2 naquele tempo já tinha sandália
- [
- de saia e blusa e uma **sandalinha**...
- L2 já tinha (TElas)
- [
- L1 (sa/) uma **sainha** azul já... geralmente uma **sainha**
de... de azul (e)... e uma **blusinha**... e às vezes um
vestidinho modesto também não era um vestido ()...
- [
- L2 é:: eu
- L1 () um **vestidinho** de seda era um...
- [
- L2 e mamãe () ((barulho de trânsito)) ()...
- L1 ou um **vestidinho** de veludo também lá:: () e ele...
- ()
- [
- L2 era uma festa aí sim né?...
- Doc. ahn ahn
- L2 tanto que no casamento de uma sobrinha...
- [
- L1 () modestas... aliás era
geral ()
- [
- Doc. ()

L2 casamento de minha sobrinha eu fiz um:: uma **roupinha**

[

L1 ()

L2 de veludo para o meu filho para o mais velhinho né?

Doc. sei

[

L2 com:: um **sapatinho** de verniz com uma fivela...
e quando começaram as aulas “você aproveitar esses sapato”... ele disse e ele disse para mim “AH não eu vou jogar fora... porque caçoam de mim... que eu uso ando muito:: lorde”... “esse daí que você é lorde

[

Doc. ()

L2 porque anda de **sapatinho**” “não QUERO esse sapato mamãe compra o... o tênis para mim como meus colegas andam” ele não quis... foi **Chiquinho**... jogou

[

L1 é::...

L2 o sapato novo longe não quis... porque mamãe fez uma **roupinha** de veludo para o casamento da minha sobrinha né?

Doc. sei

[

L2 foi aqui na Lapa até... foi Santa Cecília né?

L1 é...

L2 a filha do Osvaldo... nesse tempo meu genro era...

L2 vereador parece

L1 ()

[

L2 vereador parece

L1 seu genro não seu cunhado...

[

L2 meu meu cunhado que já morreu que
foi vereador...

L1 ()

[

L2 e aí:: fi/ ele éh:: fez uma porção:: umas **roupinhas**

- mais bonitas para os filhos não é?
- [
- L1 os meninos sa/ sa/: até
- [
- L2 os meninos
- L1 uma certa idade usavam muito uma **blusinha** à
- [
- L2 meninas...
- L1 marinheiro...
- Doc. uhn::...
- L1 (muito) comum... (usar) **calcinha** curta e ti/... e o a blusinha à marinheiro e um **gorrinho**... até uma certa idade... isso até mil novecentos e::... e quatorze quinze depois já:: (rapaze/) aquela **rapaziadinha** já quis começar a usar... calça comprida...
- Doc. uhn::...
- L1 e:: um **chapeuzinho** diferente lá:: já queria...(já não) ... já queriam ser MOço...
- Doc. uhn
- L2 é:: sim... tanto (que meu) filho mais ve::lho... e eu
- [
- L1 (os costumes foram)...
- L2 com/ compramos um **terninho** de::... de calça comprida...
- Doc. uhn uhn...
- L2 e ele estava no ginásio Oswaldo Cruz...
- Doc. uhn uhn...
- L2 e um belo dia eu (su/) “QUÊ é isso? você queimou todo o seu o seu terno novo meu filho?” “mas eu fui fazer experiência química... com um colega... - - (e esse nós apareceu não é?) --... fui fazer experiência química que que a senhora quer?”... eu digo “AH não (para) para outra vez nós vamos comar comprar DE BRIM” porque esse era um terno caro... ((riu)) mais velho sabe?... esse quando ele era pequeno é que ele saia **sujinho** de carvão... passado muito tempo os colegas perguntaram “E aquele que estava **sujinho** de carvão na na porta lá do grupo?”... “esse AH hoje ele é oficial do exército

((riu))... e está bem graças a Deus”
(D2-396, linhas 1465-1551).

Vimos que, ao lado do uso dos hipocorísticos (vovó, mamãe, Chiquinho), em referência ao vestuário das crianças, há grande cópia de diminutivos afetuosos como em “sandalinhas”, “calcinha”, “roupinha”, “vestidinho”, “blusinha”, “sapatinho”, “terninho”, “gorrinho”, “chapeuzinho”, além das referências às próprias crianças em “menininhas”, “pequenininhas”, “pequeninhas”, “o mais velhinho”, “rapaziadinha” e “sujinho”.

De modo oposto, o uso do sufixo pode evidenciar características negativas, como no seguinte exemplo, em que, no emprego de “qualquer menininho”, sobressaem idéias de incapacidade e de inferioridade da criança comparativamente com um adulto:

Exemplo 40

L1 não teve agora... então daqui a trezentos e sessenta anos vai voltar esse ciclo... daqui a trezentos e sessenta anos... qualquer **menininho**... com qualquer **botãozinho**... explode não sei o quê aí... certo? quer dizer não não é... não não nesse sentido... não vai cair na mão de um **menininho** mas pode-se rachar coisas aos montes... ((ruídos)) então acredito que possa acontecer
(D2/343, linhas 1738-1744).

A mesma oscilação entre a afetuosidade e o desdém fica patente no uso do termo “vidinha”, nos trechos a seguir:

Exemplo 41

Doc. é (em relação à profissão)

[

42, o locutor vinha falando sobre aspectos negativos de seu dia-a-dia: o desconforto e a lentidão do transporte público, a respeito da qual o locutor se refere utilizando recursos prosódicos (o alongamento da vogal em “demo::ra” enfatiza a idéia de lentidão, reforçada pelo acento de insistência em “Olto”); e “vidinha” está sintetizando as vicissitudes da vida quotidiana: as dificuldades de relacionamento no trabalho, a falta de reconhecimento do esforço etc.

Além da infância, a juventude também é uma fase da vida passível de idealização. Assim, é comum a referência a esse estágio como o tempo de “mocinho” ou “mocinha”. Essa avaliação positiva também está presente na forma cristalizada “mocinho” em oposição a “bandido”. Para exemplificar o uso do termo, reproduziremos dois trechos, um dos quais da fala da documentadora no início do inquérito D2/396:

Exemplo 43

Doc. (Olha gente) eu queria que vocês comenta::ssem... como é que era os ve/ vestuá::rio::... da época de vocês... de **mocinho**... das diversas classes sociais...
(D2/396, linhas 1-3),

Exemplo 44

L1 já da época em que:: eu era **mocinho** que eu ia a Santos ... evidente não eram isso mas eram maiôs dis/ muito discretos... maiôs... com saia e::... com saio...
(D2/396, linhas 1814-1816).

Também quando se está tratando de animais, é comum o emprego afetivo do sufixo *-inho*. Câmara Júnior (1978: 59) observa que “os nomes de animais estão naturalmente envolvidos por um halo de simpatia”. Lembramos que as figuras de animais povoam nossa infância por meio das fábulas, desenhos animados, histórias em quadrinho e brinquedos. No exemplo a seguir, o emprego

do sufixo dá uma feição misericordiosa em relação ao destino do animal que geralmente é associado à idéia da pureza e da paz:

Exemplo 45

- L1 o o... a comida dentro da casa pifa porque a geladeira...
acabou a luz né?
- L2 uhn uhn
- L1 que que você faz?... vai caçar onde?... comendo as
[
- L2 mas aí... né? eu acho que... eu
- L1 **pombinhas** ()
(D2/343, linhas 984-989).

Da mesma forma, encontramos o emprego do sufixo, no seguinte exemplo, em que o informante vinha falando da inviabilidade da aplicação de experimentos feitos com animais em seres humanos:

Exemplo 46

a caixa tem que ser construída do tamanho do corpo...
de uma pessoa... aí o que fizeram? construíram a caixa do
tamanho do corpo de uma pessoa e puseram ratos lá
dentro... lógico... não teve efeito nenhum... rato é
pequeninho não... sabe? se fizessem uma caixa desse
tamanho talvez funcionasse...
(D2/343, linhas 1642-1647).

O emprego do sufixo *-inho* como intensificador também é muito comum nos diálogos. Como vimos, para alcançar maior efeito expressivo, podem coocorrer diferentes formas de intensificação. Assim, ao lado do sufixo com valor intensificador podem figurar:

a) o advérbio de intensidade:

Exemplo 47

L1 eu acho que é equivalente com a cidade... a hora que a cidade fica bem **ruinzinha** né?...
(D2/343, linhas 209-210);

b) o alongamento da vogal tônica (ver normas para transcrição no final do capítulo 1):

Exemplo 48

L1 no namorar:: no portar-se... por sair com um rapaz de braços da::dos... enfim atitudes menos::... menos recatadas menos coisas que eram consideradas... escandalo::sas... éh:: uma moça que vivia na janela o dia **inteiri::nho** e que dava bola para todo mun::do então (eram) escandalosas
(D2/396, linhas 243-248);

c) o acento de insistência (ver normas para transcrição no final do capítulo 1) e a repetição com valor superlativo:

Exemplo 49

L1 e o:: cabelo por cima daquele chouriço de metal...
chouriço é de::... fio de arame é muito fino
()
[
L2 **fiNInho fininho...**
(D2/396, linhas 1997-2000);

d) outras combinações dos recursos já citados:

Exemplo 50

L1 os... as golas eram... no meu tempo de menino... as golas eram **estreitinhas**:: bem **estreitinhas**... (D2/396, linhas 916-917).

Além do intensificador “pouquinho”, de largo uso e presente em todos os tipos de inquérito, no inquérito D2/396, é freqüente o uso do equivalente “bocadinho”, que se alterna com a forma variante “pocadinho”:

Exemplo 51

L1 não passavam do tornozelo mas isso os mais longos... mas regra geral eles ficavam uns quatro dedos uns cinco dedos acima do tornozelo... o vestido... depois foram encurtando um **bocadinho**... e:: principalmente as normalistas costumá/ ((riu)) começaram a encurtar um **pocadinho** ((falou rindo))... (D2/396, linhas 439-444).

O uso do sufixo *-inho* pode intensificar o sentido pejorativo do vocábulo como no arcaísmo “vassourinha”, designação que era aplicada a moças consideradas “namoradeiras”:

Exemplo 52

L2 é tanto é (que aque::/ aquele) canto... vassoura
vassourinha né?... (éh) chamava de vassoura quando
[
L1 ah é:: chamava o pessoal

- L2 era muito namoradeira... mas no bai::le
[
- L1 de **vassourinha**...
- L2 a gente não saía sem uma apresentação...
- Doc. por quê?
- L1 bailes:... não se dançava com a pessoa
[
- L2 sem uma pessoa conhecida
(D2/396, linhas 251259).

Note-se o emprego de um termo pejorativo é uma forma de os locutores expressarem sua desaprovação ao comportamento das moças “namoradeiras”.

Esse valor depreciativo do sufixo *-inho* pode manifestar-se em casos de comparações, como no exemplo a seguir, em que as bombas convencionais, devido ao seu menor poder de destruição, são classificadas como “simplinhas” e “bombinhas” em comparação com a bomba atômica:

Exemplo 53

- L2 não sei de americanos ou ingleses que matou muito mais gente do que:... quando caiu a bomba atômica... só que o bombardeio de lá era com bombas **simplinhas** que todo mundo conhecia e tal... então não se falou nisso agora o fato de... em:... um segundo morrer duas mil pe/ ahn duzentas mil pessoas apavora né?
- L1 ((tosse)) justamente porque você não consegue botar bombardeio em tudo quanto é lugar soltando **bombinhas**... (você vai) aqui fica bombardeando cinco horas ali tá... você entendeu?
(D2/343, linhas 1596-1605).

Por vezes, o sufixo *-inho* é utilizado com intenções didáticas, em enunciados em que o informante procura explicar a natureza de algo que é

desconhecido do seu interlocutor. O sufixo, nesses casos, assume um “valor cognitivo” de “uma espécie de” ou “algo semelhante a”. Esse emprego, que, como veremos a seguir, é mais comum nas entrevistas, ocorre em vocábulos antecidos de artigo indefinido ou de expressões comparativas (como, como se fosse etc.):

Exemplo 54

(L1 vinha falando que fora negociante de tecidos e dos tecidos que, na época, vendia.)

eram mercadoria quase toda importada... as casimiras
também eram todas importadas... e:: o veludo atracã
seda milinó...

Doc. o que é isso? ((ri))

L1 milinó é milinó é uma lã...

[

L2 ()

L1 de (um)...

[

L2 era uma **lãzinha**

L1 de um gado:: chamado de um::... um carneiro que
chamava-se milinó é de uma... é de uma... (deve::)...
não sei se é da Austrália... se não me engano é da
Austrália esse milinó... não sei... essa qualidade de::...
de::... de carneiro... milinó... era da... e::... mu/ havia
(D2/396, linhas 719-731),

Exemplo 55

L1 essa fazenda leve que tem aí hoje que todo mundo fala é...
que não é bem ah cetim é... é com/ era como se fosse
um **algodãozinho**...

Doc. uhn...

L1 um tecido mais ou menos como do **algodãozinho** mas
ralo... BEM ralo... tecido de algodão bem ralo então

(isso ah era)... era ()
[
L2 CAssa cassa...
(D2 396, linhas 740-747).

A riqueza da expressividade do sufixo *-inho* pode ser observada no emprego de “bonitinho”. O vocábulo, que, além do valor superlativo, pode, como vimos nas elocuições formais, ter valor adverbial de “exatamente”, adquire, no exemplo a seguir, outro valor adverbial, equivalendo a “apuradamente”, “esmeradamente”:

Exemplo 56

L1 então o cara aí... analogia né? o cara está no carro mas
... o que querem? é tribal a coisa sabe?... o carro é o
cavalo aí no caso então o cara vai e tal e pole o carro
boniti::nho lava... manda cromar manda blá blá blá...
(D2/343, linhas 701-704).

4. 3. O sufixo *-inho* nas entrevistas

O *corpus* utilizado nesta parte encontra-se no volume III de *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo* (Preti; Urbano, 1988), que consiste de transcrições de diálogos entre informante e documentador. Esse tipo de inquérito apresenta alguns aspectos que o distingue dos inquéritos analisados anteriormente.

Um desses aspectos, como ressalva Barros (1991), é que, na entrevista, ocorrem três diálogos simultâneos: o diálogo entre entrevistador e entrevistado, o diálogo entre entrevistador e público e o diálogo entre entrevistado e público. A consciência da presença de um público, de que o que se está falando está sendo gravado e será submetido a uma análise posterior também exerce nítida influência sobretudo sobre o entrevistado, cuja linguagem tende, nesse contexto, mais à

artificialidade (em oposição à naturalidade) do que propriamente à formalidade (em oposição à *informalidade*).

Como observam Fávero e Andrade (1998), o que importa nas entrevistas do Projeto NURC/SP, cujo interesse é puramente lingüístico, é manter o informante falando, independentemente do que está sendo falado. Esse fato gera conseqüências em relação à interação e à espontaneidade da conversação.

Sendo a entrevista uma espécie de conversação em que cada participante tem seu papel predeterminado (cf. Barros, op. cit.), nela as trocas de turno são mais previsíveis e disciplinadas que no diálogo entre iguais, e as sobreposições de vozes são pouco comuns, o que, em tese, não favorece a presença de recursos expressivos, uma vez que consideremos que “a língua falada é particularmente expressiva, tanto mais quanto seja natural e espontânea, sobretudo a linguagem da conversação” (Urbano, 1997).

Apesar das diferenças mencionadas, de um modo geral, a linguagem das entrevistas está mais próxima da linguagem dos diálogos do que das elocuições formais, inclusive em relação aos recursos expressivos, o que se pode comprovar se tomarmos, como termo de comparação, as ocorrências do sufixo *-inho* (ver quadro 2 no final deste capítulo). Lembramos que, além do tipo de inquérito, como foi afirmado quanto aos diálogos, alguns temas favorecem mais essas ocorrências do que outros.

Urbano (1988) observa, acerca das entrevistas realizadas para o Projeto NURC/SP, que estas se dividem, quanto ao processamento temático, em dois tipos: a “entrevista narrativa” e a “entrevista gnômica ou instrucional”.

No primeiro caso, trata-se de narrativa de caráter intimista em que se relata, na primeira pessoa, alguma experiência vivida pelo informante, relativamente ao assunto proposto. No segundo, as entrevistas contêm depoimentos de caráter impessoal e genérico sobre alguma atividade, constituindo-se em diálogos fortemente dirigidos pelo documentador. Em ambos os tipos, a pretexto de se buscarem informações sobre o tema da entrevista, colhe-se rico material especificamente lingüístico.

Na verdade, como observa o mesmo autor, há segmentos narrativos e instrucionais dentro de uma mesma entrevista.

Essa divisão implica diferentes usos de recursos expressivos, de forma que, nos segmentos narrativos, há predominância do emprego afetivo do sufixo *-inho*, enquanto, nos segmentos instrucionais, é comum o emprego com “valor cognitivo”.

O inquérito DID/18 é uma entrevista tipicamente instrucional, em que o entrevistado trata de processos de produção agrícola. Daí, a necessidade de descrição técnica dos processos e dos equipamentos nele envolvidos acarreta grande número de ocorrências de *-inho* com “valor cognitivo” em vocábulos que, como vimos, vêm geralmente acompanhados de artigo indefinido ou pronome indefinido. A seguir, reproduzimos alguns trechos contendo tais ocorrências:

Exemplo 57

Inf. bom depois que se colhe a espiga de milho precisa descascar também o milho... e que serviço que era feito manualmente por pessoas mesmo... quer dizer ha:./ havia um:... um:: um sujeito um colono um camarada... que então ficava sentado numa cadeira... colocava de um lado... um:: monte de espigas de milho... com casca... e ia tirando casca por casca né?... de cada espiga... ah aí fica então a espiga de milho com:: as várias fileiras de milho... presas na espiga... agora depois disso pode pôr... colocar num **aparelhinho** que chama debulhador de milho
(DID/18, linhas 263-273),

Exemplo 58

Inf. bom a coalhada so/ sofreu uma alteração muito grande depois que... vieram os::: iogurtes... agora

antigamente se fazia coalhada só deixando o leite...
pra talhar... como se falava... então o:: o::... eu
acho que de/ ... deve haver algum::... algum germe no
leite... que leva em geral vamos dizer até alguma
sujeirinha que seria... que deve levar o leite a talhar... e
a coalhada antiga... era só leite talhado...
(DID/18, linhas 594-601),

Exemplo 59

Inf. eu não me lembro bem como é que se fazia eu o que eu me
lembro é que havia uma::s **rodinhas** de madeira... e que
o queijo ficava dentro da **rodinha** enquanto::... estava
secando um pouco... e que de vez em quando a gente ia
lá e colocava sal

Doc. uhn uhn... essas **forminhas** ti/ tinham nome não?

Inf. não me lembro como é viu?

Doc. uhn uhn

[

Inf. uma **forminha** de madeira

(DID/18, linhas 632-640).

Como vimos, o emprego do sufixo com “valor cognitivo” ocorre, muitas vezes, para suprir a inexistência de um termo mais adequado, para explicar esse termo (como “debulhador”), ou para substituí-lo quando o locutor dele se não lembra (“forminhas”). Em todos os casos, a intenção do falante é de aproximar aquilo a que se refere de algo que é conhecido de seu interlocutor. Como esse processo envolve uma relação de semelhança, o vocábulo derivado pode, por vezes, estar acompanhado de expressões comparativas (como, assim como, que nem etc.). Reproduzimos uma passagem em que o informante define o chicote como “um aparelhinho de tortura” a par de exemplos retirados de outras entrevistas:

Exemplo 60

Inf. para movimentar o cavalo... aí a pergunta... a... a resposta da pergunta... ((riu)) tem que ser outra... é::... ele POde usar o chicote...

Doc. uhn uhn

Inf. que é:: vamos dizer um:: **aparelhinho** de tortura... (DID/18, linhas 802-806),

Exemplo 61

(O informante vinha falando das estradas norte-americanas.)

nós temos aqui que é a:: Castelo Branco... às vezes seis sete pistas de cada lado... éh:: o:: em termos também de até de pedágio é muito mais organizada do que aqui porque quando passa pelo pedágio há uma **cestinha** de::... metal onde se atira moeda e:: automaticamente abre...

um sinal verde e:: pode-se passar... então em termos de de (DID/137, linhas 388-394),

Exemplo 62

(O informante narrava um evento em que, em uma viagem à Bahia, sua mulher fora “atacada” por piolhos de galinha.)

Inf. mas era tanto que se... noTAVA... uma mancha preta subindo nas pernas de minha senhora... ela disse “e agora?” eu digo “ah vamos pro hotel” “mas daí (vamos) emPEStear o hotel?” digo “não”... passei numa farmácia compre::i Neocid... em pó... entramos no banheiro e ficamos nós dois um pondo Neocid no outro assim que nem **talquinho**... pusemos nas nossas roupas depois é que fomos pro quarto... essa foi... as duas peripécias

da nossa viagem de núpcias...
(DID/208, linhas 340-348),

Exemplo 63

(O informante vinha falando do primeiro parto de sua mulher.)

então... como o parto foi às... mais ou menos quatro horas da tarde... HOra que ele estava com o::... consultório cheio... o que ele fez?... ele... fez o parto... fez a::... o corte normal... que fazem no períneo... depois a (gráfica)... este ponto metálico... são umas **latinhas** que ele põe pra... segurar a carne... e tirou cinco dias depois mandou minha senhora pra casa... nessa ocasião... minha:: sogra veio fi/... dormir em minha casa exatamente pra fazer a parte de higiene parte de asseio de minha esposa...
(DID/208, linhas 483-491),

Exemplo 64

guardar no banco é fácilimo chega lá abre uma conta “ah pois não” o gerente atende... “ah pois não... ah faz favor sente-se aqui” tal e coisa assina umas **fichinhas**... bem o banco faz o o... o que se chama o... como é que se... como é que (eles chamam) essa essa folha de informação? o cadastro bancário... então o sujeito assina... diz que é maior... vacinado... alfabetizado... -- não isso eu estou brincando hein... --
(DID/250, linhas 414-421).

A maior presença de empregos do sufixo *-inho* com “valor cognitivo” nos diálogos entre informante e documentador também pode ser comprovada estatisticamente, uma vez que neles foram observadas dezesseis ocorrências (12,4% do total de ocorrências nesse tipo de inquérito) e apenas duas nos diálogos entre dois informantes (1,18% do total de ocorrências nesse tipo de

inquerito) e uma nas elocuições formais (2% do total de ocorrências nesse tipo de inquerito).

Além do emprego de “valor cognitivo”, encontram-se, nas entrevistas, basicamente, o emprego intensificador e o emprego do sufixo *-inho* com “valor afetivo”. Uma vez que julgamos que esses empregos já foram satisfatoriamente abordados, analisaremos, em seguida, apenas alguns casos que nos parecem de especial relevo.

O emprego intensificador, que não deixa de ser afetivo, comporta essencialmente uma característica avaliativa e, portanto, subjetiva, de modo que nos podemos dele valer para ressaltar tanto uma idéia de exigüidade quanto uma idéia de abundância ou excesso. Essa característica se torna patente quando o intensificador é acrescentado a palavras que, a rigor, não admitem idéia de intensificação como “inteiro”, “completo” e “todo” (com sentido de “a que não falta parte alguma”). Ora, quando dizemos “a avenida inteira” ou “o dia todo”, rigorosamente, estamos dizendo “a extensão total da avenida” ou “as vinte e quatro horas do dia” (ou “as doze horas do dia”, em oposição a “noite”). Se, por um lado, uma grandeza, por ser mensurável, não admite *intelectualmente* intensificação, por outro, admite, por certo, uma avaliação pessoal estritamente subjetiva, ou seja, *afetiva*. Esse emprego intensificador está presente nos trechos reproduzidos a seguir:

Exemplo 65

então eu andava muito a pé... circunstância que talvez não
ocorresse se eu tivesse ido no verão... (então) eu descia a
Champs Elisées **inteirinha**:: atravessava ... o jardim das
Tulherias e::... ia no Louvre... o museu do Prado fica::
(DID 137, linhas 171-174),

Exemplo 66

Inf. eu acho que a televisão... pega uma parte do dia **todinha**
né? com desenhos e... a molecada fica grudada na
televisão né?
(DID/234, linhas 448-450).

No exemplo 65, o emprego do sufixo em “inteirinha” é avaliativo, pois representa uma forma de ressaltar a longuidão da referida avenida, o que é uma avaliação do falante. No exemplo 66, “todinha” destaca o longo período consumido pelas crianças diante do televisor e acentua o tom de censura da falante em relação a esse hábito. Essa idéia de reprovação ainda aparece reforçada pelo adjetivo “grudada”, em que é patente a noção de passividade. Pode-se argumentar que, expressivamente, a noção de avaliação se sobrepõe à de intensidade, se levarmos em conta que, nesse caso, o sufixo *-inho* não comuta com o sufixo *-imo*, intensificador por excelência. Confronte-se *miúdo*, *miudinho*/*miudíssimo* (ou *minutíssimo*) com *todo*, *todinho*/**todíssimo*.

Indo de um extremo a outro, lembramos que emprego do mesmo sufixo pode, ao contrário, expressar noções de brevidade ou exigüidade como no seguinte exemplo, que colhemos dos diálogos do Projeto:

Exemplo 67

L1 ((risos)) então quer dizer que... se fossem só os meus não
teria problema é que eu levo... ah... ah filhas de::: uma
vizinha sabe?... daria para
esperar um **minutinho**?
(D2/360, linhas 1645-1648).

“Minutinho” (exemplo 67) não expressa a idéia de exatidão contida em “inteirinha” (exemplo 65), mas o seu sentido vago encerra avaliativamente a noção de brevidade.

A mesma noção aparece no vocábulo onomatopaico “burburinho”. Embora saibamos que não se trate da derivação sufixal *burbúrio + *-inho* e, portanto, a rigor, não se possa falar na presença do sufixo, os falantes assim sentem o vocábulo⁴, associando a ele a idéia de “som de pouca intensidade” por oposição a barulho, estrondo etc. Pode concorrer para que se chegue a essa conclusão a analogia com “murmurinho”, em que *-inho* é um autêntico sufixo. Veja-se o emprego de “burburinho” no exemplo a seguir:

Exemplo 68

fila enorme... chegou uma época que o cinema estava
assim há uns seis anos atrás ou oito agora não agora
o pessoal parece que entra e sai é um **burburinho** ali
no cinema entra e sai todo mundo e::: eu acho que
diminuiu BEM o o o pessoal que vai a cinema...
(DID/234, linhas 589-593).

Esse vocábulo eminentemente expressivo assume, às vezes, sentido de “agitação”, “inquietação” como no exemplo a seguir:

Exemplo 69

(O informante, professor universitário, vinha falando do trabalho na Universidade.)

estou muito contente com isso... vivo num ambiente
sadio... gosto de conviver com os meus discípulos...
com os meus colegas... e::... estou afastado dessa...

4. Sobre a postulação de que os falantes em geral sentem intuitivamente a presença do sufixo *-inho* em vocábulos como “burburinho”, vejam-se os exemplos de derivação regressiva (botequim > boteco, burrico > burro etc.). M. Said Ali (1964) define tais casos como formação baseada em “erro de raciocínio”, em que o termo primitivo é tomado por derivado em analogia a outros derivados (cf. botequim/espádum, burrico/namorico).

desse **burburinho**... desse corpo a corpo da da... da
advocacia e da Justiça
(DID/ 250, linhas 100-104).

Como observamos anteriormente, o emprego do sufixo *-inho* está relacionado com o tópico do discurso. Daí, encontramos formas em *-inho* em referência a:

a) animais:

Exemplo 70

ah::... que::... qual outro filme que... que o público

infantil achou e gostou... aquele filme dos **cachorrinhos**
como é o nome? dos dois **cachorrinhos**... NOssa a
criançada adorou aquele filme... eu tenho uma memória...
(DID/234, linhas 441-444);

b) crianças:

Exemplo 71

e:: tem outra coisa né? fazer uma peça pra criança você
ver **rostitinhos bonitinhos** simpáticos olhando pra
você::... e dando risa::da só você você ver um:: ouvir uma
gargalhada dum criança... numa platéia você está::...
não preci/ não precisa fazer nada não precisa ganhar
nada... pode ser criticado por todo mundo... uma criança
que deu uma risada é que ela gostou da peça você se
sente feliz acabou...
(DID/161, linhas 163-170);

c) alimentos:

Exemplo 72

Inf. ah então a gente vai numa lanchonete né? onde se come umas coisas mais:: mais rápidas... *hamburger* essas... essas comidas... éh::... à base de CARne... né?... e:: ou sanduíches... agora **empadinha coxinha** essas coisas eu não gosto muito não de:: de comer fora de casa... (DID/ 235, linhas 54-58).

No inquérito 235, de que se extraiu o último exemplo, são bastante freqüentes as ocorrências do sufixo *-inho* em referência a alimentos. Assim temos vocábulos em que quase se perdeu a noção de que se trata de derivação como em “empadinha”, “coxinha”, “salgadinho”, “cafezinho”, muitos deles já dicionarizados, ao lado de empregos menos comuns como “chazinho”, “bolachinha”, “franguinho”, “pescadinha”, “bifezinho”, “batatinha”, “pedacinho” (de frango), “pacotinho” (de lasanha), “coisinhas levinhas” (em referência a bebidas sem álcool), “sanduichinho”, “sopinha”, “torradinha”, “bolinho” etc. Parece-nos bastante natural essa afetividade ligada aos alimentos. Os alimentos são parte essencial de nossas vidas, fazem parte de todas as culturas, precisamos deles para sobreviver, trabalhamos para obtê-los, despendemos tempo para comprá-los, prepará-los e consumi-los; em suma, os alimentos fazem parte do nosso dia-a-dia, o que explica a expressividade de palavras ligadas ao paladar como “doce”, “amargo” (inclusive comum em metáforas e frases feitas). Como já mencionamos aqui, o uso afetivo das palavras está ligado ao contexto, de forma que não se diz que o Brasil produz “cafezinho”, ou que a produção de “feijãozinho” foi recorde. As palavras ganham maior contorno afetivo quanto mais próximas de nós as sentimos. Assim, o emprego afetivo está associado ao prazer que se sente em preparar e consumir os alimentos, e é dentro desse contexto que se dá o uso dos diminutivos afetivos. Ilustramos esse comentário com um trecho retirado do mesmo inquérito:

Exemplo 73

então eu iria pra casa... ia dar uma:: vistoria na geladeira pra ver o que que tinha lá:: e supondo que tivesse... carne né? faria... bife... com batatas porque sei que com certeza vocês iriam adorar batatas fritas ((risos)) então... um **bifezinho** com **batatinhas** fritas um pouco de arroz... né?... uma sala::da... e::: o principal do almoço já estaria pronto né?
(DID/235, linhas 362-368).

Notamos que o sufixo com valor afetivo só se incorpora às palavras quando estas estão mais próximas da falante. Desse modo, o bife e as batatas que estavam armazenados só ganharam configuração afetiva depois de, na narrativa, estarem preparados pela falante e servidos. Aí se tornaram “bifezinho” e “batatinhas”, pois se agregou a eles a idéia do prazer de preparar e consumir os alimentos.

Por outro lado, a mesma falante, ainda tratando do tópico “alimentos”, utiliza também o sufixo *-inho*, para expressar o contrário do que quer dar a entender:

Exemplo 74

inf. ah eu ia pensar () morta de fome assim né? um sanduíche BEM GRANDe e bem alto ((falou rindo))... daqueles tipo americano assim que eles:: que eles vendem nas:: nas lanchonetes... e que tem o::vo presun::to muçare::la... alfa::ce ((risos)) esse negócio todo um **sanduichinho** bem delicado pra você comer ((falou rindo))...
(DID/235, linhas 487-492).

Note-se que o trecho reproduzido no exemplo 74 é rico em figuras de pensamento, uma vez que, além da ironia, há uma antítese entre “sanduíchinho bem delicado” e “sanduíche BEM GRANDe” e uma hipérbole em “morta de fome”.

Não foram encontrados outros exemplos do emprego irônico do sufixo *-inho*, o que nos leva a crer que tal emprego é bastante escasso, sobretudo se comparado com os intensificadores e “afetuosos”.

O emprego depreciativo – que não deve ser confundido com o irônico – ocorre com maior frequência. Muitas vezes, esse emprego ocorre em comparações, para ressaltar a inferioridade de um dos termos e deixar claro, pelo “avesso do discurso”, a superioridade de outro. No seguinte trecho, o informante compara o cinema ao teatro:

Exemplo 75

Inf. o camarada tem recursos para ir a um cinema... qualquer um... até um mendigo ele POde ir a um cinema... e:: da **feriazinha** do dia-a-dia das **esmolinhas** do dia ele tira cinco contos... para o ingresso inteiro em qualquer cinema de bairro e entra... ninguém vai barrar ninguém (DID/161, linhas 656-660).

O falante constrói uma argumentação que visa a desqualificar os frequentadores de cinema. Para referir-se a eles, utiliza-se de uma gradação, em que as expressões vão ganhando contorno pejorativo: “o camarada” (com valor indefinido), “qualquer um”, “até um mendigo” (Note-se o emprego da palavra denotativa de inclusão *até*). Esse *continuum* é reforçado pelo emprego de “feriazinha” e “esmolinhas”. O objetivo do falante, ao desprestigiar o público do cinema, é destacar a superioridade do público do teatro, ao qual, em seguida, é contraposto o primeiro (“agora no teatro já não”). Essa argumentação conduz-nos à inferência de que o teatro é superior ao cinema, que é a tese que o informante pretende defender.

Reproduzimos, a seguir, outro exemplo de emprego pejorativo do sufixo *-inho*, que ocorre em uma fala reproduzida no interior de uma narrativa:

Exemplo 76

e assim foi feito... seis meses depois ela entrou no:: no hospital pra fazer uma:: períneo-raquia... no segundo parto apesar de todo:: o pavor que ela tinha o parto foi normal mas... rompeu outras vez o tecido já devido ao primeiro... e ela teve que fazer NOvamente... outra períneo-raquia seis meses depois... eu tinha planejado uma família com três filhos ela disse “se você quiser o terceiro você vai arrumar na esquina vai arranjar com QUALquer **negrinha** que você quiser mas aqui a fábrica pegou fogo não tem mais” ((risadas)) e assim ficamos só com dois filhos... de maneira que foi... foram só os dois... graças a Deus têm:: tido boa saúde... (DID/208, linhas 524-535).

As narrativas que ocorrem em diálogos são divididas em três tipos: a *reprodução*, a *notícia* e a *informação* (Gülich; Quasthoff *apud* Preti, 2004c: 22). No trecho transcrito, temos uma *reprodução*, a qual se caracteriza pelo emprego de vários recursos para “dramatizar a cena” como o discurso direto, a reprodução de entonações, sussurros, gritos, imitação de vozes etc. Nela, o narrador se transforma em “um deus, no sentido de que cria um mundo de acordo com os valores de que partilha” (Gülich; Quasthoff *apud* Preti, 2004d: 29).

Na fala reproduzida pelo informante, o difemismo “negrinha”, reforçado pelo indefinido “qualquer”, carrega consigo forte conotação preconceituosa. A presença do sufixo, nesse caso, acentua bastante a conotação depreciativa. Mesmo os vocábulos que já expressam, por si sós, características negativas podem ser acerbados por meio da sufixação, de maneira que um artigo “chinfrinzinho” parece-nos mais desprezível do que um artigo simplesmente “chinfrim”.

O preconceito expresso no exemplo 20, no entanto, não é assumido pelo autor, que o insere na fala da “personagem”, sua mulher. A estratégia de

atribuírem-se opiniões e idéias que se têm a outrem visa nitidamente à *preservação da face* do falante.

A respeito dos quadros a seguir, fazemos as seguintes observações:

- a) Os quadros 1 e 2 dividem as ocorrências do sufixo *-inho* por tipo de inquérito e demonstram o maior número de ocorrências nos diálogos entre dois informantes, que são o tipo de inquérito de menor grau de formalidade. O número de ocorrências nos diálogos entre informante e documentador é pouco inferior; porém, em comparação com as elocuições formais, há, nestas um número bastante inferior.
- b) Nos quadros 3, 4 e 5, as ocorrências estão divididas por inquérito. Pode-se afirmar que as variações neles encontradas estão ligadas não só ao *idioleto* dos falantes, mas também ao tema de que tratam. Isso explica o grande número de ocorrências no D2/396, em que os informantes tratam, em parte, dos filhos, e no DID/235, em que se trata de alimentos.
- c) Os quadros 6 e 7 comprovam a afirmação de que há maior número de ocorrências do sufixo *-inho* com “valor neutro” nas elocuições formais. Acrescentamos que essa diferença não é maior porque o diálogo D2/255, como observamos, é extremamente formal, aproximando-se, quanto à linguagem, das elocuições formais.
- d) Os quadros 8 e 9 demonstram que há maior número de ocorrências do sufixo *-inho* com “valor cognitivo” nas entrevistas.
- e) No quadro número 10, as ocorrências do sufixo *-inho* estão divididas por sexo do falante. O objetivo do quadro foi verificar se o número de ocorrências do sufixo seria maior na linguagem dos informantes do sexo feminino, uma vez que algumas pessoas acreditam, com base, provavelmente, no senso comum, que o sufixo *-inho* é mais comum na

linguagem das mulheres. O quadro, no entanto, demonstra um número ligeiramente superior de ocorrências na linguagem de informantes do sexo masculino.

- f) As diferenças de ocorrências do sufixo *-inho* por faixa etária não foram conclusivas.

QUADRO 1 – Ocorrências do sufixo *-inho* por tipo de inquérito

Elocação formal (EF) (280 min)		Diálogo entre dois informantes (D2) (447 min)		Diálogo entre informante e documentador (DID) (390 min)		Total (1117 min)	
N	%	N	%	N	%	N	%
50	14,33	170	48,71	129	36,96	349	100

QUADRO 2 – Ocorrências do sufixo *-inho* por minuto de gravação divididas por tipo de inquérito

Elocação formal (EF) (280 min)	Diálogo entre dois informantes (D2) (447 min)	Diálogo entre informante e documentador (DID) (390 min)	Total (1117 min)
0,18	0,38	0,33	0,31

Quadro 3 – Ocorrências do sufixo *-inho* por inquérito (EF)

EF/377		EF/338		EF/405		EF/124		EF/156		EF/153	
N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
8	16	16	32	5	10	2	4	10	20	9	18

Quadro 4 – Ocorrências do sufixo *-inho* por inquérito (D2)

D2/343		D2/62		D2/255		D2/360		D2/396		D2/333	
N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
36	21,2	9	5,3	18	10,6	16	9,4	77	45,3	14	8,2

Quadro 5 – Ocorrências do sufixo *-inho* por inquérito (DID)

DID/18		DID/161		DID/251		DID/137		DID/208		DID/234		DID/235		DID/250		DID/242	
N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
17	13,2	32	24,8	5	3,9	9	6,9	9	6,9	10	7,8	38	29,5	5	3,9	4	3,1

Quadro 6 – Ocorrências do sufixo *-inho* com “valor neutro” (os percentuais são em relação ao total de ocorrências de cada tipo de inquérito)

Elocução formal (EF) (280 min)		Diálogo entre dois informantes (D2) (447 min)		Diálogo entre informante e documentador (DID) (390 min)		Total (1117 min)	
N	%	N	%	N	%	N	%
14	28	24	14,11	5	3,88	43	12,32

Quadro 7 – Ocorrências do sufixo *-inho* com “valor neutro” por minuto de gravação divididas por tipo de inquérito

Elocução formal (EF) (280 min)	Diálogo entre dois informantes (D2) (447 min)	Diálogo entre informante e documentador (DID) (390 min)	Total (1117 min)
0,05	0,05	0,01	0,04

Quadro 8 – Ocorrências do sufixo *-inho* com “valor cognitivo” (os percentuais são em relação ao total de ocorrências de cada tipo de inquérito)

Elocução formal (EF) (280 min)		Diálogo entre dois informantes (D2) (447 min)		Diálogo entre informante e documentador (DID) (390 min)		Total (1117 min)	
N	%	N	%	N	%	N	%
1	2	2	1,18	16	12,4	43	12,32

Quadro 9 – Ocorrências do sufixo *-inho* com “valor cognitivo” por minuto de gravação divididas por tipo de inquérito

Elocução formal (EF) (280 min)	Diálogo entre dois informantes (D2) (447 min)	Diálogo entre informante e documentador (DID) (390 min)	Total (1117 min)
0,004	0,004	0,041	0,017

Quadro 10 – Ocorrências do sufixo *-inho* por sexo do falante

Masculino		Feminino	
N	%	N	%
194	56,6	149	43,4

Observações:

1. Seis ocorrências do sufixo *-inho* deram-se em falas de documentadores.
2. Não foram computadas duas vezes repetições motivadas por hesitação, visando à manutenção do turno ou similares como no exemplo a seguir:

L1 **corPinho** como chamava naquela ocasião...
 um **corpinho**... não era... não era este:: negócio que
 hoje tem -- como é que chama? --... hoje é::... Esse
 negócio que se prende aqui...
 (D2/396, linhas 373-376).

4. 2. OUTROS SUFIXOS

Se dividirmos os sufixos em expressivos e intelectivos, notamos que a maioria deles é, ou pode ser, de acordo com o contexto, expressiva. Por isso, quando apomos um sufixo a um vocábulo, geralmente acrescentamos a ele uma valoração. Isso ocorre, por exemplo, quando empregamos “modismo” por “moda”, “psicologismo” por “psicologia”. Casos há em que a opção por um ou outro sufixo pode ser decisiva para o contexto, de forma que, enquanto os vocábulos “baianidade” e “negritude” são empregados para enaltecer as características positivas do natural da Bahia e das pessoas de raça negra, “baianada”, “baianice” e “negrice” são empregados invariavelmente com o objetivo de depreciá-los. Bueno (1964: 112) chama-nos a atenção para os diferentes efeitos que a escolha entre os sufixos implica:

Entre os sufixos *eira* e *ora* é necessário ter mais cuidado porque um ou outro pode acrescentar ao tema certa apreciação negativa: *faladeira, faladora; gastadeira, gastadora; lavadeira, lavadora, etc.*

Note-se, porém, que a noção de pejoração contida, por exemplo, em “faladeira” – que se associa a “fofoqueira” – não está circunscrita à presença do sufixo, pois, no par “trabalhadeira/trabalhadora”, o sufixo *-eira*, ao acrescentar maior intensidade à ação, adiciona ao vocábulo idéia de apreciação positiva, decorrente da idéia de que o trabalho é uma virtude.

Mesmo entre os sufixos de valor intelectualivo, existem especializações decorrentes do uso. Os sufixos que expressam ação, prendendo-se a radicais verbais, podem formar vocábulos que coexistem com formas regressivas, mas não são equivalentes perfeitos destas. “Enterro”, por exemplo, está ligado a um conjunto de procedimentos rituais, enquanto “enterramento”, está ligado à ação em si; “preparo” geralmente é associado ao resultado da ação; e “preparação”, ao processo; “preparativo”, quando ocorre como substantivo, geralmente no plural, encerra idéia de início de processo.

Da mesma forma que os sufixos em geral têm grande número de significados intelectuais, são prolíficos em valores afetivos. Os sufixos aumentativos, por exemplo, podem expressar engrandecimento, como em “mulheraço”, “carrão” ou ridículo, como em “dentuço”. Tomando-se, por exemplo, o substantivo “gente”, notamos que todos os seus derivados (“gentalha”, “gentaça”, “gentama”, “gentinha”, “gentarada”, “gentuça”) possuem, em geral, valor pejorativo, sendo equivalentes a “ralé”, embora “gentinha” possa ter valor de apreço em certos contextos, como, por exemplo, em referência a crianças.

Na análise do emprego dos sufixos, não procederemos, a exemplo do que fizemos com o sufixo *-inho*, a uma divisão das ocorrências por tipo de inquerito, uma vez que não se observou qualquer relação que justificasse tal separação. Na verdade, se o fizéssemos, teríamos muito pouco a dizer sobre as elocuições formais, em que, excetuando-se as análises feitas anteriormente, o emprego expressivo dos sufixos se mostrou particularmente escasso. Acrescentamos, igualmente, que não faremos menção a qualquer emprego de sufixos que não considerarmos de valor expressivo.

4. 2. 1. O sufixo *-ento*

O sufixo *-ento* (< latim *-entus,a,um*), formador de adjetivos denota duas noções eminentemente expressivas: a noção de abundância e a de pejoração. Esta última talvez se explique pelo fato de que grande parte das palavras que contém esse sufixo designa coisas desagradáveis (doenças, sujeira etc.). Para embasar essa afirmação, fizemos um pequeno levantamento de vocábulos, alguns deles colhidos no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss, 2001): *agourento, arrelento, asneirento, avarento, azarento, barrento, bostelento, chulezento, fedorento, feridento, fuxiquento, gordurento, gosmento, lazarento, lixento, modorrento, mofento, muxibento, rabugento, sardento, trapacento, xexelento*. Segundo Câmara Júnior (1978: 60), “a expressividade, comum a grupo de vocábulos da mesma configuração mórfica, contamina o elemento formador”. Dessa forma, um vocábulo aparentemente neutro como “sonolento” adquire, em

muitos contextos, sentido de “distraído”, “desinteressado”, “inepto” etc. Ao lado de formas mais comuns, como “barulhento” e “briguento”, transcrevemos um trecho que traz “fumacentos”, forma igualmente pejorativa:

Exemplo 77

(L1 vinha falando sobre a poluição em São Paulo.)

essas companhias de ônibus desses ônibus **fumacentos**
né?... não há controle... os americanos já estão bem
[
L2 poluição:: não só::
L1 mais à frente né? para você ver a moto aí... ela não faz
barulho por quê? tem uma linha americana que impõe
setenta e cinco... decibéis... de barulho passou disso...
não pode fabricar... o veículo né?... agora aqui ain::da
não tem isso...
(D2/343, linhas 147-154).

4. 2. 2. O sufixo -eco

O sufixo -eco (de provável origem pré-romana¹) é um sufixo diminutivo que, como -inho, pode apresentar valor de apreço, o que ocorre em “amoreco”; mas, em geral, apresenta valor depreciativo como em “padreco”, “livreco” etc. Encontramos um desses empregos nos diálogos do Projeto. No trecho, os locutores falavam sobre o uso de fraque. Esse fato foi associado com a figura de um professor de Direito que costumava trajar sobrecasaca e cartola; e este, ao jornalista Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, que “usou a língua macarrônica ítalo-portuguesa (...) para ridicularizar os ‘cartolas’” (Carpeaux, 2001). O jornal em que o referido jornalista escrevia é chamado “jornaleco”:

1. Cunha (1986)

Exemplo 78

- L1 doutor Guandê... o apelido dele... isto era o Alexandre Marcondes Machado... que era uma jornalista... d*O Pirralho* neste tempo existia aqui um **jornaleco** chamado *Pirralho*... entre outros jornais... então ESte usava isto mas o coMUM::... não era o fraque... o comum era naturalmente o paletó (D2/396, linhas 42-47).

Ao se referir a *O Pirralho* – jornal que, aliás, fora dirigido por Oswald de Andrade –, o locutor faz uma distinção entre os jornais da época, dando a entender que havia os jornais “sérios”, em oposição ao “jornaleco”.

4. 2. 3. O sufixo *-ice*

O sufixo *-ice* (< latim *-itĭe*) é basicamente formador de substantivos a partir de adjetivos e, a exemplo de *-ento*, está presente em grande número de vocábulos que designam características negativas (maluquice, mesmice, pieguice, estultice, idiotice, burrice etc.). Além desse emprego, nos substantivos formados a partir de outros substantivos, acrescenta noção nitidamente pejorativa (gramatiquice, invencionice etc.). Em nosso *corpus*, encontramos, junto a “macaquice” e “baianice”, “cafonice”, substantivo formado a partir de palavra da gíria, que se integrou à linguagem comum:

Exemplo 79

- L1 mas agora estão dizendo que estão passando aí um filme muito bom *O Predileto* não é? você ouviu falar?
- L2 é ()
- L1 diz que é um filme também nesta linha brasileira ... até achei graça uma amiga minha disse ... “eu gostei muito

do filme ... porque ele tem sobretudo ... uma **cafonice**
bem brasileira ((rindo))...
(D2/333, linhas 653-660).

4. 2. 4. O sufixo **-eiro**

O sufixo **-eiro** (< latim *-ārius, a, um*), formador de substantivos e adjetivos, é bastante fecundo em português, designando ocupações (pedreiro, caseiro), árvores (abacateiro, jabuticabeira), máquinas e equipamentos (empilhadeira, batedeira), local em que se guarda algo (açucareiro, cinzeiro, saleiro) etc. Dos inquéritos do Projeto NURC/SP, colhemos duas ocorrências particularmente interessantes, por serem reveladoras das possibilidades expressivas postas à disposição do falante. No primeiro exemplo, temos o vocábulo “cachorreira”:

Exemplo 80

L1 ressuscitar essa vida morta do rio... houve também uma
reportagem que eu particularmente que adoro cachorro
que sou **cachorreira**... amei especialmente... que foi
sobre o o:: fila brasileiro...
(D2/ 333, linhas 1038-1041).

No exemplo 80, a presença do sufixo em “cachorreira” foge totalmente ao uso vulgar de “criador ou treinador de cães de caça” (cf. Houaiss, 2001), adquirindo o sentido de “admirador”, “partidário”, “amador”, “entusiasta”, como em “roqueiro”. Essa função é normalmente desempenhada pelos sufixos *-ista*: “comunista” e *-nte*: “protestante”, embora este último, devido a sua origem, forme apenas substantivos e adjetivos derivados de verbos, como em cadente (< latim *cadens, ēntis*).

Em outro exemplo, também encontramos um desvio em relação ao uso ordinário do sufixo, no qual este adquire o valor de “ato próprio de”. O vocábulo em questão é “asneira”:

Exemplo 81

Gioconda não é?... a gioconda... segundo Claude
Valery... foi o pedaço de tela tecida que mais **asneiras**
ouviu no mundo... todo mundo em Paris chega
frente à Gioconda... e diz **asneiras**...
(EF/124, linhas 90-93).

No exemplo 82, o vocábulo “montoeira” acumula diferentes traços expressivos. O próprio radical encerra a idéia de abundância, também encontrada na locução “aos montes”. Essa noção é acentuada pelo sufixo, que freqüentemente expressa também coletividade, grande cópia, como em “barulheira”, “cabeleira”. Por fim, acrescentamos que os sufixos que expressam noções de coletividade podem carregar consigo também noção pejorativa. Essa associação entre o coletivo e o pejorativo está ligada a nossa escala de valores, na qual as coisas são mais merecedoras da nossa estima quanto mais raras forem. Num mundo em que artigos idênticos são produzidos aos milhões, valoriza-se muito mais um artigo personalizado do que aquele que é vendido a “baciadas”. Daí, advém a noção depreciativa de um coletivo como “livralhada”². Por outro lado, a idéia de grande quantidade vem freqüentemente ligada à de confusão, desordem, o que contribui para se agregar idéia pejorativa a vocábulos formados por sufixos de coletividade como “gritaria”, “gentarada”, “gentalha”, “vozerio” etc. É com essa idéia de desorganização que o locutor utiliza o vocábulo “montoeira”, uma vez que a idéia que vinha sendo desenvolvida era a de que a cidade de São Paulo crescera desordenadamente, sem planejamento urbano algum:

Exemplo 82

L1 é quando pego o carro... e:: também é
 horrível o aspecto... (parece) assim **montoeira** de

2. Lapa (1975) atribui o sentido pejorativo do vocábulo à presença do sufixo *-alho* (livro + *-alho* + *-ada*), atribuindo a *-ada* apenas valor intelectual de coletivo, ao contrário de “baciada”.

concreto... sem nenhum aspecto humano certo? Os prédios sem:: estilo arquitetônico... ou de estilo arquitetônico tudo desencontrado não tem não tem integração...
(D2/343, linhas 31-36).

Em emprego igualmente depreciativo, encontramos o vocábulo “fumaceira”, acompanhado do adjetivo “desgraçada”. Observamos que a presença do sufixo -aça no radical secundário (fumo + -aça) já dá ao vocábulo idéia de grande quantidade, a qual é intensificada pelo sufixo -eira. Note-se, também, que o valor negativo que comumente acompanha o vocábulo “fumaça” favorece o acréscimo de sufixos de valor depreciativo, como se viu em “fumacentos” (exemplo 77).

Exemplo 84

cidade pequena a proporção de carros por indivíduo pode ser maior até que uma cidade grande e não ter congestionamento... e todos os carros da cidade pequena podem fazer uma **fumaceira** desgraçada que não:: poluir a cidade...
(D2/343, linhas 312-316).

Nos exemplos a seguir, ainda que mais ordinários, observa-se a prolificidade do sufixo:

Exemplo 85

né? na lá em casa... a tradição... é:: se fazer o peru... e também um:: um presunto... ah ahn:: o tênder né? o preparado pela L... que ela é exímia **boleira** né?... ela faz:... um bolo bem enfeiTado bem:: bem trabalhado
(DID/235, linhas 291-295).

Exemplo 86

(O informante vinha falando de uma epidemia de gripe ocorrida em São Paulo.)

- assim:: morreu um colosso de gente aqui em São Paulo
nessa ocasião que foi... ()
- [
- L2 diz que em Jundiaí também
enterravam... agora (dá um) ()...
- [
- L1 em () Campinas já foi menos...
- L2 NOssa que **trabalheira** a gente...
(D2/396, linhas 1408-1412).

No exemplo acima, observamos que o sufixo, uma vez mais contendo idéia de abundância, pode comutar-se com *-ão* (cf. “trabalhão”).

4. 2. 5. O sufixo *-ado*

O sufixo *-ado* (< latim *-ātu-*, *-āta-*) é formador, entre outros, de vocábulos com sentido de “golpe”: “pancada”, “facada”, “paulada”, “cacetada” etc., além de coletivos, muitas vezes, com sentido pejorativo: “criançada”, “garotada”, “molecada”, “negrada”, “rapaziada”, “baianada” etc. Alguns vocábulos do primeiro grupo, como “pancada”, “porrada”, “cacetada”, talvez por analogia com “baciada”, “batelada”, “punhado”, com os quais compartilham o elemento mórfico, adquiriram também sentido de abundância. Este sentido encontramos nos trechos a seguir:

Exemplo 87

(O locutor vinha falando sobre a construção do metrô de São Paulo.)

- L1 então quando foram fazer a Paulista... já tinham gastado
três bi sei lá... **cacetada** de dinheiro...
(D2/343, linhas 376-377),

Exemplo 88

- L1 então... o nazismo... matou:: um:: **cacetada** de:: judeus...
mas também não passa de um por cento... e:: já
podaram o nazismo
(D2/343, linhas 1481-1483).

Com esse mesmo sentido, há o emprego de “cambulhada” no seguinte trecho:

Exemplo 89

- L2 e então então vem tudo aquilo de
cambulhada e im/ e im/ im:::POSTo sobre nós
(D2/333, linhas 196-197).

Em outro emprego, temos o sufixo com o sentido de “ação ou efeito de”, como em “caminhada”, “risada”. Esse emprego é bastante difundido em formações sobretudo de uso coloquial como “telefonada” (por “telefonema”), “melhorada” (por “melhora”), “revisada” (por “revisão”) etc. No seguinte exemplo, temos a formação “pifada”:

Exemplo 90

- L1 que:: por mais conscientes não... dão consciência
total... nem... dão força para dominarem total... então...
vai vai vai até dar uma **pifada**... certo? seria interessante
se alguém fizesse experiências diferentes com os lemingues
para ver se... não tem mar o que faria::... sei lá alguma::
mudan::ça de de de esquema... como reagiria
(D2/343, linhas 1625-1630).

O vocábulo “bordoada”, que, muitas vezes, é também empregado com o sentido de abundância, aparece, no seguinte exemplo com o sentido figurado de “golpe”, “abalo”:

Exemplo 91

(O informante vinha falando sobre a ação judicial que moveu contra uma escola em que trabalhou.)

-- naquele tempo não havia correção monetária...
se houvesse a Escola Paulista tinha levado uma
bordoada daquele tamanho -- mas como não havia...
(DID/250, linhas 184-186).

4. 2. 6. O sufixo -ão

São bastante numerosos em português os vocábulos terminados em “-ão”, e tal profusão se observa no fato de o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss, 2001) ter tratado desse elemento mórfico sob o nome genérico de “terminação”, dada a variedade de formas latinas convergentes que resultaram, em português, nesse ditongo. Ao nosso estudo interessa o sufixo -ão (< latim -ōne), formador de substantivos e adjetivos, em grande parte dos quais incorpora a noção de aumentativo. Entre os chamados “sufixos de grau³” é, ao lado de -inho, o mais produtivo, visto que a grande maioria dos falantes do português opta naturalmente por formas como “facão”, “cabeção” etc. (mesmo com a mudança de gênero), rejeitando formações como “facalhaz”, “cabeçorra” etc. Martins (1989: 115) assinala que

o aumentativo, mais freqüentemente, tem valor pejorativo, acrescentando ou reforçando um sentido de depreciação, porque aquilo que é de tamanho excessivo é geralmente visto como feio, ridículo, grotesco, desagradável (*bestalhão, grandalhudo, cabeção, vozão, vozeirão, mulherança, bigodarra, gramaticorra*, etc.).

3. Sabe-se que formas como “valentão” são casos de derivação e não de flexão de grau.

O mesmo valor é observado em vocábulos em que o sufixo tem o sentido de agente, como “brigão”, “fujão”, “pedinchão”, “beberrão”, “chorão”, “trapalhão”, “vacilão” etc.

Por outro lado, também há os casos em que se acrescenta idéia positiva ao vocábulo por meio de acréscimo de -ão: “jogão”, “amigão”, “mulherão”, “presentão” etc.

Nos diálogos do Projeto NURC/SP, encontramos a seguinte ocorrência do sufixo -ão:

Exemplo 92

- L1 você imagina o futuro... você esta no a::alto de um
 predião lá não sei quê... e:: dá uma zebra lá na luz
- L2 cinqüenta andares
- L1 cinqüenta andares
- L2 fica ilhado
(D2/343, linhas 976-980).

No trecho, L1 vinha falando sobre os problemas das cidades no futuro e associa o crescimento das cidades ao caos. Nesse contexto, “predião” adquire um valor depreciativo, como algo excessivamente grande que pode causar problemas igualmente enormes e insolúveis.

A exemplo de “montoeira”, no exemplo a seguir, temos o emprego de “montão”, num contexto em que se destacam as idéias de abundância e de desordem:

Exemplo 93

dum... dum... dum governo para o outro... muda a lei
de zoneamento... eu não vejo funcionar... e mesmo assim
seria uma restrição de... desenvolvimento... errado mas

já está um **montão** de coisa errada certo?... muito
bairro:... residencial com muita indústria dentro
(D2/343, linhas 89-93).

4. 2. 7. O sufixo **-aço**

O sufixo **-aço** (< latim *-āceus*, *-ācea*⁴ – Houaiss [2001] menciona o sufixo românico *-atiu*, *-atia* “da natureza de, maior que”) apõe-se a substantivos, acrescentando-lhes basicamente idéia de grandeza, como em “balaço”, “animalaço”, “barcaça” etc.; mas pode também expressar idéia de coleção ou profusão, como em “fumaça”, “populaça” etc. Assim como ocorre como sufixo **-ão**, freqüentemente adiciona idéia de pejoração, desprezo, como no último exemplo e também em “poetaço”.

Num outro extremo, como também ocorre com outros sufixos aumentativos, pode também adicionar uma avaliação positiva, como em “golaço”, “mulheraço”, “mulheraça” (em que comuta com **-ão** – “mulherão”), “loiraça” ou “louraça”, este último podendo também ser depreciativo. Aposto a adjetivos (substantivados ou não), pode ter valor superlativo, podendo comutar com *-imo*, como ocorre no exemplo a seguir:

Exemplo 94

(o informante falava sobre o rápido crescimento populacional da cidade de São Paulo e da crescente necessidade de mão-de-obra vinda de outros estados.)

mão-de-obra barata... então isso CHAma... um fluxo de
gente para São Paulo... que muita gente quer poDAR...
para não crescer mais... ((tossiu)) que a gente não
importa **ricaço** essas coisa né? **ricaço** vai para o Rio sei lá
(D2/343, linhas 120-123).

4. Cunha (1986).

4. 2. 8. O sufixo -esco

O sufixo *-esco* (<lat. *-iscus* < gr. *-ískos*), formador de adjetivos, freqüentemente é empregado com sentido pejorativo. Assim, “livresco” pode ser utilizado em referência ao conhecimento puramente teórico que não está vinculado à prática; “romanesco” pode caracterizar um indivíduo que não tem noção da realidade ou a ficção fantasiosa, utópica, em que não há verossimilhança. Com sentido semelhante a este último, temos o emprego do adjetivo “hollywoodesca” no trecho a seguir:

Exemplo 95

L1 pois é mas aí então houve então uma abertura... para o mercado internacional do cinema... e então entrou a Itália ... não é? (no) seu grande momento do neo-realismo... que foi mu/ mudan::do toda uma concepção cinematográfica... até então instituída... aquela fórmula **hollywoodesca** daquelas superproduções ... aquilo tudo foi... cedendo lugar ... a um cinema PObre ... não é? ... de um país ... empobrecido pela guerra como era a Itália...ih::... mas mostrando uma arte maravilhosa... um Vittorio de Sica ia para rua com uma câmera... e fazia um *Ladrão de Bicicleta*... sem artistas ... não é? ... sem cenários mirabolantes sem nada apenas com as ruas de Roma ... como cenário ... não é? ...então aquilo foi abrindo o o o uma uma a curiosidade do público ... para se sair daquela ficção **hollywoodesca** (D2/333, linhas 709-723).

Observe-se que, no exemplo 95, contrapõem-se o cinema italiano, que, apesar da falta de recursos, retrata uma realidade e o cinema norte-americano, cujas produções são definidas como carentes de realismo. Atente-se também para o fato de a locutora ter preferido “hollywoodesca” a “hollywoodiana”, uma vez que

o segundo adjetivo, embora mais comum, não possui conotação pejorativa do primeiro.

4. 2. 9. O sufixo *-imo*

O sufixo *-imo* (< latim *-īmus, a, um*) é, em essência, um intensificador de adjetivos, tido pela gramática tradicional como formador do grau superlativo absoluto sintético. Pode realizar-se também sob a forma *-íssimo(a)*, comum à maioria dos adjetivos, ou sob a forma *-érrimo(a)*, nos adjetivos cujo masculino, em latim, termina em *-er*.

As formas em *-íssimo(a)* propiciam efeitos expressivos como o obtido por meio do redobro em “grandessíssimo” (por “grandíssimo”). Bueno (1964: 114) chama a atenção para o fato de que o emprego do sufixo parece comunicar maior grau de intensificação ao adjetivo do que o processo analítico.

Na apreciação geral, os superlativos sintéticos são muito mais expressivos do que os analíticos. Entre um homem *muito rico* e outro *riquíssimo*, a presunção popular acha que este seja mais rico do que aquele. Ser *muito feio* já é triste, mas se for *feíssimo* então a desgraça é irreparável.

As formas em *-érrimo(a)*, por serem menos comuns, parecem causar efeito intensificador ainda maior, que se pode concretizar tanto em formas de uso, em geral, literário como “macérrimo”, “pulquérrimo” etc., como em formas pseudo-eruditas como “chiquérrimo”, “elegantérrimo” etc. Em casos como esses, *-érrimo* tem comutado com *-ésimo* (sufixo que figura nos numerais ordinais a partir de “vigésimo”): “charmosésimo”, “chatésimo” etc.

Ao tratarmos do sufixo *-inho* com valor superlativo, cotejamo-lo com o sufixo *-imo*, sem mencionar algumas diferenças fundamentais entre o emprego de um e de outro, a saber:

- a) a possibilidade de comutação de *-imo* por *-inho* depende da característica expressa pelo adjetivo. Assim, pode-se comutar “finíssimo” por “fininho”; mas o mesmo não se dá com “brilhantíssimo” e “*brilhantinho”;
- b) o mesmo se dá com advérbios, visto que “pouquíssimo” pode comutar com “pouquinho”, entretanto “muitíssimo” não comuta com “*muitinho”;
- c) algumas nuances de significado podem ser observadas. Assim “facílimo” aproxima-se de “facinho”, com a idéia de “bem fácil”; porém, enquanto “difícilíssimo” contém a idéia de “muito difícil”, “difícilinho”, ao contrário, traz a idéia oposta: “um pouco difícil”;
- d) o emprego de *-imo* tem, muitas vezes, valor puramente intelectual, não visando a grande efeito expressivo.

O único caso do emprego de *-érrimo* obtido das gravações do Projeto NURC/SP foi colhido em uma conferência:

Exemplo 96

o título tal do do desse samba que era cantado...
no filme... agora... a fita apresentava... éh desde
Paraguaçu... que era um célebre cantor cantor de
Bem-te-vi... celebérrimo ... em São Paulo... veterano
(EF/153, linhas 501-504).

Nota-se que, no trecho acima, houve uma reformulação, em que o falante parece ter julgado que não atingira o efeito expressivo desejado por intermédio do grau normal do adjetivo, recorrendo, daí, ao superlativo.

Uma vez que o sufixo *-imo* não coocorre com o emprego de um advérbio de intensidade, o falante se utiliza, muitas vezes, de uma outra forma de intensificação, como a repetição, a gradação, o acento de insistência, o

alongamento de vogais (ver normas para transcrição no final do capítulo 1) ou a combinação de dois ou mais desses recursos:

Exemplo 97

inclusive no próprio ramo da computação né?...
processamento de da::dos e tudo isso é... o advento aí
dos computadores ele estão aí... fosse uma coisa assim
tão diversificada certo? que facilmente ela
e descontinuada e:: já vem uma outra:: uma outra linha
substituindo... então é:: **VAStíssimo**... isso é **vastíssimo**
(D2/62, linhas 1040-1045);

Exemplo 98

L1 e::... e Vinícius de Moraes fez o roteiro fez a música
beLíssima né?... é uma música **linDíssima**... o filme
todo passado no Rio... e com aquela::... aquela
transposição... da lenda de Orfeu que desce aos infernos
(D2/333, linhas 770-773);

Exemplo 99

Inf. evoluir evoluiu... evoluiu muito o teAatro principalmente
no Brasil... ma::s ainda falta muita coisa... tem muita
coisa a desejar... primeiro... primeiro passo existem
pouQUÍ::ssimos teatros... principalmente em São Paulo
mas **pouQUÍ::ssimos** mesmo... São Paulo é considerada um::
uma das cidades que no Brasil que que existe maior número
de teatro São Paulo e Rio... agora vocês vêem conforme::
sendo menor o número de teatros... será menor o número
de espetáculos... menor a concorrência... e:: o dinheiro
mais curto ((riu)) e conseqüentemente o público menor e
o preço... dos ingressos tem que ser maior ainda...
(DID/161, linhas 626-636).

No exemplo 99, além do acento de insistência e do alongamento da vogal (ver normas para transcrição no final do capítulo 1), o informante utiliza-se de outro recurso, que é a repetição do pronome indefinido “pouquíssimos” acompanhado da palavra denotativa⁵ “mas” e do advérbio de afirmação “mesmo”, ambos com valor enfático.

Note-se que, por vezes, o acento de insistência recai em sílaba anterior à tônica (hiperbibismo), como no exemplo 97, em que o acento recai sobre a sílaba tônica do vocábulo primitivo.

O sufixo *-imo* também é empregado de forma anômala, apondo-se ao substantivo “coisa”. Nessa formação, que ocorre sempre em frases negativas, o sufixo assume valor adverbial de “absolutamente”:

Exemplo 100

L1 que há (mas) dois canais em Paris... num horário que
 nós chamamos nobre... num... o Ministério da Educação
 (e) da Cultura fazia... uma:: conferência sobre Teilhard
 de Chardin... mas aquilo sem ilustração sem **coisíssima**
 alguma das pessoas todas no hotel do saguão do hotel
 dormiam... todas...
 (D2/333, linhas 320-325).

4. 2. 10. O sufixo *-eria (-aria)*

O sufixo *-eria* (de eiro + ia) e a forma variante *-aria* são empregados com variados sentidos em português, entre os quais o de coletividade. Nesse sentido, as duas formas podem-se alternar como em *vozeria/vozeria*.

Os sufixos coletivos, como vimos são comumente empregados para dar

5. A denominação *palavras denotativas* foi proposta pelo professor José Oiticica em seu *Manual de Análise (léxica e sintática)*. 6. ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942, p. 50-55.

idéia de confusão como em “gritaria”. Poder-se-ia argumentar que a idéia de confusão está associada, em alguns casos, ao próprio radical e não ao sufixo; mas pode-se demonstrar que isso não se aplica a esse vocábulo, se compararmos “gritaria” ao seu cognato regressivo “grita”, freqüentemente empregado como coletivo. Este último tem significado próximo àquele no sentido de “reclamação veemente e exaltada”, mas não é utilizado com o sentido de confusão, como o derivado progressivo. É no sentido de “protesto” que encontramos um exemplo do emprego desse vocábulo:

Exemplo 101

(Os locutores vinham falando sobre problemas de grandes cidades.)

L1 que o:: que não se consegue... controlar massas ainda
 nesse estilo... que ele ainda... tem:: movimentação
 própria e que::... o controle... se faz... automaticamente
 né? quando a... começa a ficar muito ruim a coisa...
 começa a haver uma **gritaria** geral e aí sim se toma urna
 atitude... mais forte né? mas primeiro tem que haver
 um... um::... você está entendendo né?
 (D2/343, linhas 134-140).

O sufixo *-ia*, conexo com *-aria*, também pode dar idéia de coletividade, como em “marginália” (em que se torna átono); porém, em “correria” (correr+ ia), este acrescenta idéia durativa, indicando que a ação se estende ou se repete continuamente a exemplo do que ocorre em “corre-corre”. Ilustramos a afirmação com o seguinte passo:

Exemplo 102

Inf. sim tem os camarins né? e:: lá nos camarins é a coisa
 mais bagunçada que tem... ((risos)) é roupa é uma **correria**
 danada é sei lá eu achei aquilo me chocou tanto viu...

porque a gente vê tão bonito né?

(DID/234, linhas 289-292).

QUADRO 11 – Ocorrências de sufixos expressivos (exceto *-inho*) por tipo de inquérito

Elocução formal (EF) (280 min)		Diálogo entre dois informantes (D2) (447 min)		Diálogo entre informante e documentador (DID) (390 min)		Total (1117 min)	
N	%	N	%	N	%	N	%
7	7,78	55	61,11	28	31,11	90	100

QUADRO 12 – Ocorrências de sufixos expressivos (exceto *-inho*) por minuto de gravação divididas por tipo de inquérito

Elocução formal (EF) (280 min)	Diálogo entre dois informantes (D2) (447 min)	Diálogo entre informante e documentador (DID) (390 min)	Total (1117 min)
0,025	0,123	0,072	0,080

4. 3. PREFIXOS

O estudo dos prefixos, do ponto de vista estilístico, comparado ao dos sufixos, é de importância reduzida. Os sufixos, em português, são bem mais numerosos que os prefixos; e seu emprego está, em grande parte, associado à afetividade. Os prefixos, ao contrário, têm, em geral, valor puramente intelectual, sendo raros os que têm valor afetivo. Entre estes, podemos destacar os prefixos superlativantes, de valor adverbial, entre os quais *super-* (< latim *super*) é certamente o mais produtivo. É preciso termos clareza de que os superlativos são naturalmente acompanhados de movimentos emotivos. Expressando admiração, espanto, veneração ou, por vezes, motejo e sarcasmo, encerram valores, julgamentos pessoais.

4. 3. 1. Intensificadores

Entre os poucos exemplos encontrados nos volumes do Projeto NURC/SP, destacamos o seguinte excerto, em que ocorre o emprego do prefixo *super-*:

Exemplo 103

L1 então **superexploraram** aqueles filmes... é interessante para nós que o para nós é uma cultura... a gente tem oportunidade conhecer:: Hábitos de de de um povo uma época eles viveram... tudo mais... exploram muito esse assunto... esgotou o máximo que podia... foi para fora ganhou prêmios tal... então eu... particularmente eu aprecio muito o cinema nacional... mas infelizmente:: nós estamos nessa situação que de vez em quando a gente apresenta uma coisa boa... e quando apresentamos procura-se explorar ao MÁximo isso...
(D2/62, linhas 1516-1525).

Nesse trecho, o locutor vinha falando da grande série de filmes nacionais iniciada com *O Cangaceiro*. Segundo o locutor, o grande sucesso desse filme desencadeou um número exagerado de produções acerca do mesmo tema. Para sublinhar, em sua dissertação, essa idéia de exagero, o locutor recorre aos superlativos, empregando inicialmente o prefixo em “superexploraram” e, em seguida, o superlativo “máximo”, que volta a ser utilizado com maior ênfase gerada pelo uso do acento de insistência (ver normas para transcrição no final do capítulo 1). Lembremo-nos de que “máximo”, embora possa parecer-nos um adjetivo primitivo, numa perspectiva diacrônica, traz de sua origem a presença a presença do sufixo *-imo*, fazendo do trecho um perfeito exemplo de comutação desse sufixo com o prefixo *super-*.

Em outro exemplo, colhido do mesmo diálogo, encontramos a forma de emprego mais comum de *super-*, que é a formação de adjetivos:

Exemplo 104

L1 então nós estamos com problema inclusive... quais são os cursos de mestrado? não há doutores para... ministrar esses cursos e precisam ser... e precisam ter a categoria de doutores para poder lecionar nesses cursos de pós-graduação... então é realmente um fato que está existindo ... então ... como está existindo essa dificuldade eu:: não tenha dúvida a especialização é **super necessária** [sic] (D2/62, linhas 808-814).

No trecho acima, a própria forma de transcrição revela a forma como o prefixo *super-* é sentido pelo falante. Ele o sente como uma forma autônoma; por conseguinte, as formas sintéticas “supernecessária”, “superinteligente” etc. parecem-lhe analíticas (“super necessária”, “super inteligente” etc.), em que o prefixo figura como mais um advérbio de intensidade. Isso explica o fato de essa grafia (“super necessária”) ser comum com prefixos de valor superlativo. Lapa (1975: 147), embora não trate especificamente desses prefixos, chama a atenção

para o fato de que há vários processos de superlativação empregados “em busca de maior expressividade”, uma vez que o processo vulgar, que é o uso do advérbio *muito*, soa “desbotado e froixo”. Podemos relacionar, ao lado dos recursos que o autor menciona – “podre de rico”, “rico a valer”, “rico até mais não”, “rico à beça”, “gorda que nem” (op. cit.: 148) –, um outro retirado de uma entrevista do Projeto, o qual consiste na combinação do superlativo e do comparativo:

Exemplo 105

começamos a pe/ a pegar pessoas da ru::a... que estavam ali no momento... pra participarem da cena dentro dum ônibus que nós havíamos conseguido da empresa... e todo mundo queria participar daquele jeito o ônibus ia ficar MAIS que **superlotado** porque todo mundo queria aparecer ((riu))... e o pior não é isso o pior é que todo mundo queria aparecer na janelinha fazendo tchau e alô papai e alô mamãe o que era pior ainda né?
(DID/161, linhas 775-782).

Em outro exemplo, temos o emprego do prefixo *ultra-*, menos comum que *super-*:

Exemplo 106

pegou fogo... e HÁ QUEM diga que foi... fogo PROposital... não sei não:: posso garantir nada... porque eu:: havia um certo interesse parece-me que do:: do governo baia::no qualquer outra entidade... de desocupar... aquela região... para::... melhoRI::as urbanas... e o pessoal não queria sair de lá de jeito nenhum... era mais ou menos na::... na beira da:: da praia de:: quase (mangue)... uma sujeira... (que)... que não se pode acreditar a não ser vendo... um mau cheiro... e:: rato correndo para cima para baixo...

e:: lá viviam... a classe... **ultra::-pobre**... [sic] viviam... naqueles barracos... vendiam suas coisas tinha:: a parte de cerâmica artesanato era o::: era típico na Bahia... governo fazia pressão queria pôr... pra fora mas e eles... jamais eles saíam... até que um dia pegou fogo... então corre... boato que o fogo foi PROposital mas não::: posso garantir nada... foi um jeito de acabar... com o mercado de Águas (DID 208, linhas 265-280).

Note-se o grande poder expressivo do prefixo *ultra-*: uma pessoa “ultrapobre” parece-nos muito mais miserável do que uma pessoa “muito pobre”, ou mesmo que uma pessoa “paupérrima”.

4. 3. 2. Pseudoprefixos

Além dos prefixos, vale notar a propriedade de difusão de outros elementos que a eles se assemelham: os pseudoprefixos ou prefixóides (cf. Cunha, 1985: 111). Estes surgem quando um radical grego ou latino intimamente ligado ao significado de um vocábulo composto do qual é parte integrante ganha autonomia semântica, passando a valer pelo todo. Assim, *tele-* (< grego *tēle-*, “longe”), que ocorre com esse sentido em compostos como “telecinesia”, “telégrafo”, “telegrama”, “telepatia” etc., adquire o significado de “televisão” em grande número de palavras como “telenovela”, “teleaula”, “telessala” e no escarnecedor “televizinho”. Assim como *radio-* (< latim *radīus*, *īi*, “raio”), que ocorre, por exemplo, em “radiodifusão” e no vocábulo híbrido “radiotelescópio”, adquire em “rádio”, pela popularização da forma reduzida de “radiofonia”, o valor do todo, passando a gerar novos compostos como “radioator”, “radionovela”, “radiatorrepórter” etc. A seguir, reproduzimos trechos que ilustram o emprego desses pseudoprefixos:

Exemplo 107

L1 bom tem alguns que não:: não se sujeitam né?... pessoas que não se sujeitam... então o indivíduo ele é um ator

cinematográfico-teatral... ele não é **TELEator**... ele não se sujeita... poucos casos se não me engano o Paulo Autran é um deles né? ele não se sujeita a fazer... **telenovela**... (D2/62, linhas 1439-1444).

Notem-se os recursos supra-segmentais empregados para enfatizar o pseudoprefixo em “TELEator” (ver normas para transcrição no final do capítulo 1).

Exemplo 108

Doc. vocês acham que o noticiário em TV tem melhorado bastante
 [
L1 tem pode melhorar mais nesse ponto o o: **telejornal**
 nosso... pode aprimorar bastante... eu acho bastante
 [
Doc. em que sentido
L1 sobretudo nesse sentido que a eh::... que a l. falou...
 éh pegar mais o homem brasileiro e a problemática brasileira... porque nós estamos recebendo ainda MUITO em matéria de **telejornalismo**... as notícias mais imediatas da::... que vêm... pelas agências... éh estrangeiras então... eh::...
 (D2/333, linhas 988-999),

Exemplo 109

evidentemente... éh:: não vou ligar o rádio para ouvir um programas de cri::mes que tenham acontecido no dia anterio::r éh:: éh:: dramatizados para o rádio... e:: ou melhor **radiodramatizados** né? pelo menos por assim dizer... a mesma coisa com televisão... eu escolho muito bem... (DID/161, linhas 801-805).

Note-se a hesitação do falante no exemplo 109. Num primeiro momento, depois de dois “marcadores de hesitação”, ele recorre ao emprego do pseudoprefixo *radio-*, substituindo “dramatizados para o rádio” por “radiodramatizados”. Em seguida, provavelmente por ter percebido que utilizara um neologismo e por, talvez, tê-lo julgado impróprio, faz o comentário metalingüístico autodefensivo “pelo menos por assim dizer”.

QUADRO 13 – Ocorrências de prefixos e pseudoprefixos expressivos por tipo de inquérito

Elocução formal (EF) (280 min)		Diálogo entre dois informantes (D2) (447 min)		Diálogo entre informante e documentador (DID) (390 min)		Total (1117 min)	
N	%	N	%	N	%	N	%
0	0	9	64,29	5	35,71	14	100

QUADRO 14 – Ocorrências de prefixos e pseudoprefixos expressivos por minuto de gravação divididas por tipo de inquérito

Elocução formal (EF) (280 min)	Diálogo entre dois informantes (D2) (447 min)	Diálogo entre informante e documentador (DID) (390 min)	Total (1117 min)
0	0,020	0,013	0,125

Considerações finais

Creemos ter podido demonstrar que a expressividade, na língua oral, é manifestada por intermédio de meios diferentes dos que geralmente se observam na língua literária, uma vez que os falantes, em geral, se valem de recursos estereotipados de expressão. Isso ocorre em virtude das diferenças de produção entre os textos escritos e os textos orais. De fato, ao falarmos em recursos expressivos, não tratamos necessariamente de criatividade ou da originalidade, se considerarmos que a expressividade se dá pela oposição entre o afetivo e o intelectual e não pela oposição entre o individual e o coletivo. Assim, podemos considerar que há efeito expressivo toda vez que ocorre algum tipo de desvio em relação ao emprego intelectual de um vocábulo, de uma expressão ou de um elemento mórfico.

No caso dos afixos, observamos que os desvios em relação à norma se dão de formas várias, seja pelo acréscimo de um sufixo nominal a uma forma verbal, seja pela incompatibilidade de gêneros entre o sufixo e o radical, seja pela coocorrência de um sufixo superlativante e de outras formas de superlativação, seja pela substituição de um sufixo por outro, seja pela utilização de um radical como prefixo etc.

A análise dos exemplos também nos permite demonstrar o grande poder expressivo dos afixos; e, alinhando-nos com Lapa (1975) e Martins (1989), podemos afirmar que os sufixos têm um potencial expressivo bastante superior ao dos prefixos.

Além disso, a análise permite-nos afirmar que, entre os sufixos, *-inho* é certamente o de maior potencial expressivo, não só por poder prender-se a vocábulos de quase todas as classes gramaticais (exceto artigos e conectivos), embora não altere a classe do vocábulo, mas também por possibilitar um número de efeitos expressivos muito superior aos dos demais sufixos. Enquanto os demais sufixos têm, em geral, certos empregos especializados – exprimindo

afetuosidade, pejoração, intensificação etc. – que permitem um número restrito de efeitos expressivos, o emprego do sufixo *-inho* não é especializado em um aspecto expressivo, podendo ser utilizado com finalidades muito mais variadas que os demais dentro de contextos específicos e configurando diversas significações ocasionais.

Outra conclusão a que podemos chegar com base na análise é que o emprego do sufixo *-inho* está ligado a determinados temas, ou seja, alguns assuntos favorecem o emprego desse sufixo mais do que outros. Da mesma forma, pode-se afirmar que os tipos de inquérito também se relacionam a certos empregos específicos do sufixo, de modo que, nos diálogos, que nos parecem ser os inquéritos mais informais e espontâneos, há mais ocorrências de empregos do sufixo com “valor afetivo”, enquanto o emprego com “valor cognitivo” é mais comum nas entrevistas, quando a finalidade do entrevistado é explicar ou descrever algo.

Da mesma forma, a divisão das ocorrências dos afixos por tipos de inquérito permitem-nos estabelecer uma relação entre o número de ocorrências por tipo de inquérito e o grau de formalidade de cada tipo, uma vez que o número de ocorrência de afixos com valores expressivos é maior nos diálogos do que nas entrevistas; e o número de ocorrências nestes dois últimos supera em muito o número de ocorrências nas elocuições formais.

Além de uma conclusão baseada meramente em estatísticas, há outras conclusões a que se pode chegar, posto que, nos diálogos e nas entrevistas, é mais comum que o informante trate de assuntos relacionados a sua vida pessoal, como sua família, suas opiniões e preferências, o que favorece um maior envolvimento do informante consigo mesmo, enquanto, nas elocuições formais, predomina o envolvimento com o assunto de forma mais impessoal. Naturalmente, o falante tende a utilizar maior número de vocábulos ou expressões afetivas quando trata, por exemplo, de seus filhos do que faria se estivesse tratando de um assunto estritamente técnico. Da mesma forma, numa situação mais formal,

evitam-se usos de vocábulos e expressões afetuosas e pejorativas nas avaliações como forma de demonstrar afastamento pessoal e neutralidade em relação ao tema, para conferir maior credibilidade à avaliação. O emprego das formas tradicionais de superlativação também são mais convenientes em situações formais do que o emprego de prefixos como *super-* e *ultra-*, dado que tais prefixos parecem estar acompanhados de um movimento mais exacerbado do espírito. De fato, o emprego desses prefixos não foram observados nas conferências e aulas universitárias.

Vários são, portanto, os motivos que podem explicar o maior número de ocorrências de afixos com valor expressivo em situações mais formais. Nosso objetivo, no entanto, não é o de procurar explicar exaustivamente o que leva o falante a fazer determinadas escolhas de acordo com as situações, mas apenas demonstrar que se pode comprovar que o falante culto faz, consciente ou inconscientemente, essas escolhas.

Por fim, concluímos que os afixos e, em especial, os sufixos são poderosos concentradores de cargas emotivas, fazendo convergir diversos efeitos expressivos e proporcionando ao falante um número quase ilimitado de possibilidades expressivas das quais ele lança mão visando a finalidades específicas, colhendo-as em usos cristalizados dentro do idioma, já internalizados pelo falante com base em sua experiência e seu conhecimento da língua.

Referências Bibliográficas

ALÉONG, Stanley. Normas lingüísticas, normas sociais, uma perspectiva antropológica. In: BÉDARD, Édith et MAURIS, Jacques (orgs.). *La Norme Linguistique*. Québec, Gouvernement de Québec: Paris, Le Robert, 1983.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boca de Luar*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Entrevista: texto e conversação. In: Anais do GEL. Franca, 1991.

_____. A propósito do conceito de discurso oral culto: definições e imagens. In: PRETI, Dino (org.). *O Discurso Oral Culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BELINE, Ronald. A variação lingüística. In: FIORIN, José Luís (org.). *Introdução à Lingüística I: Objetos teóricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Para o estudo descritivo dos verbos irregulares. In: CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dispersos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

_____. Considerações sobre o estilo. In: CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dispersos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

_____. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

_____. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

CARPEAUX, Otto Maria. Uma voz da democracia paulista. In: BANANÉRE, Juó (Alexandre Ribeiro Marcondes Machado). *La Divina Incrência*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

CASTILHO, ATALIBA Teixeira de; PRETI, Dino (orgs.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*: vol. I – Elocuções Formais. São Paulo: T. A. Queirós, 1986.

_____. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*: vol. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queirós, 1987.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DELAS, Daniel. Prefácio. In: *Estilística Estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1971.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. Os Processos de Representação da Imagem Pública nas Entrevistas. In: PRETI, Dino (org.). *Estudos de Língua Falada: Variações e Confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Estratégias de construção do texto falado: a correção. In: KATO, Mary Aizawa (org.). *Gramática do Português Falado*. vol. VI. Campinas: Unicamp, 1996.

FÁVERO, Leonor Lopes. A propósito das marcas de correção no discurso oral culto. In: PRETI, Dino (org.). *Léxico na Língua Oral e na Escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.

GUIRAUD, Pierre. *A Estilística*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1984.

KEHDI, Válder. *Formação de Palavras em Português*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. *Morfemas do Português*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. 8. ed. Coimbra: Coimbra, 1975.

LEITE, Marli Quadros. Língua falada: uso e norma. In: PRETI, Dino (org.). *Estudos de Língua Falada*. São Paulo: Humanitas, 1998.

LYONS, John. *As Idéias de Chomsky*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

MARCUSCHI, Luís Antônio. *Análise da Conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à Estilística: A Expressividade na Língua Portuguesa*. São Paulo: T. A. Queirós, 1989.

MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística: Manual de análise e criação do estilo literário*. Petrópolis: Vozes, 2005.

OITICICA, José. *Manual de Análise (léxica e sintática)*. 6. ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942.

PETTER, Margarida Maria Tadoni. Morfologia. In: FIORIN, Luís Antônio (org.). *Introdução à Lingüística II: Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

PRETI, Dino; LEITE, Marli Quadros; URBANO, Hudinílson. *Documentação Eletrônica Organizada pelo Projeto NURC/SP – Núcleo USP*. São Paulo: Infodigital, 2002. 1 CD-ROM.

PRETI, Dino; URBANO, Hudinílson. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*: vol. III – Diálogos entre informante e documentador. São Paulo: T. A. Queirós, 1988.

_____. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*: vol. IV – Estudos. São Paulo: T. A. Queirós, 1990.

PRETI, Dino. Apresentação. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; PRETI, Dino (orgs.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*: vol. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queirós, 1987.

_____. *A Linguagem dos Idosos: Um estudo de Análise da Conversação*. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais. In: PRETI, Dino (org.). *O Discurso Oral Culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1997.

_____. *Sociolingüística: os níveis de fala*. 9. ed. São Paulo: Humanitas, 2003.

_____. Variação lingüística e faixa etária: interação de idosos. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004a.

_____. Alguns problemas interacionais no diálogo de “idosos velhos”. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004b.

_____. As narrativas na conversação: a reprodução de diálogos. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004c.

_____. As narrativas na conversação (2): falas reproduzidas e falas pressupostas. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004d.

_____. Mas, afinal, como falam (ou deveriam falar) as pessoas cultas?. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004e.

SAID ALI, Manuel. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, s/d.

SILVA, Luís Antônio da. Projeto NURC: histórico. *Linha d'Água*. São Paulo, n. 10, julho 1996, p 83-90.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Estilística Brasileira: o estilo e a sua técnica*. São Paulo: Saraiva, 1964.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. *Gramática e Interação: Uma Proposta para o Ensino de Português no 1º e 2º graus*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

URBANO, Hudinílson. Apresentação. In: CASTLHO, Ataliba Teixeira de; PRETI, Dino (orgs.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. vol. III. São Paulo: T. A. Queirós, 1988.

_____. A expressividade na língua falada de pessoas cultas. In: PRETI, Dino (org.). *O Discurso Oral Culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1997.

DICIONÁRIOS

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DICIONÁRIO MICHAELIS PORTUGUÊS. São Paulo: Melhoramentos, 1998. 1 CD-ROM.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 1 CD-ROM.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houais da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)